





Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional

**Entre intensidades do trabalhar**  
**uma clínica da atividade nas tramas da Oficina de Criatividade**  
**do Hospital Psiquiátrico**

**São Pedro**

Vera Lúcia Inácio de Souza

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Tania Mara Galli Fonseca

Porto Alegre

2012

Vera Lúcia Inácio de Souza

**Entre intensidades do trabalhar**  
**uma clínica da atividade nas tramas da Oficina de Criatividade**  
**do Hospital Psiquiátrico**

**São Pedro**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Psicologia Social e Institucional.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Tania Mara Galli Fonseca.

Linha de pesquisa: Clínica, Subjetividade e Política.

Porto Alegre

2012

Vera Lúcia Inácio de Souza

**Entre intensidades do trabalhar**  
**uma clínica da atividade nas tramas da Oficina de Criatividade**  
**do Hospital Psiquiátrico**

**São Pedro**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Psicologia Social e Institucional.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Tania Mara Galli Fonseca.

Aprovada em 25 de abril de 2012.

**Banca examinadora**

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rosane Azevedo Neves da Silva (PPGPSI/UFRGS)

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Fernanda Spanier Amador (UFRGS)

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marisa Lopes da Rocha (PPGPS/UERJ)

*À Clarisse Totti (in memoriam).*

*Às trabalhadoras de um entre mundos.*

## **Agradecimentos**

À Tania Mara Galli Fonseca, pela orientação em estudos tão viscerais, acerca dos quais as intensidades da vida cavoucam expressividades; e, por sua mão frágil e forte, pegando em meu braço e fazendo em muitos momentos uma conexão sensível à atividade de pesquisar.

Às trabalhadoras, aos estagiários e aos voluntários, integrantes da Oficina de Criatividade e do Ateliê de Artes do Hospital Psiquiátrico São Pedro, por sua abertura aos encontros e às experimentações que empreendemos juntos, e, com as quais pude captar forças para inventar um *si-pesquisadora*.

Aos pacientes frequentadores da Oficina e do Ateliê, por ainda expressarem, através de seus passos, olhares, gestos e poucas palavras, uma atividade psíquica que resiste e que nos incita a testemunhar suas singulares existências.

À Fernanda Spanier Amador, pelos inúmeros e intensos encontros que sempre me ressoam como expansão da vida; e, por ter acompanhado e guiado minha aproximação aos estudos da Clínica da Atividade e da Ergologia, em seu enlace com a Filosofia da Diferença.

Às professoras da banca de qualificação, Rosane Neves, Gislei Lazzarotto e Fernanda Amador, pelas elaborações e apontamentos que compuseram um tracejado que visava dar consistência às intensidades que se apresentavam naquele momento, e que reverberaram nesse percurso.

À professora Marisa Rocha, pela acolhida em compor a banca de defesa; e, pelos apontamentos na Oficina de Textos, ainda quando essa pesquisa vertia por outros rumos.

À equipe do Acervo da Oficina de Criatividade e ao grupo de pesquisa Corpo, Arte e Clínica, pelas discussões e leituras que nutriram esse estudo.

À Andresa Thomazoni e à Viviam Lockmann, pelas primeiras lições diante das cem mil obras por catalogar/ fazer-falar.

À Juliane Farina, por um sopro no anteprojeto; e, por sua voz de som e de letras.

À Julia Dutra e ao Leonardo Garavelo, por nosso encontro encaracolado nos tempos do mestrado, tecido por cafés-conversas e por correspondências que apostavam em mergulhos e garras cravadas na folha à deriva.

Aos trabalhadores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, por criarem e manterem as possibilidades dessa formação.

À Ana Helena Amarante, por seu modo de trabalhar alegre, desdobrando fazeres

sem premissas (exceto aquelas que perseguem aprisionamentos!); e, pela companhia em voar por veredas em que a vida sempre pode mais, quer mais.

A Priscila Prior, por uma terapêutica que, além de cuidar dos nós de mobilidade, trouxe alegria aos finais de tarde, durante meus dias de escrita.

Ao Pró-Reitor de Gestão de Pessoas, Maurício Viégas da Silva, e à Vice-Pró-Reitora de Gestão de Pessoas, Vânia Cristina Pereira, pelo apoio ao meu afastamento do trabalho na etapa de conclusão dessa pesquisa.

Aos colegas - com quem trabalhei em diferentes momentos - da Divisão de Ingresso, Mobilidade e Acompanhamento da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas, Eliana Ventrini, Michele Riella, Rosani Nicoletti, Patrícia Luz, Débora Lipp, Angélica Giacomet Schaefer, Márcia Reis, Arão Moraes, Tatiana Sturmer, Cristiane Endres, pelo apoio durante o curso de mestrado; e, pelo desafio de um trabalho coletivo que insistimos em fazer ressoar.

Às colegas e amigas, Thaís Sarmiento e Julia Becker, por um *primeiro* coletivo de análise da atividade, e à Fernanda Amador pela assessoria nesse experimento.

Aos demais colegas do Departamento de Atenção à Saúde e da Divisão de Capacitação da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas, pelos percursos e encontros que apostam no fazer-pensar saúde, formação e gestão em indissociabilidade, junto aos servidores da Universidade.

Às amigas, Silvia Reis, Etiane Araldi, Carolina Chassot, Livia Cáceres, Rebeca Donazar, Julia Bongiovanni, Mariana Pires, pelo entremeio do viver, com quem também pude compartilhar diferentes modos de pensar a pesquisa e a potência da amizade.

Ao Álvaro Luna, por ter vislumbrado um jeito que queria coincidir histórias com a folha de papel.

Ao Tiago Bielefeld, pelas delicadezas entre os tempos de finalização dessa escrita.

Ao Vitor Butkus, pela fabulação no viver que me faz flutuar junto aos seus passos; e, pelo procedimento *duas linhas-dois sorrisos* (funcionou!).

À Manoela Carpenedo, pelo carinho que se expande pelo mundo, criando encontros e percursos que fazem nossa amizade se desdobrar; e, pela ajuda com aqueles *detalhes* indispensáveis.

À Sara Hartmann, pelos insistentes sopros na poeira em nome de um testemunhar; pelas primeiras leituras, sempre vibrantes; e, pelas conversas que



tropicam por aí, tecendo uma amizade que se expressa entre intervalos e poesias.

À Fabiana Arenhardt, pelo modo coletivo de *arquiteturbanagens* que fez aquecer uma rede de cuidados intensivos durante a escrita; e, pelas aventuras imaginárias que ainda inventaremos.

À Juliana Patrício, pelo carinho de sempre e alegria por vir.

Aos manos, cunhadas, tios, tias, primos e primas pelo carinho e apoio naqueles momentos imprescindíveis.

Aos queridos, Stephanie, Lucas, e Henrique, pelas alegrias de suas brincadeiras e conversas; e, pelas curiosidades sobre o trabalho de psicóloga que, nos almoços dominicais, enunciavam o que muitos queriam saber.

À minha mãe e ao meu pai, pelos anos de dedicação ao trabalho familiar, através do que criaram uma rede expansiva, tecida com muito cuidado e amor.

## Índice

Resumo .....	12
Abstract.....	13
ENTRADAS E SAÍDAS .....	14
Prólogo: a escrita em branco .....	20
I ATIVIDADE: UMA INTERCESSORA.....	22
Entrar em atividade.....	25
Entre dramas e devires: histórias inventadas .....	28
Uma pesquisa-clínica-da-atividade.....	31
II PLANO INTENSIVO: VEREDAS EM UM TERRITÓRIO .....	33
Conversas: por um entrar.....	36
Ziguezagues em um território: uma oficina em variação .....	37
Na vizinhança de um rosto, por um clínico-institucional .....	47
III PROCEDER NO PRESENTE: ESCRITA, ATIVIDADE, COLETIVO E PROPOSIÇÃO-PROBLEMA .....	52
Sob um instante instável .....	53
Escrita em atividade e atividade em escrita.....	56
Experimentações em situação de trabalho.....	60
Análise coletiva da atividade .....	62
Proposição-problema: fazer pensar o inimaginável.....	65
Uma proposição-problema: por um plano comum entre a Oficina e o Ateliê.....	69
Rede de análises.....	71
IV INDISCERNIBILIDADES: ENTRE IMAGEM, LOUCURA, ENUNCIADOS E GESTOS .....	72
Indiscerníveis: entre imagem, atividade e tempo .....	74
Indiscerníveis: entre estilo e gênero (multi)profissional .....	78
Ritornelos da loucura: gestos através de indiscernibilidades .....	82

Tendências indiscerníveis.....	87
V GÊNEROS (MULTI) PROFISSIONAIS: ESTILIZAÇÕES ENTRE CUIDADO, EXPRESSÃO, CLÍNICA .....	88
Gênero do cuidado: entre hábitos, paradoxos e invenção .....	91
Gênero da expressão: entre inspirações, desafios e <i>clandestinagem</i> .....	103
VI PLANO COMUM: COLETIVO, TERRITORIALIZAÇÕES, REDE E TEMPO .	118
Territorializações: entre infiltrações, chaves sonhadas e perdas .....	122
Rede e suas disjunções .....	130
Entre tempos: expectativas, cotidiano e carreira .....	133
Intervalo.....	136
Um riso .....	138
ENTRADAS E SAÍDAS' .....	139
Referências .....	146

## Resumo

Esta dissertação aborda o encontro entre fazeres intensivos que envolvem o trabalhar, o pesquisar e o ativar-se, buscando ser, sob cada instante presente, uma linha delicada entre fazer e pensar a atividade que fazemos. Por essa via, nosso problema de pesquisa percorre as expressividades que surgem *co-implicadas* nos mais imperceptíveis gestos e palavras que compõem os fazeres que realizam e desrealizam, através de um real da atividade capaz de incitar o pensar e o agir, sobretudo, pelas intensidades que advém de um território. Acerca deste, situamos a pesquisa junto aos trabalhadores da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro, o que se faz em indissociabilidade entre usuário, pesquisadora e o agenciamento que os produz. Nesse percurso, tomamos a atividade, a partir dos campos da Clínica da Atividade e da Ergologia, como uma intercessora para compor e desdobrar as expressividades dos modos de trabalhar. Para tanto também discorreremos, sobretudo, através do conceito de territorialização, advindo da Filosofia da Diferença, em que se engendra um tempo que se repete, passível de ser amplificado em sua potência de diferir. Como procedimentos metodológicos, propomos um Dispositivo Clínico-Institucional de Análise da Atividade, em que suas linhas desdobram-se através da escrita da pesquisa, do acompanhamento das situações de trabalho e da análise coletiva da atividade. Pinçamos movimentos em desterritorialização, vislumbrando um plano comum de análise da atividade, através do qual se tornam visíveis algumas de nossas problemáticas, entre as quais, a indiscernibilidade da imagem, da loucura, dos enunciados e gestos que se contraem e se expandem sob os modos de trabalhar; as territorializações de um gênero (multi)profissional e suas estilizações - entre cuidado, expressão e clínica- no encontro com usuários, componentes arquitetônicos e, sobretudo, com os movimentos da reforma psiquiátrica; e, as análises da atividade coletiva como instrumento sutil e amplificador das ações do coletivo de trabalho. Por essas vias, tramamos essa escrita com vistas a fazer proliferar a potência clínica de uma memória coletiva do trabalho e, também, apostando no que segue diferindo, sob cada instante móvel, no cotidiano das vidas que se produzem nesse território.

**Palavras-chave:** Trabalho – Clínica da atividade – Oficinas Expressivas de saúde mental

## **Abstract**

This thesis focuses on the intersectionality of intensive processes involving work activity, research activity and a self reflexive ethical activity, by looking forward to trace the tenuous line between act and thought of the performed activity. In this way, this research highlights the expressivities that emerge in a co-implied interaction co-implied in the most untraceable gestures and words which compose the set of tasks that perform and des-held the activity itself. The real activity is able to incite thinking and acting processes, through the intensities conferred by a territory. Having this in mind, this research deals with a specific group of workers. They are workers of a Creative Workshop situated in the Psychiatric Hospital São Pedro. It is also important to stress the intertwined relations that involves this specific group of workers, the final user of mental care, the researcher and the agency that produces the research scene itself. In this study, the activity is understood through the framework proposed by Ergology and Clinic of Activity, this in order to compose and trace the expressivities that are inherent regarding pluralistic modes of work. Taking this aim into consideration, I highlight as well the important role played by the concept of territorialization - from Philosophy of Difference -, which enable us to see how a time is engendered in repetition, which can be amplified concerning its potential of differing. As methodological procedures, I propose a clinic-institutional device for the analysis of activity. This method implies on the research writing process itself, the field work conducted through observation of work situations and a focused group analysis of this workers. This research aims to track the deterritorialization movements performed by this group of workers, envisioning a common plan of activity analysis, through which some of the problematics become visible, including an indiscernibility of image, madness, statements and gestures which can be expanded or contracted regarding the different ways of working. In addition, I would like to put in evidence (multi) professional territorializations and its esthetics - between care, expression and clinic- regarding the encounter with mental care users, architectural aspects and the movements of the psychiatric reform in Brazil. Moreover, I also stress the relevance of the collective analysis of activity, since it emerged as an important subtle tool concerning the actions and elaborations produced within the group. Taking all these elements into consideration, this study aims to proliferate the clinical potential expressed by a collective memory of work, by highlighting the points of difference considering the daily life produced by this territory.

**Key words:** Work – Clinic of Activity – Creative Workshops on mental health

## ENTRADAS E SAÍDAS

*Eu penso que quando se quer alguma coisa, tem que lutar para conseguir. A gente escreve ou tem na mente, pode demorar muito tempo, mas chega lá - fazer - prá conseguir fazer, tem que começar de algum jeito, escrevendo, falando, procurando, perguntando, assim se vai em frente<sup>1</sup>.*

---

<sup>1</sup> Lydia Francisconi, 2010, p. 83. Participante da Oficina de Criatividade.

Estamos entre pesquisar, trabalhar, ativar-se. Encontro de fazeres intensivos que percorrem veredas de um território em que os ritmos se tornam expressividades. Destas, sentimos suas forças esganiçantes, com suas vozes difusas.

Iniciamos essa escrita escrevendo um bilhete: Se traia!

Descentramos-nos de um eu, como necessidade para não sucumbir. É preciso desdobrar-se, sair da perplexidade do não. Com isso, surge uma escrita miúda que acompanha as intensidades, fazendo de si rastros de uma enunciação coletiva em disjunção, os quais pouco se deixam a ver, a não ser pela extração daqueles movimentos quase imperceptíveis. Estar entre nos situa nessa *pequenez* molecular, em que algo nos pede passagem. Trabalhar, pesquisar, desse modo, trai o previsto, prescrito, para captar modos de existência, para ser, sob cada instante presente, uma linha delicada entre fazer e pensar a atividade que fazemos.

Quando pesquisamos, hesitamos em saber se é mesmo possível escrever.

Quando trabalhamos, hesitamos se é possível agir.

Entre entradas e saídas, percorremos passagens tortuosas do viver, impregnadas por infiltrações do tempo e clandestinagens dos gestos. Pinçamos das palavras de Francisconi, referidas na epígrafe acima, as forças que alimentam e assolam o encontro com um fazer qualquer. Nessa experimentação acolhemos as incertezas, os imperceptíveis, como forma de ultrapassá-los. Com isso, fazemos uma clínica da atividade pelas bordas do encontro de conceitos e de saberes investidos no fazer. Tateamos estes com uma coragem prudente<sup>2</sup>, procurando manter uma tensão acerca da problemática que vai se constituindo na escrita.

Por essa via, nosso problema de pesquisa percorre as expressividades que surgem *complicadas*<sup>3</sup> nos mais imperceptíveis gestos e palavras que compõem os fazeres que se realizam e se desrealizam. Falamos de um *real da atividade*<sup>4</sup> que agita os corpos, conferindo-lhes movimentos e velocidades entre o pensar e o agir, sobretudo, pelas intensidades que advém de um território. Através disso, os modos de trabalhar vão ganhando ritmos operados pelas indiscernibilidades, compondo enunciações coletivas

---

<sup>2</sup> Kastrup, 2007, p. 238.

<sup>3</sup> Zourabichvili, 2004, p. 13.

<sup>4</sup> Clot, 2010b, p. 103-104.

de um dado espaço-tempo que nos instiga a duplicá-lo, dando-lhe sopros e escritas para que expandam os modos de vida que lhe são imanentes.

Referimo-nos àquelas expressividades dramatizadas por trabalhadores da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Entre estes, temos estagiários, voluntários e funcionários das áreas da saúde e das artes, e, ainda, da área administrativa. Ainda que optemos por denominá-los como trabalhadores, cabe ressaltar que falamos de algo que preexiste à forma sujeito-trabalhador, uma vez que *um ser não é o sujeito, mas a expressão da tendência e, ainda, um ser é somente a expressão da tendência à medida que ela é contrariada por uma outra tendência*<sup>5</sup>. Por essa via, também buscamos não distinguir seus gêneros, formações e cargos, pois os tomamos como efeitos de uma enunciação coletiva. Trata-se assim da dramaticidade de um si, como um jogo que opera sob os dinamismos espaço-temporais, em que estes se fazem expressivos através dos corpos que lhe conferem passagem. A partir de um *entre-deois*, produzem ritmos ao território que também os produz.

Tal território poderia ser denominado como Oficina de Criatividade, contudo desde a perspectiva de que o tomemos como uma assinatura em *zigzague*<sup>6</sup>, agitada por algo que não cessa de correr, no mínimo, *entre-deois* componentes intensivos. Através de seus ritmos datados desde o ano de 1990, organiza-se de diferentes modos como espaço de atividades expressivas para os usuários do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Entre esses modos, tomaremos como campo de estudo a Oficina de Criatividade, propriamente dita, e o Ateliê de Artes, que embora contido na estrutura hierárquica da Oficina, tem se distinguido desta em seu modo de organização do trabalho, traçando o que poderíamos chamar de um processo de individuação. Cada qual tem características que sobrepõem e se dão a ver por rostidades, as quais são fruto de uma máquina que os produz. Assim, temos dois efeitos de assinaturas em *zigzague*, expressando modos de trabalhar que ora se aproximam e se distanciam, ora contraem e expandem gestos e palavras.

Brevemente, podemos já apontar alguns aspectos de um presente que nos instiga a pensar nas produções que antecederam e envolvem ambos os espaços, assim como no que essa bifurcação territorial está se tornando, nesse instante, enquanto escrevemos.

---

<sup>5</sup> Deleuze, 2010, p. 39.

<sup>6</sup> Deleuze & Parnet, 1998, p. 14.



Como proposição e divisão do trabalho, a Oficina disponibiliza aos seus frequentadores, que são majoritariamente moradores do Hospital, materiais para pintura e desenho. Além disso, alguns dos pacientes circulam por este espaço tomando-o como lugar de convívio, onde, então, conversam, tocam violão, cantam, auxiliam na limpeza de materiais, tricotam, bordam, jogam, tomam café, ou apenas lá ficam. Já o Ateliê tem como frequentadores, sobretudo, pacientes externos, ou seja, que circulam na rede de saúde mental da região, os quais dispõem de materiais diversificados para a produção de pintura, desenho, artesanato, bordado, papel machê, modelagem em argila. Assim, experimentamos estar *entre-dois*, circular, perceber seus meios e ritmos. E na medida em que vão fazendo-se expressão de um espaço-tempo, pinçaremos, nesse estudo, àqueles que se referem aos modos de trabalhar, enquanto gênese de um virtual que se atualiza nos fazeres.

Diante desses componentes territoriais, desdobramos um trabalhar, um pesquisar, um escrever, um agir, de forma que estes se embaralhem e constituam outros duplos, com outras tantas palavras. Por essa via, perseguimos rumores naquilo que, ao se tornar visível com nosso encontro, já se torna outra coisa, enquanto nós também nos tornamos. Falamos de um *devir-mulher no trabalho* que espreita os corpos em composição, fazendo destes o ensejo para transgredir as formas que lhe são destinadas.<sup>7</sup> Nessa duplicação dos modos de vida que se expressam pelo trabalhar, tomamos o pensar-agir através de palavras e gestos que surgem impregnados por dramatizações de um território e envolvem o plano conceitual da clínica da atividade, da ergologia, da filosofia da diferença e suas outras vizinhanças. Entre estes passamos a habitar um plano que não prescinde de um efeito indiscernível.

Variamos. Desvairamos.

Nesse percurso, também tomamos os pareceres, elaborados pelas professoras da banca de qualificação, assim como as discussões nas oficinas de textos e orientações, no âmbito do grupo de pesquisa, como ancoragens que apontam para índices deste plano conceitual. Dessa forma, os assumimos como marcas a serem desembrulhadas em um tempo presente, sob o qual se quer prescindir de uma linearidade cronológica, com vistas a fazer abrir as veredas que alinhavam conceitos e as intensidades experimentadas em um território compartilhado com os trabalhadores da

---

<sup>7</sup> Negri, 2001, p.29.

Oficina e do Ateliê. Assim, em um instante, por uma palavra ou situação qualquer, somos também diluídos e conectados com outros pensamentos. Uma dissonância experimentada com prudência, bordejando, maquinando outros territórios, outros meios de vida, que dêem um ritmo e uma produção crítica feita entre-dois.

Surge um modo de criar as linhas problemáticas dessa pesquisa. Aos poucos, a pesquisa vai se percebendo engendrada pelo que escreve. Entres os impasses, entrecruzamentos e seleções, apresentamos as linhas que pretendem construir um plano de consistência para nossas problematizações acerca da atividade que se engendra através das intensidades do trabalhar.

Por essa via, partimos tomando o vaivém da atividade como uma intercessora, capaz de nos fazer traçar um plano conceitual em que espiamos as frestas dos movimentos e velocidades de um pensamento-ação que se produz nas dimensões da pesquisa e do trabalho. Trata-se de uma *espionagem* que já é criação dos modos de fazer algo, acerca do que o pensar-agir implica percorrer *um caminho entre impossibilidades*<sup>8</sup>, em que não se cessa de inventar uma história para os gestos que se contra-efetua no curso do trabalho.

A partir disso, traçamos um mapa intensivo que, através de veredas percorridas, vai nos dando pistas das territorializações que se envolvem as tramas expressivas da Oficina e do Ateliê, sobretudo, por sua bifurcação na organização do trabalho. Com isso, passamos a captar as expressividades que marcam *índices*<sup>9</sup>, que dão ritmo ao tempo que se entrevê por suas bordas.

Como procedimentos metodológicos, buscamos proceder no presente, pinçando linhas em desterritorialização através da criação de um Dispositivo Clínico - Institucional de Análise da Atividade, que busca captar forças através dos modos de fazer ver, fazer falar e fazer escrever as intensidades que acontecem *entre-dois*. Para tanto realizamos acompanhamentos das situações de trabalho e encontros de análise coletiva da atividade. Estes últimos envolveram a produção fotográfica realizada pelos trabalhadores com vistas a amplificar as singularidades que se situam nas fronteiras entre um trabalho realizado e o real da atividade. Com isso, não prescindimos de desdobrar os efeitos de um agenciamento territorial que dinamiza indiscernibilidades, as

---

<sup>8</sup> Deleuze, 1992, p. 166.

<sup>9</sup> Deleuze, 1997, p.121.

quais, ao se tornarem visíveis, deixam rastros através dos fazeres, como expressão dos componentes que atualizam. Nessas veredas experimentadas durante o pesquisar, a escrita se torna uma das linhas desse dispositivo, como efeito da implicação/transdução que se propaga entre os encontros, fazendo de nosso percurso uma tomada de forma, uma variação em si também em decorrência das indiscernibilidades que se sucedem.

A partir disso, percorremos as tramas entre as situações de trabalho e as análises da atividade que surgiram como efeito do dispositivo, as quais apontam para linhas de visibilidade, de força e de subjetivação do agenciamento que lhe é imanente. Assim, tomamos os rastros das indiscernibilidades entre imagem, loucura, enunciados e gestos. Entre esses elementos pinçamos estilizações criadas no curso da atividade, as quais acessam as virtualidades de um trabalhar, povoando um plano de singularidades entre trabalhadores, pacientes e pesquisadora.

Outra via problemática que percorremos são as que envolvem o gênero profissional, diante do que vislumbramos o ensejo de denominá-lo (multi)profissional. Isso, pois além de se tratar de trabalhadores de diferentes áreas, tomamos também componentes territoriais para pensar no gênero como composição de linhas de cuidado e de arte, além de uma clínica que se faz transversal. Assim captamos traços dos modos de trabalhar em que as profissões se deixam deslizar, como produto de um território multiprofissional em que os planos técnicos e discursivos se colocam em disjunção. Falamos, sobretudo, de fazeres que transitam entre hábitos enrijecidos e contemplações do *novo*, sobretudo, pelo real da atividade que não cessa de os interpelar e pelas articulações que decorrem das proposições da reforma psiquiátrica.

Por fim, mas através do que se passa no percurso da pesquisa, traçamos um plano comum, em que fazemos da pesquisa corpo de passagem para inquietações intensivas entre os modos de trabalhar na Oficina e no Ateliê. Nesse encontro lançamos proposições de realizar encontros coletivos de análise também a partir da produção fotográfica, contudo reunindo as equipes dos dois espaços, na tentativa de traçar o que se cria de comum e por quais vias se produzem as territorializações desse comum. Com isso, selecionamos as discussões que envolveram movimentos em que o coletivo de trabalhadores ativa-se diante dos componentes territoriais que se fazem expressão em seu trabalho. Entre estes, destacamos as marcas operadas por índices arquetônicos e sua relação com as condições de trabalho; por índices de uma rede que aponta para as

tramas disjuntivas entre a gestão no cotidiano de trabalho e as políticas que lhe são concernentes; e, ainda, por sorrateiros modos de pensar o gênero do trabalho, que chamaríamos (multi)profissional, em suas variações diante do tempo, que ora se repete, ora se diferencia.

Antes de desdobrar tais linhas problemáticas, pinçamos um meio de onde os modos de trabalhar nos chegam, nos pedindo passagem.

### **Prólogo: a escrita em branco**

Chegamos ao percurso dessa pesquisa através das escritas dos diários da Oficina de Criatividade que, logo, povoaram nosso pensamento e fisgaram nossos gestos. Delongadas por esses encontros, as escritas dos trabalhadores fazem pensar nos devires que transversalizam sua existência, fazendo sobrepujar uma vida para além de suas identidades, seus saberes. No encontro com a loucura, surgem escritas com fragmentos de um cotidiano que se deixa afetar e dizer por muitos rostos. Pegamos um fragmento pelo meio, que é como ele nos chega, e passamos a ressoar com suas palavras: duplicamos as dramáticas que lemos a partir do que nos afeta. Buscamos predicados que atualizem os corpos, através de uma vertigem por traçar uma paisagem rítmica para o que aquelas cenas de trabalho fazem ver e falar. São como pistas de um fazer que envolve pacientes hospitalizados, trabalhadores de saúde mental, num espaço de produção expressiva dentro de um aparato do Hospital Psiquiátrico. Surgem escritas sobre o acompanhamento de alguns pacientes, sobre a organização de festinhas, visitas, passeios, entre outros. Despontam pedidos, reiterados, para que os trabalhadores escrevam, o que nos faz vislumbrar a repetição de um fazer que silencia. Estariam exauridos de tal tarefa? Que outras estariam fazendo?

Aos poucos vamos compondo uma atmosfera através do que está escrito, e para além deste. Instigados por isso, vemos-nos buscando vestígios nas linhas em branco, entre uma escrita e outra. O que teria se passado nesse entre? Intervalos que funcionam como impressões em branco, e parecem dizer de uma vida que foi fazer outra coisa.

*A vida em C não é branca*

*Nem limpa, nem a minha*

*Nem em mim vinha*

*Mas o verso. Tinha.*

*e alguém ainda dizia*<sup>10</sup>

Como suportar os silêncios das linhas brancas? São silêncios? Que gestos e afetos imprimem-se na linha branca dos diários da Oficina de Criatividade? Que lupas nos ajudariam a ler o branco dessas linhas?

Um pouco de vento, por favor.

Já não podemos seguir, sem pensar naquele branco, sem pensar em encontrar aqueles trabalhadores que escrevem.

Troçamos nas sinuosidades da escada entre o Acervo a Oficina. Enquanto rolávamos abaixo, surgiam questões, entre as quais: o que diriam os trabalhadores sobre os escritos arquivados e sobre este fazer?

Suspendemos as leituras dos diários. Passamos a querer o encontro: com o *verso* e com as vozes que envolvem os dinamismos espaço-temporais ali envolvidos.

A escrita em branco nos lança aos dramas que o real da atividade empreende, fazendo, não somente das palavras, mas do que fica entre estas, a expressividade de uma série de gestos e pensamentos que habitam fronteiras indiscerníveis. Diante das quais, acreditamos que a invenção dos modos de trabalhar é imanente, e pode ser amplificada enquanto poder de agir.

---

<sup>10</sup> Hartmann, 2011, p. 53.

## I ATIVIDADE: UMA INTERCESSORA

*A criação se faz em gargalhos de estrangulamento<sup>11</sup>.*

*Pegar as pessoas em flagrante delito de fabular é captar  
o movimento de constituição de um povo<sup>12</sup>.*

---

<sup>11</sup> Deleuze, 1992, 167.

<sup>12</sup> Idem, ibidem, p. 157.

Encontramos, nesse *entre* do percurso da pesquisa, o conceito de atividade. Vemo-nos em um movimento outro. A cabeça se ergue<sup>13</sup>, inevitavelmente, atravessamos o tempo: a pesquisa e o trabalho<sup>14</sup> se proliferam, entremeando-se de vigor. A pesquisa ganha outras dimensões. Aproximamo-nos, assim, de operadores conceituais que forcem a pensar os modos de trabalhar no âmbito da Oficina de Criatividade e do Ateliê de Artes do Hospital Psiquiátrico São Pedro, amplificando e dando destaque à temática do trabalho em saúde mental.

Situamos esse estudo sob um plano em que um dos pontos intensos percorre o conceito de atividade tal como vem sendo pesquisado por Clot, na Clínica da Atividade, e por Schwartz, na Ergologia. Apontamos, inicialmente, que Clot parte da ideia de que a tarefa refere-se *àquilo que deve ser feito, enquanto a atividade é o que se faz*<sup>15</sup>. Contudo, o autor avança seu estudo com a proposição de que a atividade realizada não converge com o real da atividade. Isso, pois esta envolve também:

*(...) o que não se faz, o que se tenta fazer sem ser bem sucedido – o drama dos fracassos – o que se desejaria ou poderia ter feito e o que se pensa ser capaz de fazer noutra lugar. E convém acrescentar – paradoxo frequente- o que se faz para evitar fazer o que deve ser feito; o que deve ser feito, assim como o que se tinha feito a contragosto*<sup>16</sup>.

Por essa via, a clínica da atividade propõe colocar todas essas dimensões da atividade em análise, através de procedimentos desenvolvidos pelo autor.

Já Schwartz, situa sua pesquisa sob uma perspectiva científica e filosófica denominada Ergologia, a qual estuda o trabalho humano em todas as suas dimensões, numa orientação epistêmica. Insere-se, desse modo, no campo das Clínicas do Trabalho, juntamente com a Clínica da Atividade. A atividade, para esse autor, *aparece como*

---

<sup>13</sup> Barthes, 2004. Conforme: *Numa palavra, nunca lhe aconteceu ler levantando a cabeça? É essa leitura, ao mesmo tempo irrespeitosa, pois que corta o texto, e apaixonada, pois que a ele volta e dele se nutre, que tentei escrever.* (p.26)

<sup>14</sup> Atualmente trabalho na Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, acompanhando servidores técnico-administrativos nos processos de ingresso, mobilidade e outras situações que emergem no campo do trabalho. Estamos, em conjunto com a equipe em que trabalho, construindo estratégias de acompanhamento de equipes de trabalho da Universidade. Nesse sentido é que essa pesquisa e o trabalho que desenvolvo como psicóloga ressoam um no outro.

<sup>15</sup> Leplat & Hoc, 1983 apud Clot, 2010b.

<sup>16</sup> Clot, 2010b, p. 103-104.

*produtora, matriz de histórias e de normas antecedentes que são sempre renormalizações no recomeço indefinido das atividades*<sup>17</sup>.

Diante dessas perspectivas, ressaltamos que não tomaremos as proposições metodológicas que esses autores empreendem em seus estudos como diretriz estrita desse percurso, embora utilizemos discussões que surgem no entorno de tais procedimentos de pesquisa. Assim, fazemos um uso do termo atividade, com aproximações à pesquisa de Amador<sup>18</sup>, a qual desdobra seus estudos entre os referenciais das clínicas do trabalho e da filosofia da diferença.

Esta última abordagem nos instiga a percorrer conceitos que não se colocam como formas acabadas, pelo contrário, se colocam em trânsito, eles próprios inapreensíveis em sua totalidade. Fazem-nos, com isso, provocações que acabam por nos jogar nesse fluxo dos movimentos e velocidades, diante do qual nunca sabemos se estaremos fortes ou fracos. Assim, mais do que conceitos que se movem, com estes, nos vemos num movimento entre um abismo e um alento, em que as indiscernibilidades que daí decorrem se tornam a força para percorrer caminhos desconhecidos, para captar composições territoriais impensadas<sup>19</sup>. A partir disso e mais especificamente, estamos interessados em percorrer as intensidades que se escavam nos corpos que trabalham, enquanto trabalham, para que trabalhem, ou mesmo, para que não trabalhem. Assim, nos parece premente pensar nos modos com os quais esse escavar engendra um tempo que se repete, e que, acreditamos, pode ser amplificável em sua potência de diferir.

Desde essa trama, tomamos a atividade como uma intercessora provocante e subversiva para pesquisar um trabalho, pois esta nos incita a tecer conversas entre planos conceituais que, antes de colocar-se ao lado das certezas, vai na direção do que é indiscernível, do que fica entre-dois. Nesse sentido, este conceito vai produzindo um ritmo, por vezes descompassado, em que suas circunstâncias povoam nosso território. Passamos a vislumbrar fissuras, impasses, implicações e, sobretudo, o inacabamento de um fazer, o que se torna propulsor para pensar-agir através dos modos de vida, para que possam se expandir. A atividade que buscamos engendrar nessas tramas é aquela

---

<sup>17</sup> Schwartz, 2000a, p. 42.

<sup>18</sup> É preciso dar um destaque especial aos encontros com a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Fernanda Amador, momentos em que além dessas aproximações teóricas terem se produzido, pudemos discutir algumas das problemáticas que foram sendo alinhavadas durante a pesquisa.

<sup>19</sup> Inspirado em: Machado, 1996; Rolnik, 1996.



humana que vemos se encarnar nos corpos dos trabalhadores e seus modos de existência. Contudo, também é aquela inumana que se impregna nos corpos dos objetos, dos elementos arquitetônicos, e das políticas de saúde mental. Temos, desse modo, um agenciamento territorial que, através de suas linhas de subjetivação, de enunciação e de força, atualiza potências humanas e inumanas<sup>20</sup>.

Com isso, interessamo-nos em experimentar o encontro com essa trama que engendra corpos e pensamentos, em um jogo que nos lança entre o embate do real da atividade e a prescrição da tarefa. Isso, pois é no plano desse embate que as dramáticas da vida ganham vias de se atualizarem. Constituem-se por vizinhança, por indiscerníveis ações-pensamento, sob uma transitoriedade do instante, que, paradoxalmente, faz delas a expressão de um agenciamento que dura, diferindo-se.

Tomamos a atividade como uma navalha em deslizamento constante. Um entre outros conceitos que se entrelaçam à trama, trazendo sua história e, ao mesmo tempo, acompanhando e embaralhando-se com outros componentes em um presente que se quer devir. Trata-se de um plano de composição em experimentação, em que os conceitos se agregam a partir das intensidades que os compõem<sup>21</sup>. Diante disso, nos esforçamos por captar linhas de um plano estético da atividade de pesquisar, tornando-se meio de passagem para uma trama de agenciamentos no encontro com trabalhadores. Assim, a estética na escrita se enreda com a matéria que estudamos. Uma atividade propulsora à criação, que supomos enredar-se com uma estética da própria vida de quem - nos dinamismos espaço-temporais que se imbricam a este percurso - trabalha, ensina, lê, aprende, enfim, se compõe com as terras que essa trama possa provocar.

### **Entrar em atividade**

Derivamos das escritas arquivadas. A linha em branco dos diários mofa, e passamos a ver cores e sons de uma opacidade inaudível. Operada pelo tempo, a cada dia a matéria de suas folhas difere de si. Abandonamos os diários enquanto material empírico por entendermos que se trataria de uma veia que traria problematizações,

---

<sup>20</sup> Deleuze, 1990;

<sup>21</sup> Deleuze & Guattari, 1992, p. 29-31.

embora potentes quanto à atividade que se engendra entre o ler-escrever-fazer, inviáveis de serem desenvolvidas nessa pesquisa. Todavia, elas ainda nos acompanham, por um deslizamento que, aos poucos, nos possibilita bifurcar diante de outras problemáticas. Isso, pois é a partir delas que imaginamos os gestos e as palavras que poderiam ser inscritas nos espaços em branco, e que não se realizaram. Poderíamos imaginar algo de um gênero fantástico, em que todos os gestos e palavras estivessem escritos, uma espécie de *babel*<sup>22</sup> de diários de trabalhadores. Essa imagem põe em cena algo importante quanto ao trabalho, desde o ponto de vista da Clínica da Atividade, tal como já mencionamos acima acerca da dimensão do real da atividade. Assim, desde o ponto de vista do real da atividade - não apenas pela linha em branco, mas através dela - tem-se um pedido não atendido, um não fazer-escrever, que se inscreve na história daquele trabalho, recria um *meio de vida*<sup>23</sup>, afeta os modos de trabalhar, e, conseqüentemente, a *organização do trabalho*<sup>24</sup>.

*Obediente*, observa aflita a ventania à espera de uma rajada que a faça preencher os diários. Permanece atônita, quer desistir. A exigência por um *comunicar-se* através dos diários coletivos alimenta uma pretensão de registrar todos os gestos dos pacientes. Sufoca. Extravasa *um-modo-de-escrever-prontuário* ao escrever exíguos detalhes sobre aquelas vidas de quem pouco se ousaria falar. Outrora reivindica, passando dias *em branco*.  
Faz a escrita silenciar.

Já não é possível separar um trabalho qualquer da possibilidade necessária de se entrar em atividade, para fazê-lo, e, paradoxalmente, de ser necessário considerar aquele fazer *que se faz para não fazer aquilo que tem que ser feito*, aquele *que se faz sem desejar fazer*, ou aquele *que deve ser refeito*<sup>25</sup>. A escrita que se faz agora também exige essa operação da atividade. Acumulamos uma série de gestos que não se imprimem nessas linhas, ao mesmo tempo, são gestos que ficam contraídos através dela, através do que se consegue escrever.

---

<sup>22</sup> Tal como o conto Biblioteca de Babel de Borges. Destacamos que a prática de registro é bastante recorrente no Hospital. No Memorial da Loucura, pode-se ver, além de prontuários que remontam desde a inauguração do Hospital, os diários de uso das enfermeiras, que em torno da década de 70 mantinham a prática de registro, como forma de passagem das informações para as colegas do próximo turno.

<sup>23</sup> Clot apud Amador, 2009a, p. 93.

<sup>24</sup> Idem, ibidem, p. 93.

<sup>25</sup> Clot apud Osório, 2010, p. 42.

O mundo que se expressa naquele branco dos diários é o mesmo mundo em que estamos. Um mundo de virtualidades, com suas atualizações que dispersam e contraem, que se repetem e diferem, que deixam entrever formas capturadas e linhas de fuga. As linhas em branco, já mofadas, testemunham um silêncio que resiste às obrigações de falar e escrever<sup>26</sup>. Ainda assim, dão expressividade para um fazer que acontece e possibilita uma atividade entre trabalhadores, mesmo com seus silêncios embranquecidos e com suas escritas claudicantes. Nesse sentido, estas últimas tornam visíveis os procedimentos de uma máquina abstrata que exige registros daquelas vidas, que pouco falam por si, ou melhor, expressam-se através de outros registros. Assim, pensamos que estas sempre escapam dos mecanismos que tentam capturá-la, mostrando, sobretudo no caso de uma vida asilada, o paradoxo que esses registros tornam visíveis. Da mesma forma, temos o real da atividade que, assim como a vida, têm potencialidades de manter-se em um jogo incessante entre - não apenas acerca do paradoxo da linha em branco-, mas, sobretudo, um fazer que se realiza e se desrealiza por vias moleculares. Pensamos, desse modo, que este fazer não prescinde de se efetuar e *contra-efetuar*, desdobrando um instante móvel entre passado-futuro<sup>27</sup>.

Com isso, temos a dobra de um mundo em nós. Estamos tão envolvidos nisso quanto aqueles trabalhadores. Schwartz<sup>28</sup>, ao tratar da análise do trabalho e da produção de saberes, aponta que no encontro, entre pesquisadores e trabalhadores, os saberes disciplinares e os saberes obtidos através da experiência de trabalho entram em um fluxo de vaivém contínuo, não pertencendo apenas a um grupo de pessoas, pois alimentam ambos. O motor desse fluxo é a operatividade do conceito de atividade, a qual, mais do que um conceito, implica em produção de renormalizações diante das normas preexistentes. Implica em *fazer de outra forma*<sup>29</sup>, algo necessário e concernente a qualquer situação de atividade de trabalho humano<sup>30</sup>. Ou seja, a atividade interroga e transforma os saberes disciplinares, assim como os saberes investidos na experiência daquele fazer, através do processo próprio ao desenvolvimento do trabalho. Recriam-se os saberes, numa espécie de fabricação de histórias, em que a atividade tem o papel de

---

<sup>26</sup> Foucault, 1994.

<sup>27</sup> Deleuze, 2007, p. 154.

<sup>28</sup> Schwartz, 2000a.

<sup>29</sup> Schwartz apud Amador, 2009a, p. 93.

<sup>30</sup> Cf. Botecchia e Athayde (2008, p. 44): através de antecipações, criação de soluções e de problemas, longe de um estado de equilíbrio, para além de uma homeostase sistêmica, os humanos se caracterizam por estar em atividade.

produtora. As experiências não param de produzir novas experiências, e seus encontros com um modo de pesquisar que as considere em seus ínfimos movimentos intensivos é o que estamos interessados em nos aventurar a fazer-conhecer. Já nos vemos (re)lançados no *caos do não-saber, no risco de criar e de nos tornarmos artesãos-autores*<sup>31</sup>, nesse entre pesquisadora-trabalhadores. Temos, através da atividade engendrada no não-saber, ou no saber mal, o desafio de não torná-la impossível, de poder dizer nos limites de nossa possibilidade de conhecer<sup>32</sup>.

Acerca das produções de saberes, Schwartz assinala que estes não podem ser *cercados, circunscritos, antecipados, dados através da descrição de uma situação de trabalho*<sup>33</sup>, já que não se pode dizer que por alguma circunstância os trabalhadores têm necessidade ou se sentem obrigados a reproduzir algo, tão pouco de que a norma garante o mesmo resultado. Cada situação de trabalho não se repete, varia.

Por essa via, entrar em atividade, considerando seu real, implica percorrer dinâmismos espaço-temporais. Estes, além de dramatizar conceitos<sup>34</sup>, como nos diz Deleuze, dão a ver as especificidades intensivas que se sucedem no encontro, momento em que o drama agita a vida, nos tornando sempre algo distinto do que éramos, ao mesmo tempo em que, o que estamos nos tornamos muda tanto quanto nós mesmos<sup>35</sup>.

### **Entre dramas e devires: histórias inventadas**

Entre dramas e devires que se agenciam e são agenciados no curso da atividade, passamos a tratar dos aspectos que envolvem a vida que trabalha, desde sua potencialidade inventiva. Falamos dos movimentos e velocidades imperceptíveis que ganham expressividade através de gestos, conversas, silêncios, recusa, enunciados, mas somente através de sua dimensão molecular vão compondo novos territórios existenciais. Para tanto, fabrica-se uma espécie de história, em que os devires colocam o trabalhador frente à possibilidade de encarnar dramatizações de um espaço-tempo, que difere do instante precedente e porvir.

A expressividade produzida no curso dessa fabricação minoritária é capaz de

---

<sup>31</sup> Cf. Fonseca et al, 2006, p. 3.

<sup>32</sup> Cf. Deleuze, 1988, p. 18.

<sup>33</sup> Cf. Schwartz, 2003, p. 26.

<sup>34</sup> Deleuze, 2010, p.119.

<sup>35</sup> Deleuze & Parnet, 1998, p. 10.

singularizar a vida, sendo este o que tomamos como critério a ser considerado. Dessa forma, compartilhamos com Amador que se trata de tomar o plano do pensamento como operador da ação, para que os modos de vida possam se expandir. Este plano refere-se a algo que foi muito negligenciado - e, diríamos, em algumas situações de trabalho, segue sendo - no contexto das práticas da Psicologia Industrial e Organizacional. Assim, compartilhamos com a autora de que se trata de investir e enfatizar a dimensão inventiva da cognição, aquela relativa ao plano não-representável no trabalho, que se opera por vias ínfimas<sup>36</sup>.

Acerca dessa dimensão - e também contrapondo uma psicologia cognitiva do trabalho-, Alan Wisner, médico e ergonomista francês, é mencionado por Clot como alguém que, já na década de 50, apontava que o trabalho real é a vida, e não a cognição empreendida na atividade realizada. A cognição, referida por Wisner, refere-se a uma acepção já representada, já capturada, através dos esforços dos psicólogos cognitivos do trabalho, em primar por um saber *sobre o fazer*. Ou seja, pretendiam utilizar-se das aptidões dos trabalhadores depois de investigá-las, a fim de padronizá-las. Wisner, ao trazer a dimensão da vida, estava preocupado em pensar a saúde dos trabalhadores, que em situações de *contrainte*<sup>37</sup>, ou seja, nas situações de forte coerção e exigência, conseguem, mais do que seguir vivendo, conseguem agir.

Trata-se, desse modo, de um entendimento de que *o real é fonte de criação*<sup>38</sup>, de que, além de ser fonte de sofrimento, é o lugar onde não se fica passivo, é um modo de ativar-se, diríamos, de produzir saúde, de produzir um meio de vida. Vemos, a partir disso, que a atividade engendra a expansão da vida. Assim, tomamos também essa perspectiva quando afirmamos que, nessa pesquisa, o trabalhar tem a potência de produzir saúde.

Outra dimensão, apontada por Schwartz em relação ao trabalhar, refere que a história fabricada ao trabalhar, diríamos, a maquinaria que envolve o trabalhar não se dá na neutralidade. Está, portanto, imbricada com uma série de valores, os quais cada um é que pode dizer, a partir das dramáticas de uso de si, estando estas situadas entre *normas antecedentes e as necessidades de dar-se a si mesmo normas, aí onde as primeiras são*

---

<sup>36</sup> Amador, 2009a, p. 93.

<sup>37</sup> Cf. Clot, 2010a, p. 214. Na tradução da Conferência proferida por Clot, optou-se em deixar a expressão em francês, pois, embora a tradução mais próxima seja esforço ou exigência, seu sentido não é considerado satisfatório em relação ao significado na língua de origem.

<sup>38</sup> Cf. Clot, 2010a, p. 214.

*inacabadas*<sup>39</sup>. Isso se refere aos diversos gestos e formas de trabalhar que, num plano de disputa, são selecionados pelo trabalhador, tomando, dessa forma, a atividade como *um conflito entre várias atividades possíveis*<sup>40</sup>. Conflito esse engendrado por um certo inacabamento do trabalho, que nos permite avançar e pensar na potência desse inacabamento, já que *dar-se a si* normas se faz inventando-as. Desse emaranhado, que é mundo, é que se produzem as dobras subjetivas. Fazer histórias, maquinar, está, portanto, na ordem do problemático, do político, do inventivo, está no processo de elaboração de homens e mulheres, que são convocados, no presente, a pôr em atividade suas estruturas de aprendizagem<sup>41</sup>, seus modos de trabalhar, de pensar e de viver.

Mas que história é essa que falamos em inventar? Com que recursos?

Segundo Pelbart<sup>42</sup>, Friedrich Nietzsche inovou a imagem do pensamento, com a construção de um novo objeto, que é o sentido e o valor em detrimento do verdadeiro e do falso. Essa perspectiva se faz primordial nesse estudo, pois se trata de produzir fissuras nas configurações históricas<sup>43</sup> que alimentam modos de existências regidas sob uma forma e uma moral que põem empecilhos ao pensar. O movimento, em favor de um exercício de pensamento que possibilite a criação uma história suscetível ao devir, é o de atenção às sutilezas das forças que escapam e que produzem linhas de fuga. Ou seja, não se trata de polarizar, ou transformar um termo em outro, por analogia; e sim de esquecer um, em favor de um *entre dois*, de criar espaços de indiscernibilidade, de vizinhança<sup>44</sup>.

A História constrói-se a partir de forças que tendem a operar totalizações, leis universais sobre a vida, que vão se reproduzindo nos modos de existência como se esses fossem os únicos modos de relações no mundo. Dessa forma, instalar-se em meio aos fluxos das situações de trabalho, criando vizinhanças entre as conversas e gestos, tem a intenção de pinçar instantes em que a História é esquecida, e em que a história se deixa proliferar. Deleuze, ao mencionar o papel político na história, ressalta que é preciso acreditar no mundo, e *suscitar acontecimentos, mesmo que pequenos, que escapem ao*

---

<sup>39</sup> Schwartz, 2003, p. 26

<sup>40</sup> Osório, 2010, p. 42.

<sup>41</sup> Schwartz, 2000a, 42-43.

<sup>42</sup> Pelbart, 1998.

<sup>43</sup> Cfe. Hartmann (2012), *História é uma gorda construção a serviço do poder* (“gorda” porque obstruída, preenchida), seja ele aquele que quer enobrecer, subjugar ou julgar a partir da História que constrói. A história é intempestiva, ou quer ser. Cheia de espaços para serem ocupados, ela não tem uma forma definida. Ela é um processo em construção.

<sup>44</sup> Pelbart, 1998, p.110.

*controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos*<sup>45</sup>. Como pensar e suscitar acontecimentos nas ínfimas situações de trabalho?

### **Uma pesquisa-clínica-da-atividade**

Diante disso, contamos também com certa prudência em nosso processo de pesquisa, que é ir apalpando com nossa pele, o que nos chega, ir adentrando no cotidiano de trabalho das trabalhadoras da Oficina e do Ateliê, levando uma pergunta ressoante: Em função de que produzimos história ao trabalhar-pesquisar? Em que está se tornando esse processo de pesquisa? O que passa? Outras tantas perguntas se proliferam, mais precárias, sabemos, tendo em vista que é a partir dos encontros com os trabalhadores que as problematizações se farão mais férteis: Que saberes disciplinares estão em disputa na atenção à saúde mental no Hospital? No cotidiano do trabalho, como cada trabalhador constrói renormalizações, frente aos saberes disciplinares que possuem por formação ou pelas políticas de atenção à saúde mental do Hospital? Que invenções são desdobradas a partir de um uso de si, a partir do encontro com os colegas e pacientes? Como produzem saúde nessa relação com a loucura? Que situações de trabalho lhes colocam problemas? Quais as contribuições que a experimentação entre quem trabalha e quem pesquisa pode advir para o campo do trabalho e da pesquisa clínica da atividade?

São questões colocadas diante das conceituações que exploramos acima, que interrogam os saberes e experiências de trabalho, e que, certamente, se desdobrarão em outras quando realizadas junto aos trabalhadores. Não se trata, desse modo, de atribuir algum *status* valorativo, ou mesmo corretivo a esses saberes e experiência, e sim de tentar expandi-los, afinal: o que podem?

Arrastamos conosco o termo *transdução*, proposto por Lourau, acepção que se refere ao movimento em que a pesquisa toma formas, por propagação, *onde uma partícula, a partir de um centro, passo a passo, vai tomando forma*<sup>46</sup>. Proposição que nos faz aquecer a discussão acerca das posições da pesquisadora, como mais uma entre tantas partículas, um rumor entre tantos de uma enunciação coletiva que extravasa nos

---

<sup>45</sup> Deleuze apud Pelbart, 1998, p.114.

<sup>46</sup> Lourau apud Guillier, 2004.

corpos. Isso porque vislumbramos um movimento que se dá diante das composições que se contraem e se distendem sob sua condição infinitesimal.

Diante disso, precisamos abandonar uma racionalidade, que tende a rejeitar os componentes invariantes, para nos lançar diante de um sonho, de um pensar-agir. Entendemos que se adentra em uma dimensão onírico-fabulatória a qual se torna expressiva através de uma experimentação que acontece no entre fazeres, o que envolve tanto os trabalhadores, quanto a escrita dessa pesquisa. Assim, quando fazemos a escrita da atividade de pesquisa testemunhamos modos de vida que se compõem por intensidades em devir. Com isso, almejamos sair do plano das inteligibilidades acerca do pesquisar e do trabalhar, para pensar o impensado. O ato de testemunho situa-se em uma margem intempestiva em que a vida vai se constituindo, buscando refutar, portanto, uma história monumental. Temos só ventos soprados por gestos delicados.

Para tanto, surge uma escrita um tanto descompassada, por vezes, miúda, que vislumbra uma tomada de forma a ser inventada. Com isso, buscamos acessar virtualidades do real da atividade que se desencarnam de um coletivo um tanto indiscernível. Por essa via, lembramos que a *escritura não tem um fim em si mesma, precisamente porque a vida não é algo pessoal. A escritura tem por único fim a vida, através das combinações que ela faz*<sup>47</sup>. Tais combinações nos envigoram a afirmar que se trata de uma-pesquisa-clínica-atividade que busca linhas de propagação entre atividades que vibram nesse território existencial em que estamos. Os fragmentos intensivos vão criando ritmos para as linhas problemáticas. O fazer da pesquisa-clínica se faz, então, por princípios rizomáticos<sup>48</sup>, em que os componentes operam em disjunção, propagando-se por rumores que não cessam de ressoar.

---

<sup>47</sup> Deleuze & Parnet, 1998, p. 14.

<sup>48</sup> Deleuze & Guattari, 1995, p. 15-21.



## II PLANO INTENSIVO: VEREDAS EM UM TERRITÓRIO

*O devir é o que subtende o  
trajeto, como as forças  
intensivas subtendem as forças  
motrizes.*<sup>49</sup>

---

<sup>49</sup> Deleuze, 1997, p. 77.

Passamos a traçar um plano em que se articulam experiências intensivas e conceitos. Trata-se de um mapa de percurso, em que delineamos linhas desde suas intensidades, considerando as forças que agitam, sem prescindir do impacto das formas que capturam.

As terrinhas chafurdadas revidam com um ritmo.

Arriscamos apontar deslocamentos de um tempo que se inscreve com essas forças, fazendo bifurcar em passado e presente. Mais do que apresentar uma paisagem inerte diante da qual não nos restaria nada a fazer, apresentamos um mapa intensivo repleto de veredas, diante das quais afirmamos um percurso que se fez, o qual envolve, veremos também nos demais capítulos, um modo de trabalhar que se presentifica em análises realizadas pelos trabalhadores. São efeitos que transversalizam o cotidiano, a pesquisa, criando um território entre-dois.

Escrevemos as linhas desse mapa a partir do encontro entre pesquisadora e trabalhadores, numa *lógica*<sup>50</sup> dos encontros em que colhemos efeitos singulares, numa espécie de relação causal, de forma não totalizante. A análise dessas linhas problemáticas, que dizem das singularidades e que envolvem os modos de trabalhar nos espaço-tempos em questão, são por nós vistas em seu agenciamento. Prescindimos, portanto, de tomá-las como identitárias ou essencialistas acerca de um certo modo de trabalhar. Guiamos nossa análise em favor de uma rede causal complexa- que não se pretende saturável, que não finda com esse estudo ou qualquer outro. Temos como baliza os efeitos que essa rede produz nos corpos, nas paredes, nas falas, enfim – e, sobretudo-, nos modos de trabalhar e nos modos de inteligibilidade, que produzem e envolvem usuários e trabalhadores<sup>51</sup>.

Diante das formas, por um intensivo que passa.

Com seus deslizamentos imperceptíveis, apostamos nessa rede minoritária, rizomática. Um corpo sem órgãos que seleciona linhas problemáticas, que, ao invés de consentir às formas institucionalizadas, atue nas brechas do inteligível, rache-as, à guisa de pensar-agir um fazer clínico-institucional que se opera não somente por um *expert*, mas, sobretudo, por seus trabalhadores e usuários, os quais ao trabalharem precisam, para

---

<sup>50</sup> Foucault, 1990.

<sup>51</sup> Idem, *ibidem*.

tanto, se mover em uma rede causal que, ao mesmo tempo, os fabrica, e pode ser fabricada<sup>52</sup>. Como um dos problemas a serem percorridos, desdobrados, ressoa: *O que podem esses trabalhadores?* Questão a ser fabricada pelos próprios trabalhadores... Assim, apresentamos nesse capítulo um mapa, no qual nos lançamos a traçar aberturas e impasses. Ao mesmo tempo em que sentimos suas intensidades reverberarem, somos também traços em composição, em vias de sermos rachados, atualizados, num tempo que se bifurca em enlace com as virtualidades de um espaço<sup>53</sup>. Trata-se, nesse sentido, de um território em que se agenciam espaço-tempos heterogêneos, em vias de se intercambiar intensidades, indiscernibilidades.

Como forças intensivas sob uma matéria que mobiliza corpos, apresentamos vozes que espreitam intenções, paredes que ruminam, perguntas que ressoam, um rosto que se desfaz e nos pisca. Jogamos um balde num poço, mas sem a preocupação única de alcançar a água vamos percebendo com o estirar da corda os efeitos do tempo no que acontece, as ranhuras nas paredes, os invertebrados na penumbra, o rasgo de luz que se perde e que se acende. Captando imagens em experiência e em escritura - como efeitos intensivos dos meandros dessa pesquisa - compartilhamos a proposição de Furtado, quanto ao que ela atribuiu ao cinema de Sokurov, a respeito da imagem-intensidade: *captação de forças, como um campo magnético que se estende ou se concentra, esgarçando e rompendo seus limites, para se fazer de um puro devir*<sup>54</sup>. Falamos, desse modo, de uma captação que se faz através da experiência, cuja condição - além de nos fazer encontrar intensidades já imbricadas no extenso, na matéria -, localiza-se em um *spatium intensivo que preexiste a toda qualidade assim como a todo extenso*<sup>55</sup>, diante do qual buscamos pensar uma gênese que se dá através das intensidades, cuja dramatização faz atualizar linhas problemáticas. Percorremos essas linhas experimentando os efeitos de contração e distensão de um tempo que se duplica, fazendo coexistir passado e presente. Temos encadeamentos que se apresentam e aparentam compor um único presente, mas enquanto se traçam essas linhas, passa uma

---

<sup>52</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>53</sup> Machado, 2010, p. 127.

<sup>54</sup> Furtado, 2005, p. 47.

<sup>55</sup> Deleuze, 2010, p. 115.

rede que redistribui os problemas, deixando passar o presente, ou dito de outro modo, há um virtual que é co-originário ao que se atualiza nessa experiência<sup>56</sup>.

### **Conversas: por um entrar**

Por um começo, que já era meio, nos aproximarmos dos trabalhadores da Oficina de Criatividade e do Ateliê de Artes. Expomos a eles nosso interesse em desenvolver uma pesquisa com uma equipe de saúde mental, com as características da Oficina e do Ateliê, com vistas a pensar aquilo que se ativa ao trabalhar, aquilo que se ativa também no encontro com os pacientes num espaço de expressão artística, inserido em um hospital psiquiátrico.

Numa ampla sala, duas cadeiras e uma escrivaninha. Cenário do *hall* da recente exposição, Eu Sou Você<sup>57</sup>. Móvel de ferro branco, já lascado. Espaços e móveis reativados, sobretudo, por olhos de artista<sup>58</sup>.

Como premissa, partimos do fato de que não se trataria de algo corretivo, nem prescritivo quanto ao trabalho, e sim que se trataria de uma análise da dimensão inventiva no trabalho em saúde mental. Para tanto, dissemos que, a princípio, se usaria um dispositivo conversacional e de convivência nas situações de trabalho, com o intuito

---

<sup>56</sup> Zourabichvili, 2004.

<sup>57</sup> A exposição “Vidas do Fora: Eu sou Você” ocorreu de 21 de junho a 21 de agosto de 2010, sob a curadoria de Blanca Brites (PPGAVI/UFRGS) e Tania Mara Galli Fonseca (PPGPSI/PPGIE/UFRGS), tendo sido realizada pelo Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em parceria com o Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP). A mostra trouxe a público alguns documentos históricos do HPSP e obras expressivas de quatro pacientes psiquiátricos, selecionadas a partir do Acervo da Oficina de Criatividade do HPSP. Nessa ocasião, o espaço da Oficina de Criatividade tornou-se espaço expositivo, e a Oficina passou a realizar-se em outra sala, ao fundo do bloco quatro. Para mais: <<http://www.eusouvoce.com.br/>>

<sup>58</sup> Na 3ª Bienal do MERCOSUL realizou-se, nos Porões do HPSP, o projeto “Porões da Mente”, do designer gráfico Flávio Wild, local onde também aconteceu a instalação “Ninfas da Loucura”, de Ticiano Paludo (cuja trilha sonora pode ser escutada na referida página abaixo). Ainda, a monografia de Oberdan Porto Leal Piantino, pela UDESC, refere-se à ocupação dos Porões do HPSP. Na página 151, slide nº 72, pode-se ver, senão a referida mesa, uma muito semelhante a que menciono. Já na página 144, pode-se também ter uma ideia da montanha de móveis recolhida para realizar tal projeto, o que, conforme conversa com a coordenadora da Oficina de Criatividade, contribuiu na composição da mobília da Oficina, a qual, no início, não possuía muitos móveis, nem recursos para adquirir novos. Descrevemos esses detalhes com a intenção de que essas intervenções artísticas ressoem mais uma vez, pelos efeitos que produzem em um modo de ser do Hospital ao criarem brechas espaço-temporais em si. Para mais informações: <[http://www.fundacaobienal.art.br/novo/index.php?option=com\\_bienal\\_anterior&task=detalhe&Itemid=1300&id=21](http://www.fundacaobienal.art.br/novo/index.php?option=com_bienal_anterior&task=detalhe&Itemid=1300&id=21)>; Ticiano Paludo: <<http://www.pontowav.com.br/hotsite/TicianoPaludo.php>>; Oberdan Piantino: <<http://www.pergamum.udesc.br/dados-bu/000000/000000000009/000009F1.pdf>>.

de construir, aos poucos, um plano comum, e que, à medida que isso fosse se realizando, poderíamos propor a utilização de outros recursos, tais como pintura, fotografia, escrita, etc. Partíamos, desse modo, da perspectiva de que as linhas do dispositivo de análise seriam pensadas de acordo com a aproximação e convivência nas situações de trabalho, ou seja, a partir da experimentação entre trabalhadores, usuários<sup>59</sup> e pesquisadora. Surgiram, nessa conversa, muitas possibilidades de locais para se desenvolver nossa pesquisa, e quanto a desenvolver a pesquisa junto aos trabalhadores da Oficina de Criatividade e do Ateliê de Artes, surgiu como questão o fato de serem *poucos* os trabalhadores.

Poderíamos tomar outro rumo na pesquisa, fazendo da questão um fim. Todavia ali ruminava algo imperceptível que insistia, fazendo-nos olhar para o que se enunciava, tal como propõem Deleuze & Parnet acerca das questões: estas, *em geral, estão voltadas para um futuro (ou um passado)*<sup>60</sup>. Assim, diante de nuances de organização do trabalho, que percebemos nesses dois espaços de trabalho, pensamos se as incorporações e os desfazimentos desses espaços no tempo, eles próprios, não se misturavam ao próprio trabalhador, sua forma de trabalhar, suas possibilidades de pensar um trabalho por vir. Os efeitos do processo de territorialização vão ganhando expressividade diante de nossos olhos. Temos uma questão a ser fabricada, não para respondê-la, mas para abandoná-la logo ali, quando nos tornarmos já outra coisa.

### **Ziguezagues em um território: uma oficina em variação**

Já nos vemos envoltos por incorporações e desfazimentos que ganham expressividade em um território que se produz entre a Oficina de Criatividade e o Ateliê de Artes. Pensamos que se trata de *tornar visíveis*<sup>61</sup> as intensidades que se adensam e se pulverizam nesses espaços de trabalho, e que compõem um agenciamento territorial. Tomamos os rastros deste, que mais do que fornecer vestígios inertes, agem incorporando e dando ritmos às matérias expressivas; ou seja, através de linhas

---

<sup>59</sup> Os usuários estarão envolvidos na medida em que acompanhamos as situações de trabalho, e, também, porque, de alguma forma, é para eles que o trabalho desenvolvido se destina, o que, veremos mais adiante, possui outra dupla via, já que o trabalho dos usuários reverbera no fazer dos trabalhadores.

<sup>60</sup> Deleuze & Parnet, 1998, p. 9.

<sup>61</sup> Deleuze & Guattari, 1997a, p.159.

desterritorializantes um território se produz e é produzido. Isso, pois um agenciamento territorial, mais do que manter as formas, faz saltar ou afundar, a partir das diferenças intensivas, as expressividades que se dão a ver<sup>62</sup>.

Tratamos, assim, não de um território geográfico, mas *existencial*<sup>63</sup>, no qual as matérias de expressão ganham consistência, dando a ver suas dimensões. Falamos dos componentes que no território ganham sobrevida, *mais-valia*<sup>64</sup>, fazem durar uma assinatura. Esta que é como um estilo de ser, um jeito de se fazer algo – pensando as imbricações disto com os modos de trabalhar. Assim, são muitas as oficinas que nos encontramos, inventando-se e sucumbindo através dos anos<sup>65</sup>. Composições tecidas por uma multiplicidade de elementos, que nessa escrita ganham uma forma, um nome, um data, uma sala - ainda que provisória. Todavia, essas composições não deixam de se mover em suas dimensões infinitesimais: entre os papéis desenhados e seus destinos, entre os gestos de trabalhadores diante de objetos insólitos, entre o som que balança no ar e as pinceladas de tinta.

As variações da Oficina vêm locomovendo-se entre salas do Hospital, compondo também com cada lugar, frequentadores, trabalhadores, pesquisadores, um modo de ser oficina. Há quem vá para lá para sair do Hospital<sup>66</sup>, e nessa possibilidade, e não só nela, se expresse com pinceladas, rabiscos e agulhas. Há quem tira de lá seu *ganha-pão*, por décadas, tantas quantos muitos dos pacientes-moradores que estão reclusos. Há quem vá pra lá estagiar e pesquisar algo. De todos esses frequentadores, há quem vá fazer muitas outras coisas. Como supor tudo o que se passa no entre? Uns ficam bastante tempo, outros se evaporam antes de chegar. Outros chegarão. A que virão? Ainda há *precisão*?

Diante de intensidades experimentadas, criam-se infinitas percepções acerca do que se passa na Oficina e através dela. Vão seguindo linhas desterritorializantes, ganham novos rostos, fazendo das funções que lhe são atribuídas no contexto do

---

<sup>62</sup> Idem, ibidem, p. 151.

<sup>63</sup> Zourabichvili, 2004, p 23.

<sup>64</sup> Deleuze & Guattari, 1997a, p.150.

<sup>65</sup> Cf. Neubarth, 2009. A tese da autora faz um inventário documental comentado sobre o Núcleo de Atividades Expressivas Nise da Silveira, sua Oficina de Criatividade e seu acervo, no período de 1990 a 2008. Também na descrição das Oficinas, que consta na página da Exposição Eu Sou Você, pode-se acessar um resumo das mudanças de espaço e das perspectivas de trabalho que ocorreram na Oficina de Criatividade, segundo Neubarth. Segue o link <[http://www.eusouvoce.com.br/pag\\_oficinahistoria.htm](http://www.eusouvoce.com.br/pag_oficinahistoria.htm)>.

<sup>66</sup> Os trabalhadores contam que os pacientes-moradores, às vezes, referem-se à Oficina como fora do Hospital.

Hospital, uma expressão a partir do encontro entre usuários e trabalhadores<sup>67</sup>. Nas enunciações que circulam e reterritorializam os rostos, escutamos um esfumaçamento destes através dos diversos nomes legais, usuais ou variantes, que ganham espessura na fala de seus frequentadores: de Criatividade, Núcleo de Expressões Nise da Silveira, do Eduardo<sup>68</sup>, Ateliê de Artes, Ateliê de Escrita<sup>69</sup>, Da frente e Detrás.

A Oficina e o Ateliê, com seus nomes próprios, são como um domínio estilístico que se produz através de um agenciamento, sem, com isso, poderem prescindir das forças intensivas que fazem esses nomes agitarem-se em ziguezague. Como local de trabalho, de convivência, de terapia, de encontro, cada qual adquiriu um nome próprio, que é não mais que *um efeito, um ziguezague, algo que passa entre dois*<sup>70</sup>, de quaisquer elementos em virtualidade.

Da mesma forma, a nomeação desses dois espaços de trabalho é também efeito desse agenciamento, de um *entre dois*, acerca do qual intencionamos captar as forças que expressam uma bifurcação, não só das veredas dessa pesquisa, mas, sobretudo, dos modos de trabalhar que ali se engendram. Perguntamo-nos: como as forças intensivas produzem bifurcações e aproximações entre esses dois espaços e seus modos de trabalhar? quando e em que circunstâncias surgem pontos de fixidez e variabilidade nesse território? como dizer do que varia, se não falando de instantes, em que percebemos suas produções diferenciantes? Seguimos por reentrâncias de um suspiro que plana no ar, diante das quais é preciso coragem para adentrar.

Vertia um verde da parede, literalmente.

Isso quando esse ar não nos inebria num complexo campo de forças, expressões, práticas, intenções, cheiros, hábitos e vertigem. Estamos entre ventanias, entre um espaço-tempo molecularizado<sup>71</sup>, diante dos quais nos colocamos dispostos a criar uma gênese do presente, por forças que espreitam em devir.

---

<sup>67</sup> Deleuze, 1997, p. 121.

<sup>68</sup> Eduardo é um nome ficcional, para referir, sem identificar, um residente que esteve bastante envolvido com o processo de composição do espaço do Ateliê, ocasião em que cada paciente participante passou a ser incentivado a dedicar-se a um projeto de artes, com técnicas materiais de acordo com as afinidades que surgiam.

<sup>69</sup> O Ateliê de Escrita insere-se no Núcleo de Atividades Expressivas Nise da Silveira e, atualmente, é coordenado por Psicólogos integrantes do Grupo de Pesquisa Corpo, Arte e Clínica.

<sup>70</sup> Deleuze & Parnet, 1998, p. 14.

<sup>71</sup> Deleuze & Guattari, 1997b, p. 165.

Partimos, então, de uma das dimensionalidades do território que estamos a habitar, a Oficina de Criatividade. Local que ganha certa expressão pelas especificidades do trabalho que lá se realiza<sup>72</sup>, sobretudo quando o comparamos aos demais espaços do Hospital, o qual nasceu sob o primado do isolamento e sob a denominação documental de Asilo de Alienados<sup>73</sup>. Isso nos faz lembrar os pacientes que permanecem em unidades de moradia, sem qualquer vínculo familiar, como um resquício desse histórico, o que possivelmente faz com que se reterritorializem as práticas de trabalho para tratar da loucura, distinta ao que se preconiza hoje com as legislações da Reforma Psiquiátrica<sup>74</sup>.

Assim, na Oficina, percebe-se que esta se agencia através de uma distância crítica que envolve, sobretudo, as proposições de atividades expressivas para os usuários que são moradores, conforme já mencionamos na introdução desse estudo. Antes de prosseguir, ressaltamos que a distância crítica, a que nos referimos, envolve os ritmos desiguais que são transcodificados quando *um meio serve de base para um outro ou, ao contrário, se estabelece sobre um outro, se dissipa ou se constitui no outro*<sup>75</sup>. Trata-se, assim, de uma distância entre-dois, em um *espaço-tempo heterogêneo*, no qual a diferença surge através de uma repetição produtora, ou seja, pelas variações infinitesimais que contraem ou distendem, por exemplo, as práticas de trabalho que ganham expressão, tornam-se visíveis<sup>76</sup>. Ávila também aponta essa via de uma distância crítica que passa a se efetuar, ao tomar a Oficina como uma *bifurcação incomum*<sup>77</sup> no contexto do Hospital, fazendo sobrepujar um modo de trabalho que ultrapassa uma lógica técnica e assistencial, justamente pela interface que se dá através de uma

---

<sup>72</sup> Tomamos essa realização do trabalho em sua dimensão processual, conforme já explicitado no capítulo anterior, em que se considera igualmente como parte da atividade de trabalho aquilo que não se realiza, que se sonha, que se faz para não fazer. Ou seja, seguimos considerando essa dimensão da atividade, como intercessora ao agenciamento territorial que faz desterritorializar e reterritorializar seus componentes do trabalho.

<sup>73</sup> Cf. Texto de Cheuiche, historiador do Serviço de Memória Cultural do HPSP. Disponível no link <<http://www.saude.rs.gov.br/wsa/portal/index.jsp?menu=organograma&cod=5365>>, acessado em 19 jan. 2012.

<sup>74</sup> O movimento da Reforma Psiquiátrica se deu, no Brasil, principalmente a partir da segunda metade dos anos noventa, culminando na Lei da Reforma Psiquiátrica de 2001 (Lei Federal do Brasil 10216), a qual prescreveu o desmontamento dos hospitais psiquiátricos e a abertura de serviços substitutivos para atender a população, antes internada, com necessidade de atendimento em saúde mental. Muitos desses serviços ainda não foram completamente estabelecidos conforme a previsão da lei, que já completou dez anos.

<sup>75</sup> Deleuze & Guattari, 1997a, p. 118-119.

<sup>76</sup> Idem, ibidem, p. 119 -120.

<sup>77</sup> Ávila, 2006, p. 28.



produção plástica. Além disso, a autora nos faz entrever, através das distâncias críticas que vão se expressando, a Oficina como espaço em que se driblam as *solidões da loucura*<sup>78</sup>, a partir de vacúolos de expressão pinçados de um virtual que, pensamos, criam paradoxos na medida em que desterritorializam as práticas e os saberes de um hospital centenário, não cessando de reterritorializá-los. Este ainda como espaço de asilamento, e a Oficina como *um fragmento*<sup>79</sup> deste, mas em variação, sobretudo por essa aposta em um trabalho de produção de saúde e arte.

No entanto, cabe ressaltar que na condição de *fragmento* tão entremeado às forças que habitam não somente o Hospital, mas às práticas e saberes acerca da loucura, os modos de trabalhar estão também sob um regime dessas forças. Supomos, desse modo, que é nesse campo de forças que os trabalhadores têm sua atividade laboral agenciada. Ou seja, ao mesmo tempo em que se efetua uma distância crítica, por instantes tornada visível, há uma contra-efetuação, que é um *instante móvel* que faz desdobrar um *passado-futuro*, que não assegura a permanência ou manutenção de um estado de coisas<sup>80</sup>. Isso, pois, justamente, esse campo de forças não deixa de atualizar a rede problemática em que se insere, e que agencia os fazeres e saberes. Diante disso, nos perguntamos se, mesmo na Oficina, as práticas de um modo de tratar a loucura, advindo de anos de asilamento, não se reterritorializam em práticas de cuidado *com um quê* de asilares; e, sendo desse modo, quais as condições organizacionais que possibilitam aos trabalhadores pensar seu fazer diante das incorporações e desfazimentos que lhes ocorrem.

Outra dimensionalidade desse território, que entrecruza, germina em seu *intermezzo*, ainda com nome tímido e titubeante nas enunciações coletivas, é o Ateliê de Artes. Dizemos isso, pois, embora venha se constituindo com especificidades nos modos de trabalhar, há forças expressivas que o colocam, algumas vezes, como inserido na Oficina, em outras, como espaço à parte. Conjugação que dá a ver as idas e vindas de elementos em desterritorialização. Como distinção em relação à Oficina, o Ateliê atende principalmente pacientes externos ao Hospital, ou seja, usuários do SUS (Sistema Único de Saúde) vinculados à rede de saúde pública como postos de saúde, oficina de geração de renda e, mesmo, o ambulatório do Hospital. Tal abertura a pacientes da rede de saúde

---

<sup>78</sup> Idem, ibidem, p. 83.

<sup>79</sup> Idem, ibidem, p. 88.

<sup>80</sup> Deleuze, 1998, p. 154.

mental vem se constituindo por volta de 10 anos, período em que a Oficina não era organizada nesses dois espaços e de acordo com o público a que se destina. Assim, os pacientes internos e externos trabalhavam numa mesma sala, o que, conforme relatos, gerava a tendência de, alguns pacientes, não quererem permanecer no mesmo ambiente que os pacientes moradores.

Essa situação nos aponta para componentes que catalisam a produção de uma distância crítica, agora, não somente aos modos de trabalhar no Hospital, mas, aos que se efetuam especificamente com os frequentadores da Oficina. Isso nos faz pensar nos modos de ver a loucura que também não cessam de se reterritorializar em quaisquer serviços de saúde mental, entre trabalhadores, usuários e pesquisadores que ali estão envolvidos. Trata-se, de alguma forma, do recorrente esforço dos estudos nosográficos que compõem, a cada época, um novo rosto à loucura. E, nesse caso da separação de pacientes em dois espaços de produção de expressivas, poderíamos pensar que o que ganha expressão não finda de destinar-se à condição daqueles pacientes ainda asilares, fazendo reincidir sobre aqueles corpos a marca de serem, de alguma forma, o próprio Hospital, com tudo o que este não pôde dar conta de curar. Ou, ainda, a loucura que assusta, que segue sendo isolada e estigmatiza, e diante da qual parece mais prudente não se aproximar. Tal componente parece-nos uma linha que transversaliza todo trabalho que se realiza, sobretudo, em um serviço de saúde mental, e que, pensamos, deverá ser desdobrado em nossos estudos, justamente para percorrer e agenciar a escrita nas circunstâncias em que essa *máquina é desencadeada*<sup>81</sup>.

Aos poucos, por instantes aparentemente insignificantes, a *consolidação não se contenta em vir depois; ela é criadora*<sup>82</sup>. Um começo surge no entre-dois, dissipando e constituindo rostos que nos olham, nos tornam outra coisa. Situação concernente à máquina abstrata de rostificação em que pontas desterritorializantes se agenciam<sup>83</sup>.

ouvem-se rumores de que a Oficina de Criatividade está por acabar-se com a redução do número de frequentadores: somente por serem, em grande parte, moradores do Hospital, os quais, após anos de internação, estão envelhecendo? Ao mesmo tempo, há outra variante da oficina ganhando fôlego: oficina do Eduardo/Ateliê de Artes/Da frente. Suas

---

<sup>81</sup> Deleuze & Guattari, 1996, p. 35.

<sup>82</sup> Deleuze & Guattari, 1997b, p. 140-141.

<sup>83</sup> Idem, ibidem, p.146

características configuram outro modo de produção de arte: pessoas externas ao Hospital e acompanhadas em algum serviço da rede de saúde mental, e, ainda, as produções podem ser vendidas. Como será que os trabalhadores percebem essas questões? Isso faz questão ao modo de trabalhar na Oficina de Criatividade/De trás?

Entre fôlegos e suspiros, um ritmo passa a tornar críticos os componentes de um território. Em um contexto mais ampliado, há a Reforma Psiquiátrica com suas prerrogativas de extinção das Unidades de moradia em Hospitais Psiquiátricos.

Aventa-se, há anos, que o Hospital está por *terminar*.

Processo esse que é mencionado pelos trabalhadores, ocasião em que se ressaltou a futura extinção dos postos de trabalho das Unidades que ainda são de Moradia, e o realocamento desses profissionais para outras atividades. Os pacientes - aventa-se -, possivelmente, irão para um abrigo, que acolheria a todos, de forma que seguissem sendo assistidos, dado os prolongados anos de internação e consequente dificuldade, em muitos casos, de que esses pacientes tenham um suporte familiar e social capaz de lhes assegurar os cuidados necessários. Quanto a isso, trata-se de políticas específicas que se articulam no campo das Políticas de Saúde Mental<sup>84</sup>, acerca das quais não aprofundaremos detalhes, mas que certamente desterritorializam componentes dos dois espaços em questão, através de uma máquina abstrata que produz variação nos modos de trabalhar. O Ateliê de Artes, conforme relato de trabalhadores, também vem responder a essas mudanças na Política de Saúde Mental. Ficamos com questões, quanto às modalidades de atendimentos que se criarão – se, inclusive, se criarão - para esses pacientes moradores, caso venham a se mudar para outro local. Que propor a esses pacientes que, também, há anos têm o espaço da Oficina como lugar de expressão e convivência diárias? Salientamos, com isso, o paradoxo que habita na realização de atividades que envolvem postos de trabalho em processos de

---

<sup>84</sup> Cf. Lei Federal do Brasil 10216, de 2001, Art. 5º, “o paciente há longo tempo hospitalizado ou para o qual se caracterize situação de grave dependência institucional, decorrente de seu quadro clínico ou de ausência de suporte social, será objeto de política específica de alta planejada e reabilitação psicossocial assistida, sob responsabilidade da autoridade sanitária competente e supervisão de instância a ser definida pelo Poder Executivo, assegurada a continuidade do tratamento, quando necessário”. Quanto aos Serviços Residenciais Terapêuticos (SRT), há uma cartilha do Ministério da Saúde que estabelece algumas orientações. Em <<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/120.pdf>>.

extinção<sup>85</sup>. Pensamos em que e como está se tornando esse espaço de trabalho, ainda que enquanto *se torna, o que ele se torna muda tanto quanto ele próprio*<sup>86</sup>. São anúncios de planos reterritorializados, ainda que se expressem em ziguezague.

Outros efeitos, gerados a partir de uma distância crítica, poderiam ser pensados quanto às situações em que a Oficina e o Ateliê agenciam-se aos circuitos de arte e aos projetos de ensino, pesquisa e extensão de universidades. Ao longo da história da Oficina de Criatividade realizaram-se várias exposições com trabalhos dos pacientes. As reterritorializações que acontecem desde a preparação, a exposição propriamente dita, e as ressonâncias que seguem vibrando na vida dos pacientes, trabalhadores e público que assiste, são inquantificáveis. Do mesmo modo, temos outras expressões, surgidas a partir dessas proposições, que têm efeitos sobre o próprio espaço físico, como o que mencionamos acerca da 3ª Bienal do MERCOSUL e da exposição *Eu sou Você*.<sup>87</sup> Além disso, considerando que a máquina abstrata que se efetua nas pontas desterritorializantes não age apenas nos rostos que produz, mas em *diversos graus, nas partes do corpo, nas roupas, nos objetos*<sup>88</sup>, reunimos uma série dispersa que nos incita a enumerá-las, por uma expressividade em profusão:

- Lembramos de uma apresentação, ainda como extensionista, em que a banca quis saber, quanto ao que se agregou à formação de Psicóloga, participar desse projeto de extensão<sup>89</sup>.
- Lembramos de uma mediadora da Exposição *Eu Sou Você*, eufórica, contanto da interação dos pacientes com o público que visitava a exposição, na ocasião, crianças pré-escolares<sup>90</sup>.
- Lembramos de Natália Leite, no vídeo *os Alienados*<sup>91</sup>, admirando seus próprios trabalhos em uma exposição.

---

<sup>85</sup> Referimo-nos às políticas e às práticas de saúde mental, que se tece(ram) acerca de pacientes asilados no Hospital. Queremos, com isso, já apontar algumas das reterritorializações dos modos de trabalhar com a loucura.

<sup>86</sup> Deleuze & Parnet, 1998, p.10.

<sup>87</sup> Não dispomos de um registro preciso de todas as exposições já realizadas, então, além das duas já mencionadas, apontamos algumas mais recentes. Tapete Voa-dor, coordenado por Bárbara Neubarth. Cf. Vídeo anexo a tese da mesma, e também na Biblioteca Digital da UFRGS. Catálogo UFRGS - Acesso Externo. Exposição *Três Mundos*, 2010, com curadoria da Sérgio Dório. Em <http://guiabueno.com.br/noticias/oficina-de-criatividade-do-hpsp-abre-exposio-nesta-quarta-feira>.

<sup>88</sup> Deleuze & Guattari, 1996, p.42.

<sup>89</sup> Inácio-Souza et al, 2008.

<sup>90</sup> Há depoimentos da visita dessas crianças na página da exposição *Eu Sou Você*.

<sup>91</sup> *Os Alienados*, com roteiro de Grace Luzzi e direção de Marta Biavaschi, no programa *Histórias Extraordinárias 2008*, promovido e apresentado pela RBSTV. Para mais informações: <http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp?source=DYNAMIC.blog.BlogDataServer.getBlog&uf=1&local=1&template=3948.dwt&section=Blogs&post=234626&blog=140&colDir=1&topo=4286.dwt> >

- Lembramos, nesse mesmo vídeo, do corpo cortado de uma trabalhadora que acompanhava a visita à exposição.

Esses são respingos intensivos, pontos intensos de uma terra que não pára de chafurdar-se a si mesma. Nesse estudo, foca-se acerca de um trabalho de vidas que estiveram e estão no Hospital, de trabalhadores que vivem os dramas de criar um novo chãozinho. Pensar sobre isso aguça uma vontade de criar uma espécie de máquina fotográfica capaz de registrar as muitas pontas desterritorializantes que vêm operando em torno da Oficina e do Ateliê, com direito a retratos de antes e depois das muitas (festas de) exposições e eventos; com direito, àqueles instantes muito breves em que, logo antes de se apresentar ao mundo, já era outra coisa. Contudo, pensamos que isso seria uma vontade de acessar as virtualidades que, como tais, se fazem acessíveis na medida em que componentes territoriais as atualizam. Assim, virtual e atual se intercambiam produzindo indiscernibilidades, diante das quais nos vemos instigados<sup>92</sup>. Desse modo, na impossibilidade de obter máquina tão revolucionária, e, quiçá, inútil, tal como nas palavras de Borges.

*Naquele Império, a Arte da Cartografia logrou tal perfeição que o mapa de uma única Província ocupava toda uma Cidade, e o mapa do império, toda uma Província. Com o tempo, esses Mapas Desmedidos não satisfizeram e os Colégios de Cartógrafos levantaram um Mapa do Império, que tinha o tamanho do Império e coincidia pontualmente com ele. Menos Adictas ao Estudo da Cartografia, as Gerações Seguintes entenderam que esse dilatado Mapa era Inútil e não sem Impiedade o entregaram às Inclêmências do Sol e dos Invernos. Nos desertos do Oeste perduram despedaçadas Ruínas do Mapa, habitadas por Animais e por Mendigos; em todo o País não há outra relíquia das Disciplinas Cartográficas<sup>93</sup>.*

seguimos cartografando os traços intensivos de nosso encontro com o trabalho que se faz na Oficina de Criatividade e no Ateliê de Artes. Pois, a Oficina, dita como *fragmento*, e o Ateliê, como espaço novo não cessam de moverem-se entre linhas e movimentos, os quais lhes conferem não uma medida, mas um ritmo, que é sempre crítico. De qualquer modo, sempre se estamos diante da polêmica da nova terra, o que faz necessário atentar para os traços de um agenciamento arcaico que pode insistir. O desafio parece-nos ser o de

---

<sup>92</sup> Zourabichvili, 2004, p. 19.

<sup>93</sup> Borges, 2008, p. 155.

manter uma atenção dispersa, com vistas a sustentar modos de trabalhar em construção, atentos ao por vir<sup>94</sup>.

Nessa via de análise, a intenção de fotografar as pontas desterritorializantes abdica de tal empreitada, antes que isso possa parecer-se com um fulgor de captar quantitativamente as formas que levariam à perfeição do mapa e suas recorrentes interpretações. A aposta de guiar nosso percurso pelas intensidades, ritmos e expressões que se adensam e se contraem nesse território existencial, é a de fazê-lo através de “uma experimentação contra toda interpretação, e onde o silêncio como repouso sonoro marca igualmente o estado absoluto do movimento”<sup>95</sup>. Nesse plano intensivo, as formas passam por uma involução, em que se dissolvem para liberar tempos e velocidades<sup>96</sup>. Os traços percorridos e as pequenas *reliíquias* de terra que encontramos são o *ponto mais intenso*<sup>97</sup>, a reunião de forças, ainda que muitos outros permaneçam marcados pelo silêncio.

Parece-nos curioso que tenhamos encontrado o silêncio no presente ponto de nossa escrita. Vemos nisso a marca de um índice territorial, o qual se agencia em um espaço-tempo dramatizado por um *quem?, quanto?, como?, onde?, quando?*<sup>98</sup> acerca de algo que se passa na Oficina e no Ateliê. Isso, porque, em decorrência da proposição de pesquisa lançada aos trabalhadores, nos vimos em um silêncio que se contraía e se dispersava. Supomos que estávamos, a exemplo das palavras de Foucault, sob expectativas diversas, entre uma *hostilidade virulenta, uma amizade profunda, uma obrigação de falar*<sup>99</sup>. Todavia, como hipóteses, o que é próprio às elaborações<sup>100</sup> e às rumações que se sucedem ao se entrar em atividade, eram movimentos que ativavam a criação de um modo de pesquisar, cauteloso e instigado a seguir adiante - mais um pouco.

Diante disso, seguimos experimentando esse espaço-tempo como eles se apresentam, também em atenção ao fato que nosso pesquisar está sob o mesmo campo de forças e de composições intensivas, à espreita do que passa em ziguezague, entre-tempos.

---

<sup>94</sup> Zourabichvili, 2004, p. 23.

<sup>95</sup> Deleuze & Guattari, 1997a, p.56.

<sup>96</sup> Idem, ibidem, p. 56.

<sup>97</sup> Idem, ibidem, p.154.

<sup>98</sup> Deleuze, 2010, p.112.

<sup>99</sup> Foucault, 1994, p. 525.

<sup>100</sup> Schwartz, 2000b., p. 36.

## Na vizinhança de um rosto, por um clínico-institucional

*Somos poucos* ficou ressoando: que sentidos derivariam dessa expressão? Que sentidos surgiram diante da proposta de se realizar uma pesquisa com os trabalhadores da Oficina de Criatividade e do Ateliê de Artes? Poderíamos supor uma espécie de despotencialização do trabalho que se faz naqueles espaços?

Como falar disso?

Será uma suposição de que fazem tão pouco a ponto de nenhum encontro ser possível? Como vivem as dramáticas de si ao trabalhar entre essas mudanças de espaços e variações de fazeres? Será que gostariam de ter um espaço para pensar seu trabalho?

Tomamos esse enunciado como expressão de uma linha em vias de se desterritorializar. Como tal, produz efeitos em nossa pesquisa, enunciando - supomos - outras desterritorializações. Falamos daquelas relacionadas às condições de trabalho, ao número reduzido de profissionais, ao modo como se percebiam - talvez “desinteressantes” - diante de um processo de pesquisa. Ou ainda, por não quererem dar a ver ao que se passa no trabalho. Lembramos do que Foucault aponta quanto às obrigações de falar<sup>101</sup> diante de dispositivos que subjetivam os modos de vida, não nos permitindo nem mesmo silenciar. Ainda assim, perguntamo-nos através de enunciações coletivas que vão se apresentando: Como ir construindo um plano de suporte entre trabalhadores e pesquisadora diante das linhas de visibilidades que se dão a ver? Seriam estas linhas perturbadoras ao trabalho?

Seguimos com essas inquietantes perguntas. Encontramos Tosquelles<sup>102</sup>, através do artigo de Amador<sup>103</sup>, e interessamo-nos, sobretudo, pelas proposições que a autora amplifica ao relacionar o aspecto clínico-institucional que pode ser operado a partir da análise da atividade. Problematizando a ergoterapia, no que tange à possibilidade de ultrapassar um regime de tratamento pautado na história pessoal do paciente, para um

---

<sup>101</sup> Foucault, 1994.

<sup>102</sup> Cf. Clot, 2010a, p. 221. Tosquelles, psiquiatra francês que outros psiquiatras da França, durante a 2ª Guerra Mundial, foi responsável por libertar os pacientes dos hospitais psiquiátricos. Essa situação fez com que eles observassem uma melhora nos doentes quando confrontados com as situações normais da vida, sobretudo, no compartilhamento dos dramas, propiciando-se, dessa forma, *saúde mental*.

<sup>103</sup> Cf. Amador, 2009b. As considerações desse artigo partem da obra de Tosquelles, intitulada “Le travail thérapeutique à l’hôpital psychiatrique”, publicada em 1967. Em 2009, Yves Clot escreveu um posfácio para essa obra.

outro engajado na conflituabilidade das situações de trabalho, tem-se, com isso, uma redefinição para as práticas ergoterápicas.

O trabalho, nesse sentido, amplifica as potencialidades da atividade realizada por pacientes psiquiátricos, ocorrendo uma *processualidade*<sup>104</sup> operada por esses pacientes em situação de trabalho, colocando em cena um paciente ativo. Não se trata, pois, de eliminar os sintomas através do trabalho ou de simplesmente ocupar o paciente; buscase, ao contrário, que ele introduza *algo de si mesmo – entre um si ligado a jogos de verdade e o si-corpo-intensivo, pensamos -, possibilidade essa que diminui os riscos de uma deterioração psíquica*<sup>105</sup>.

Clot<sup>106</sup> destaca, dessa forma, a partir do que aponta Tosquelles, que na ergoterapia não se trata, simplesmente, de fazer as pessoas trabalharem para tratá-las. A inversão proposta por Tosquelles traz à pauta que se trata de fazer trabalharem os doentes e o pessoal que os cuida para tratar, para cuidar a organização oficial do trabalho<sup>107</sup>. Isso, para que esta e os trabalhadores *captem no vivo (...) que os doentes são seres humanos responsáveis por aquilo que fazem, o que só pode ser colocado em evidência na condição de fazer alguma coisa*<sup>108</sup>. A saúde do trabalhador é preservada quando *sua atividade consegue afetar a organização oficial do trabalho mediante a potencialização do poder de agir em situação*<sup>109</sup>.

Em outro artigo, que aborda também a dimensão subjetiva envolvida no trabalho, Schwartz<sup>110</sup> aponta que em indústrias de processos contínuos, onde a divisão de tarefas não pode ser fragmentada pelas especializações adquiridas, o sofrimento desses trabalhadores recai sobre o fato de não saberem qual é o seu ofício. Assim, os referidos artigos nos apontam que, para além das condições psíquicas de quem está em situação de trabalho, o que, todavia, é relevante nesse processo é o quanto a dimensão da atividade agencia a própria vida, e suas possibilidades de expandir-se.

Outro ângulo, apontado pela autora, é o aspecto relacional entre equipe de saúde,

---

<sup>104</sup> Amador, 2009b, p. 3.

<sup>105</sup> Idem, ibidem.

<sup>106</sup> Clot, 2010a, 221-222.

<sup>107</sup> O termo referido por Clot, no artigo citado, é “Instituição”; todavia optamos, nessa passagem, por utilizar “organização oficial do trabalho”, em consonância com outro texto do autor, no qual ele diz que a organização do trabalho, quando elaborada pelo coletivo de trabalho, é que cria possibilidades de “transfigurar a organização oficial do trabalho” (Clot, 2010a, p.172).

<sup>108</sup> Tosquelles apud Clot, 2010a, p. 222.

<sup>109</sup> Cf. Amador, 2009b, p. 7.

<sup>110</sup> Schwartz, 2000b, p. 37.



e portadores de sofrimento psíquico, em que se dá uma *processualidade gerativa*<sup>111</sup>. A atividade, ergoterápica ou da equipe de saúde, pode tornar-se um operador clínico, da ordem do problemático, que possibilita através do estabelecimento de relações que se comunicam por *singularidades*<sup>112</sup>, manter ativos em seu fazer, tanto paciente quanto trabalhador de saúde.

Convergindo com essa ideia de processualidade gerativa, temos em um artigo de Neubarth<sup>113</sup>, uma das fundadoras da Oficina de Criatividade, um relato de uma – o que poderíamos chamar - análise da atividade diante desse aspecto relacional. Há alguns anos atrás, às vésperas de uma exposição de trabalhos dos pacientes, organizada pelos trabalhadores, um dos pacientes, Frontino, já falecido, diz na época que não gostaria que seus trabalhos tivessem sido levados, que gostaria de tê-los consigo. Temos, nesse exemplo, uma fissura

uma clínica

produzida

pelo questionamento do paciente, que até então era tido como quieto e cordato, e aqui se mostra implicado com a produção que realiza. Além de, com isso, a equipe atentar-se para, como chamam, os *efeitos da sobrevivência psíquica de um homem internado há mais de cinquenta e cinco anos*, poderíamos tomar isso como um disparo para uma análise acerca da atividade dele e da própria equipe, em seu imbricamento, como se ele questionasse: De quem são os trabalhos produzidos na Oficina de Criatividade? Em um outro plano, mas comunicando-se com o da análise da atividade de Frontino, está, conforme o artigo, a equipe que se percebe ocupando uma posição de onipotência, de saber sobre o outro. A partir dessa situação, Neubarth analisa que o trabalho dos técnicos precisa ser revisto, sobretudo, quanto ao *desejo de destacar o trabalho do incapaz que passa a criar, graças ao trabalho do técnico*, de forma que criem uma outra forma de compartilhar essa experiência entre pacientes e trabalhadores. Frontino, em atividade, faz operar uma dimensão clínico- institucional. Além disso, fica expresso o fato de que – em todo o processo que envolve a produção e a exposição das obras dos pacientes - a atividade acontece no entre paciente-trabalhador.

Amplificando as ressonâncias acerca da conversa com os trabalhadores da

---

<sup>111</sup> Amador, 2009b, p.4

<sup>112</sup> Idem, ibidem.

<sup>113</sup> Neubarth, 2010.

Oficina, apostamos em uma vizinhança entre a expressão *somos poucos* e a dinâmica da organização oficial do trabalho, como produção de uma máquina abstrata que constitui rostos. Entendemos que, mesmo correndo o risco de perdermos uma certa prudência ao lançarmos essa problematização sobre a expressão *somos poucos*, ela pode nos indicar um por vir a ser desdobrado. É como um rosto que se presentifica em relação aos demais espaços e aos demais trabalhadores do Hospital, ou mesmo, a todos eles, afinal, rumoreja-se um fim<sup>114</sup>. Acompanhar o processo de atividade que se produz entre trabalhadores-usuários no Hospital é, supomos, buscar fugir das rostidades que se encarnam no corpo, organizando-o<sup>115</sup>. Perceber suas variações, fôlegos, é um modo de fugir de subjetivações e significâncias há muito engendradas, é um modo de fazer proliferar outros fazeres, uns não -fazeres; é um modo de desviar, subtrair as formas já sabidas, empregadas, cansadas. Fugir e inventar outros, ao mesmo tempo. Operar nessa tensão.

(...) não tem como ter um banheiro só pra nós? – Pergunta a estagiária.

Essa derivação, que envolve a articulação de algo que passa em uma zona de vizinhança, surge, também, através das rachaduras das paredes, das árvores envergadas que arrasam o cimento, das paredes *encarunchadas* sobre tintas descascadas. *Somos tão poucos* – nos imaginamos junto - que suportamos seguir em um espaço de trabalho-vida-saúde precário para trabalhadores-usuários-hospital. Quem reclamará? Estamos, nós também, experimentando o encontro com essas expressões, com esses conceitos que povoam um plano<sup>116</sup>, em que nos vemos, também, agenciados. Incorporamos essa expressão e nos aventuramos em desdobrá-la, traindo a premissa de análise conjunta da atividade, mas considerando que se trata da construção de um adentramento entre as coisas que emanam da Oficina e do Ateliê. Por vizinhança, diante do que escoar entre os fazeres de quem pesquisa e de quem trabalha, na Oficina e no Ateliê, sente-se um emaranhado de sensíveis que ladrilham uma espécie de caminho de ovos de vidro, pelo qual já

– Já é Natal?

---

<sup>114</sup> Como mencionamos anteriormente, fala-se de um fim das Unidades de Moradia, e não exatamente do Hospital, que têm outras modalidades de atendimento. A Oficina de Criatividade, na estrutura do Hospital, insere-se no Centro de Reabilitação Psicossocial São Pedro. Cf. ainda <[http://www.eusouvoce.com.br/pag\\_oficinahistoria.htm](http://www.eusouvoce.com.br/pag_oficinahistoria.htm)>.

<sup>115</sup> Deleuze & Guattari, 1996, p. 36.

<sup>116</sup> Deleuze & Guattari, 1992, p.52.

não é possível desviar.

Vamos, então.

Tentando fugir dos rostos<sup>117</sup> que nos destinam, levamos mais perguntas: Como esse agenciamento territorial pode afirmar a vida das pessoas que trabalham ali, de seus pacientes-artistas? Como fazer isso dentro de um Hospital Psiquiátrico? Dizemos isso, porque muitos são os modos de trabalhar que vão operando sobre nós, que vão nos afetando, que nos olham. Desses, poderíamos percorrer: as conversas com os trabalhadores, ainda durante nossa participação como extensionista do Acervo; as escritas nos diários da Oficina de Criatividade; as muitas roupas *descoradas*<sup>118</sup> que perambulam pelo hospital levando gente dentro, entre as muitas outras *gente-massa*<sup>119</sup> que não vemos; os textos-testemunhos que se propõem a pensar algo do que se passa na Oficina de Criatividade e em seu Acervo<sup>120</sup>.

A partir desses modos de trabalhar que nos chegam, e interessadas em experimentar as possibilidades minoritárias de uma fazer clínico- institucional, a partir da análise da atividade com coletivos de trabalhadores é que passamos a traçar as linhas problemáticas dessa pesquisa. Almejando iniciar essa experimentação com os trabalhadores, fizemos outras conversas com os mesmos, e obtivemos sua acolhida para frequentar as atividades da Oficina e do Ateliê. A partir desse aceite, encaminhamos o projeto dessa pesquisa ao Comitê de Pesquisa do Hospital Psiquiátrico São Pedro, o qual obteve aprovação<sup>121</sup>.

---

<sup>117</sup> Sant'anna, 2006.

<sup>118</sup> Neubarth, 2009, pág. 15.

<sup>119</sup> Idem, pág.16

<sup>120</sup> Referimo-nos, especialmente, às pesquisas, de mais de uma década, desenvolvidas pelo grupo de pesquisa Corpo, Arte e Clínica. Para mais: <[www.ufrgs.br/corpoarteclinica](http://www.ufrgs.br/corpoarteclinica)>.

<sup>121</sup> Projeto aprovado sob nº11029, em 2011.

### **III PROCEDER NO PRESENTE: ESCRITA, ATIVIDADE, COLETIVO E PROPOSIÇÃO-PROBLEMA**

*O trajeto se confunde não só com a subjetividade dos que percorrem um meio mas com a subjetividade do próprio meio, uma vez que este se reflete naqueles que o percorrem<sup>122</sup>.*

---

<sup>122</sup> Deleuze, 1997, p. 73.

## Sob um instante instável

Captando forças para proceder em um tempo presente, afirmamos que o real da atividade está sob um plano de virtualidades<sup>123</sup> a partir do qual os modos de trabalhar se agenciam em um território ritmado por componentes heterogêneos. Vemo-nos no meio desse tempo que não cessa de bifurcar-se, atualizando linhas de expansão e afundamento da vida que trabalha. Compondo linhas problemáticas a partir de um plano intensivo que ganha dimensionalidades e expressão, passamos a elaborar procedimentos metodológicos que façam reverberar as seguintes questões: Como as intensidades que agenciam os modos de trabalhar produzem o território que os compõe? Como esse território se permite ser produzido, e permite que os trabalhadores façam a gestão de seu trabalho? Como criar com os trabalhadores um plano comum que agence os modos de trabalhar a partir de coletivos de trabalho? Como produzir uma escrita da pesquisa que, sendo enunciação coletiva, produza fissuras, zonas de vizinhanças, entre o plano conceitual e o plano da experimentação? Como produzir proposições de experimentação que engendrem a atividade-em-si, que agenciem, assim, o pensamento-ação através da produção de imagens fotográficas?

Nossa atividade já está em curso. Enquanto mapeamos algo que se passa entre-dois - colhendo terrinhas, chafurdando-as e dispersando-as -, compomos um arquivo, tal como o mapa de Borges<sup>124</sup>, diante do qual poderíamos dizê-lo inútil. Tal arquivo se apresenta através de matérias de expressão, no entanto, sabemos que ao se tratar de uma cartografia acerca dos modos de trabalhar, os índices que surgem reservam em si o real da atividade. Ou seja, este se mantém em comunicação com uma série de fazeres e não fazeres que diferem da tarefa, ao mesmo tempo em que possibilitam sua existência, podendo dinamizá-la. Isso, pois enquanto colecionamos índices que marcam esse agenciamento territorial, o ritornelo *fabrica tempos diferentes a cada vez*<sup>125</sup>, percorrendo caminhos diversos. Zombando da utilidade, ou melhor, tornando-a transitória, pois partimos da ideia de que a atividade deforma tanto os corpos quando estes a deformam<sup>126</sup>, produzindo indiscernibilidades a todo instante. Assim, proceder no presente implica considerar os efeitos do ritornelo nesse percurso. Estes, agenciados em

---

<sup>123</sup> Amador, 2009a, p. 105.

<sup>124</sup> Borges, 2008, p. 155.

<sup>125</sup> Deleuze & Guattari, 1997a, p. 168.

<sup>126</sup> Schwartz, 2000b.

um espaço-tempo capaz de dinamizar a vida, produz sujeitos e objetos ao mesmo tempo.

Assim, tratamos de delinear as diretrizes metodológicas dessa pesquisa e a seguir apontamos os procedimentos que desembrulhamos. Fazemos isto sem a preocupação de achar um dado a ser coletado, como uma relíquia encoberta e conhecida por alguém, diante da qual só nos restaria tomá-la por reconhecimento. Falamos de um desembrulhar no presente, o qual é paradoxalmente contra um presente<sup>127</sup> que constitui formas e racionalidades. Isso, porque tratamos de um presente que faz desenlear linhas instáveis, em vias de desterritorializarem-se.

Situamo-nos à espreita de um presente como *ponto privilegiado, pois é nele que o processo de transformação acontece*<sup>128</sup> e, que os modos de trabalhar podem diferir através das singularidades que povoam um território. Por essa via, e entre as virtualidades de um trabalhar, apostamos em um tempo não mais arraigado às inteligibilidades pré-estabelecidas acerca de fazeres e saberes, e à história que reproduz

Sempre foi assim.

automatismos que açoitam e imobilizam o exercício de pensar. Tal enraizamento está impregnado pelo possível, ou seja, aquilo que é da ordem do representado, que prescindido do exercício de pensamento. Como efeito disso arrasa-se o plano das singularidades de um povo que, de tal modo, não pára de se massificar, tanto quanto o que este produz ao trabalhar. Trata-se, por conseguinte, de atualizar, não o que é da ordem do possível de se fazer, mas aquilo que a atualização em si, já que esta é *sempre criadora em relação ao que ela atualiza*<sup>129</sup>.

Desse modo, os procedimentos de uma pesquisa clínica da atividade transcorrem no presente, nutrindo-se do esforço de manter-se flutuante, entre linhas instáveis. Com isso, vislumbramos atualizações de singularidades de um povo sempre por vir, que não cessa de amplificar seu poder de agir, empregando movimentos e velocidades ainda imperceptíveis. Dizer isso envolve assumir uma ontologia do presente, em que a invenção - mais do que um conceito utilizado por um *expert* a fim de identificar e categorizar análises acerca do trabalho de outros-, é buscada a partir de um

---

<sup>127</sup> Fonseca et al., 2006.

<sup>128</sup> Kastrup, 2007. p.40.

<sup>129</sup> Deleuze, 2010, p.121.

compartilhamento de análises da atividade, por um trabalho em devir<sup>130</sup>. Ocasão a ser realizada, portanto, com os trabalhadores a partir do emprego de um recurso *tecnopoético* que possa extrair singularidades de uma nuvem virtual, as quais esperamos que sejam capazes de agenciar, também através da atividade de pesquisa, uma experimentação com efeitos clínico-institucionais.

Com isso, passamos a expor os procedimentos que visam operar um dispositivo clínico-institucional com o coletivo de trabalhadores da Oficina de Criatividade e o Ateliê de Artes. Para tanto, propomos duas linhas que se entrecruzam: a escrita enquanto atividade da pesquisa e a análise da atividade com coletivos de trabalhadores. Consideramos instigante afirmar o que se passa entre as atividades de pesquisar e de trabalhar, visto que, como tais, possam diferir a partir do que acontece nesse espaço relacional, entre-dois, de análise dada em loco e análise que ganha expressão na escrita. Isso, sobretudo, para que - esperamos-, ambas possam compor outros entre-dois.

Antes, ressaltamos que criar um dispositivo refere-se a percorrer uma série de linhas de fazer ver e de fazer falar uma máquina abstrata que produz modos de trabalhar. Diante disso, tal operação é clínica na medida em que, imbricada à nossa análise de implicação, propõe-se a acompanhar as situações de trabalho com vistas a captar intensidades que possam criar fissuras a partir de instantes móveis. Trata-se, nesse sentido, de habitar um espaço-tempo, na tentativa de pinçar linhas desterritorializantes, para que não cessem de diferir de si, por um povo que virá. E a dimensão institucional articula-se à ação de uma crítica diante de formas já estabelecidas, através de um processo que acreditamos acontecer por transdução. Ou seja, trata-se de uma *tomada de forma por propagação*<sup>131</sup>, em que - podemos pensar quanto à processualidade operada pela atividade - um coletivo de trabalho consegue extrair, através de suas singularidades, novas formas para a organização do trabalho. Através disso, percorrem-se linhas em desterritorialização e imprimem-se gestos que - mesmo que quase imperceptíveis-, transformam, aos poucos, os modos de trabalhar, e conseqüentemente a organização oficial do trabalho<sup>132</sup>. Movimento este que não cessa

---

<sup>130</sup> Kastrup, 2007. p.38-45.

<sup>131</sup> Guillier, 2004.

<sup>132</sup> Clot, 2010b, p. 119; e Clot, Y. 2010a.

de, também, reterritorializar-se, produzindo um *estado perpétuo de transcodificação ou de transdução*<sup>133</sup>.

### **Escrita em atividade e atividade em escrita**

A escrita deixa-se ressoar a partir da experiência de pesquisar. Da letargia, ao fulgor, com intervalos de penumbra. Não prescinde desta, pois é quando, por vezes, surge um vigor. Sintonizados com um percurso ético-estético-político, atentamos para os agenciamentos que dão ritmos às problematizações da pesquisa, e como essas podem se expressar na escrita. A pesquisa entra em atividade com a tarefa de escrever-se, se tomarmos essa como, apenas, pragmática. Se expressão, de uma experiência de trabalhar-pesquisar, tratamos de escrever *a partir de*, e não *sobre*; tratamos de nossa saúde *com* o que vamos nos tornando ao pesquisar-trabalhar. Levamos conosco um *princípio*<sup>134</sup>, que é o de expandir a vida, fazendo-a entrar em atividade nos processos-mundo que se vê engendrada.

Assim, nos aproximamos da cartografia como um modo de pesquisar em que a prática do cartógrafo se faz com a experimentação, um exercício em si, através de procedimentos que precisam ser inventados, de uma língua que precisa desdobrar-se. Trata-se de um *escrever-em-mim*, que diz de um desejo de compor com fagulhas de vida que se ativam ao trabalhar, fazendo proliferar um instante móvel capaz de chafurdar em terras, redistribuindo as problemáticas que a todo instante reterritorializam os modos de trabalhar.

A escrita engendra em si formações subjetivas como expressão de um agenciamento que a envolve, não se presta, portanto, a exprimir algo vivido<sup>135</sup>. Tudo o que *diz respeito à escolha de como viver, à escolha dos critérios com os quais o social se inventa, o real do social*,<sup>136</sup> vão povoando-a por singularidades. Assim, os componentes se referem a essas vidas com quem pesquisamos, mas não se restringem a

---

<sup>133</sup> Deleuze & Guattari, 1997a, p. 118.

<sup>134</sup> Rolnik, S. (1989, p. 70) ressalta que sobre a prática do cartógrafo *pode-se dizer que seu princípio é um antiprincípio: um princípio que o obriga a estar sempre mudando de princípios*.

<sup>135</sup> Deleuze, 1997, p. 11.

<sup>136</sup> Rolnik, 1989, p. 72.



elas, às suas existências, pois se trata de uma vida impessoal. Só temos *linhas e movimentos*<sup>137</sup> que se compõem a partir de uma máquina abstrata que as produz.

Dias cinza provocam a escrita, pois conjugam indiscerníveis de um tempo entre intenção e expressão.

A vida que se quer fazer vibrar em expansão é aquela que não fornece a verdade, não está pautada numa ordem cronológica e causal, tampouco numa aceção identitária interessada em realçar propriedades transcendentais a esses modos de trabalhar, como àquelas prescritas em manuais ou regulamentos de trabalho. Trata-se de uma vida dispersa, volátil, que, em nosso campo de estudo, se produz, sobretudo, no encontro com a loucura.

Diante de uma vida impessoal acompanhamos as formações subjetivas que ganham matéria de expressão, constituindo um campo existencial que nos possibilita percorrer linhas que traçam suspiros e fôlegos. Trata-se de afinar a escuta diante do que insiste em escrever-se.

E o que será das palavras que fogem?

Tomamos os efeitos do que se sucede entre dois meios, dois territórios, como motor para captar e extrair algo do que claudica, hesita, gagueja, aflora, afunda, se expande. Operação, esta, que se dá por uma comunicação disjuntiva.

Precisamos, diante dos modos de trabalhar que nos causam estranhamento, alargar as *possibilidades do olhar*<sup>138</sup>, precisamos afirmar *com* eles a diferença – que, muitas vezes, também nos pega de *sola*<sup>139</sup> – por um devir<sup>140</sup>, por um informe, por um impensado. Com essa afirmação ética, é que nos situamos entre. A ética se relaciona, desse modo, com as condições que implicam e envolvem algo. Trata-se, assim, de buscar os modos de existência que estão agenciados nos processos de trabalho da Oficina de Criatividade e no Ateliê de Artes, de modo que, em um processo de análise

---

<sup>137</sup> Deleuze & Guattari, 1997a, p. 118.

<sup>138</sup> Fonseca et al., 2006.

<sup>139</sup> O dicionário Aurélio define “sola” como parte do calçado que fica em contato com o chão: sola de sapato. Há também a gíria *Entrar de sola*, que se refere, no jogo de futebol, ao lance proibido em que o jogador escora ou atinge outro com a sola da chuteira, isto é, com o pé erguido. Nessa escrita, pensamos nas capturas que se passam conosco, nos dando, uma espécie de rasteira, diante da qual é preciso estarmos atentos, não por um esforço simples de evitá-las, mas para, a partir delas, afirmar algo do que se passa.

<sup>140</sup> Cf. Rolnik, 1993, p. 7.

da atividade, possamos, em conjunto, experimentar intensidades que nos chegam, selecioná-los e assim *conhecer*. Cria-se um plano de experimentação de pesquisa que implica produzir na ação o conhecimento, não se tratando, portanto, de conhecer para, então, poder agir. Nessa imbricação da experimentação como ação, é que assumimos os efeitos que o processo de pesquisar tem sobre o objeto de pesquisa, o pesquisador e seus resultados<sup>141</sup>.

Experimentamos, por essa via, um modo de escrita que pretende *esquizar* a si própria, ao escrevermos. Dizemos isso, sobretudo, quando não sabemos como dar a ver muitas das intensidades que nos chegam, e antes de destiná-las à margem por seu caráter irracional, nos vemos em um movimento de atentar *ao desconhecido que bate à nossa porta*<sup>142</sup>. Vemos nelas marcas indiciárias as quais podem atualizar virtualidades, fazendo *ver, dizer, afetar, subjetivar*<sup>143</sup> a vida. Elas nos pedem passagem, sussurrando que lhes deixem ficar, nem que seja amiúde.

Um dito nos assola e nos rouba as forças para desdobrá-lo.

Poderiam soar como vozes, vindas de outros tempos, que também constituem esse plano problemático que estamos envolvidos. Sua operação conceitual fica transversa, na tentativa de articular o encontro entre pesquisador-trabalhador-escritor-leitor. Tentamos que apontem o *caráter vivo das operações*<sup>144</sup> que nos acontecem.

Surge como devir-mulher.

Algumas advêm de registros já escritos nos diários de pesquisa, outras são engendradas na própria escrita que se faz, como um diário de escrita. Há uma porção delas que nos paralisam. Percebemos que sua dobra no mundo é demais para nós. Ao mesmo tempo, ela segue conosco, sem ao menos sussurrar. Escrever, na vizinhança do indiscernível, sob forças intensivas, exige que elas apareçam como podem, silenciosas, não ditas, nos forçando a pensá-las. Dizemos como podemos, agora. Vamos decompondo-as, misturando-as, para fazê-las durar. Fazê-las virar coletivo, virar mundo, ou melhor, já são um coletivo engendrado em um mundo. Trata-se de voltar ao coletivo, voltar ao mundo, para diferir.

---

<sup>141</sup> Passos & Benevides, 2009.

<sup>142</sup> Deleuze, 1990.

<sup>143</sup> Lazarotto, 2011.

<sup>144</sup> Delory-Momberger, 2007, p. 1.

As palavras que surgem, como efeitos de uma enunciação coletiva, agitam fronteiras, esfumaçam os contornos de um sujeito molar no qual pesquisadora, trabalhadores, usuários, estão agenciados. Trata-se de escrever por uma *política feminina molecular*<sup>145</sup>, apostando na indissociabilidade nada sossegada *entre o si pesquisadora e o si trabalhadores*<sup>146</sup> com os quais pesquisamos. A escrita toma pela mão

Ainda que eu seja uma larva, não estou sozinha.

os rastros de que não se pode excluir-se o que sucede ao pesquisador quanto à atividade humana que o concerne. Isso, porque, sobretudo no campo dos estudos do trabalho, é através de um engajamento problemático que se produzem as experiências subjetivas, as quais muitas vezes já foram refutadas e aniquiladas pela racionalidade taylorista e fordista<sup>147</sup>. Escrever com, portanto, se dá através da indissociabilidade de atividades que se procedem num território em que a pesquisa se agencia.

Do mesmo modo, as enunciações coletivas apontam para índices de um território, em que, por exemplo, a loucura tomada por sua irracionalidade, é, em grande parte das análises sobre o trabalho, dissociada de seu devir que se engendra à atividade dos trabalhadores. Isso seria a negação de uma *processualidade gerativa*<sup>148</sup> da atividade humana, que se produz por e no encontro de singularidades. Escreve-se entre-dois, entre matérias de expressão que se tornam visíveis e no mínimo dois meios. Tomamos falas, cheiros e imagens pelas brechas, por suas vias insurgentes, insubmissas, em um papel que a lhe dá uma aparente forma, pois esta não cessa de ser vazada, esburacada, disposta a outros encontros.

Nessa via de análise, escrever em indissociabilidade, escrever com, refere-se ao fato de que o agir e o conhecer, se articulam, se afetam e se produzem. Ou seja, trata-se de enunciar traços de escrita que compõem um plano comum que não se reduz à materialidade das falas expressas durante os encontros de análise da atividade. Isso, pois ao escrevermos entre algo que se passou através da ativação de um dispositivo de pesquisa e algo que transcorre a partir do agenciamento acadêmico em que a escrita se dá, faz-se isso duplicando a experiência do vivido, duplicando as linhas que escrevem

---

<sup>145</sup> Deleuze & Guattari, 1997a, p. 118.

<sup>146</sup> Amador, 2011.

<sup>147</sup> Schwartz, 2000b.

<sup>148</sup> Amador, 2009b.

acerca de um plano comum de análise. Duplicar, como condição inevitável às fissuras que o escrever-ler dispara, como uma máquina de guerra que opera a revelia de quem escreve, envolve disjunção e conexão<sup>149</sup>. Perseguimos, assim, *sua duração através das tendências múltiplas que a marcam, traçando sua continuidade e diferenciação contínuas*<sup>150</sup>. Cavocamos a atividade, tomada enquanto inacabamento, como virtualidade, na tentativa de afirmar um devir, que sempre escapa, que não é forma, que está na vizinhança, no entre<sup>151</sup>.

uma infiltração vaza para todos os lados.

Trata-se de um procedimento contagiado por reverberações de um plano intensivo. Tal como nos dá a ver Foucault, na escrita acerca da *vida dos homens infames*<sup>152</sup>, quando aponta que naquele texto trata-se de um intento em restituir a intensidade daquelas vidas ínfimas. Para tanto, o autor deixa que tais vibrações criem para si um sistema, ou seja, criem procedimentos próprios, os quais divergem de grande parte de seus estudos. Assim, essa proposição de escrita, guia-se pelas vibrações intensivas que lhe sucedem, sem prescindir, portanto, de estabelecer diretrizes na composição do percurso investigativo, que, desse modo, é criação.

## **Experimentações em situação de trabalho**

Passamos a percorrer as linhas do dispositivo clínico-institucional que se refere à análise da atividade com coletivos de trabalhadores. Para tanto, trazemos aspectos acerca das diretrizes que concernem à experimentação das situações de trabalho com vistas a construir um plano comum de análise.

Tomamos como princípio que se trataria de pesquisar a partir de um processo de experimentação, com os trabalhadores da Oficina de Criatividade e do Ateliê de Artes, como forma de engendrar as proposições metodológicas. Através de uma aproximação a esses espaços de trabalho, passamos a operar em um modo participativo, uma entrada em cena, o que nos propiciou estar em um *entre* pesquisar-trabalhar. Embora tivéssemos

---

<sup>149</sup> Deleuze, 1997, p. 125.

<sup>150</sup> Fonseca et al., 2006.

<sup>151</sup> Deleuze, 1997, p. 11.

<sup>152</sup> Foucault, 2006.

algumas perspectivas metodológicas em vista, à medida que fomos transitando entre os dois espaços é que se criaram as viabilidades, de acordo com os recursos técnicos que dispúnhamos, e, sobretudo, a acolhida dos trabalhadores.

Entendemos, nesse sentido, que a proposição de criação envolve-se e é produzida por nosso referencial ético-estético-político, uma vez que pretendemos fazer ressoar um pesquisar e um trabalhar, de tal modo que, nesse encontro de agenciamentos, possam ocorrer fissuras nos modos de fazer ambos. Para isso, consideramos que entrar em atividade, implica ativar índices indiscerníveis, rachar um tempo cronológico buscando situar-se num instante móvel. Entrar em processo de criação, com os trabalhadores, potencializa a operação da pesquisa como um dispositivo clínico-institucional, na qual a intervenção que daí decorre ativa-se por transdução. Ou seja, se dá através de intensidades que se propagam entre os recursos que são inventados, entre o encontro de singularidades, por um pensar e um agir indissociados.

Ativar algo, pensando e agindo, nesse sentido, está em consonância com essa proposição inventiva dos modos de pesquisar-trabalhar, assim como a dimensão inacabada da atividade, como propulsora ao pensamento e à ação. Também envolvida nisso, está nossa proposição de, ao invés de focar nos sofrimentos advindos do processo de trabalho, afirmar ações-pensamento em devir, que atualizem virtualidades de um trabalho sempre por vir. Entendemos que os sofrimentos são expressões de um descolamento, um aniquilamento das singularidades, as quais seriam capazes de provocar transformações no âmbito da organização do trabalho. Tais expressões compõem também o ritmo do agenciamento territorial, pois capturam o si do trabalhador, restando-lhe a reiteração de um si deformado por seu uso, o qual lhe torna inacessível as virtualidades concernentes ao pensar e ao agir. Dessa forma, trata-se de um território existencial que refuta os empreendimentos que se dão através de marcas singulares, o que certamente tem reverberações na dimensão da organização do trabalho. Assim, tanto uma via que expande como a que captura produz uma série de efeitos aos dinamismos espaço-temporais, que ganham materialidade nas dimensões ético-estético-político dos modos de trabalhar<sup>153</sup>.

---

<sup>153</sup> Deleuze, 2010, pp. 121-122; Schwartz, 2000b.

Pensamos que produzir o processo da pesquisa desse modo implica em envolver os saberes disciplinares, mas, sobretudo, amplificar o saber investido na atividade, de modo que estejamos abertos e atentos aos componentes territoriais que causam uma espécie de *desconforto intelectual*<sup>154</sup>. Ou seja, a percepção de defasagem do conceito em relação à experiência e a afirmação de que temos muito a aprender com quem desenvolve o trabalho<sup>155</sup>, e que é preciso considerar. Estas são exigências éticas e epistemológicas diante do encontro entre trabalhadores e pesquisadores. Temos, dessa forma, uma operação transdutiva através da qual não se trata apenas do território da Oficina de Criatividade e seu bifurcante Ateliê de Artes somado ao território acadêmico. Passamos à formação de *um novo plano* articulado, afetado e implicado com a construção de um plano comum na análise da atividade, e no qual o comum imbrica-se por seleções e disjunções<sup>156</sup>.

### **Análise coletiva da atividade**

Quanto aos aspectos que concernem à análise da atividade, traçamos um percurso entre outros usos para delinear uma perspectiva para nosso procedimento. Entendemos que os saberes, sejam eles advindos das disciplinas ou da atividade do trabalhador, referem-se às linhas enunciativas de um campo problemático, em que o presente não cessa de interpor-se. Analisar essas linhas enunciativas, a partir da atividade, envolve um procedimento tal como àqueles realizados nos arquivos, em que a análise, por sua dimensão crítica, tem a potência de produzir um desprendimento das continuidades, das linhas que capturam as singularidades em devir<sup>157</sup>. Isso, pois há em todo território uma *orla do tempo que cerca nosso presente, que o domina e o indica em sua alteridade*<sup>158</sup>. Assim, é nessa margem que a análise da atividade pode atualizar as forças que possam expandir os modos de viver.

A análise da atividade implica, então, tal como a escrita, a produção de seu duplo, indiscernível instantâneo, que margeia aquilo que ainda não fora falado, pensado,

---

<sup>154</sup> Schwartz, 2000a.

<sup>155</sup> Botechia & Athayde, 2008.

<sup>156</sup> Deleuze & Guattari, 1997a, p. 118.

<sup>157</sup> Deleuze, 1990.

<sup>158</sup> Deleuze apud Foucault, 1990.

realizado. Nos modos operacionais, que menciona Schwartz, trata-se de retornar a palavra à atividade, por parte de quem estuda ou pesquisa, e, por parte dos trabalhadores, uma aceitação da disciplina dos conceitos, num mútuo processo de aprendizagem. Para o autor trata-se, com isso, em situações de análise da atividade, de perguntar ao trabalhador *como ele faz* seu trabalho<sup>159</sup>.

Na clínica da atividade, uma das metodologias de análise propõe que os trabalhadores sejam filmados em situação de trabalho e, posteriormente, analisem as imagens produzidas conjuntamente com o psicólogo do trabalho. Depois, um colega participa da análise, situação em que se agrega à análise o gênero profissional, ou seja, aqueles saberes e fazeres que se relacionam a uma profissão, como um patrimônio contraído naquele fazer. Tal mecanismo pretende renovar as ações envolvidas nesses fazeres<sup>160</sup>.

Pensamos que, a partir dessas perspectivas, as contribuições políticas para o campo do trabalho em saúde mental e para a pesquisa clínica da atividade se engendram na ideia de que todo conhecimento opera uma transformação da realidade, exatamente, porque conhecer e fazer<sup>161</sup> estão imbricados. Trata-se nesse sentido, como já mencionamos anteriormente, de uma proposição clínico-institucional, em que o conhecimento é tomado como algo que se exerce e se aprende coletivamente. Assim, nos vemos no limite de nosso conhecimento, diante do qual ativamos uma empreitada por caminhos desconhecidos, criando um Dispositivo Clínico - Institucional de Análise da Atividade. Entendemos que tal processo produz, ao mesmo tempo, *agenciamentos coletivos de enunciação da desconstrução das certezas e da solidez das formas*<sup>162</sup>, também nos modos de trabalhar e pesquisar.

A partir disso e considerando os componentes territoriais com os quais nosso campo de estudo se organiza, partimos da ideia de que nosso procedimento de análise não empregará momentos individuais com cada trabalhador, privilegiando, portanto que a análise aconteça em momentos coletivos. Assim, não distinguiremos as diferentes formações profissionais e os tipos de vínculos dos trabalhadores com o Hospital. Embora isso tenha nos feito questão, acreditamos que por essa via podem advir

---

<sup>159</sup> Schwartz 2009a, p. 44-45.

<sup>160</sup> Clot, 2007.

<sup>161</sup> Passos & Benevides, 2009, p. 17 e 30.

<sup>162</sup> Fonseca & Kirst, 2004, p. 6.

contribuições ao campo da análise da atividade diante das situações de trabalho multidisciplinares. Isso, pois tais trabalhadores não se restringem a uma só profissão, mas a um conjunto destas, as quais estão agenciadas sob intensidades, forças e ritmos que as transversalizam. Dessa forma, alinhava-se uma via de análise acerca de como se compõem o gênero profissional em nosso campo de estudo. Tal perspectiva imbrica-se em um agenciamento territorial, que ganha expressividade através de práticas e de discursos heterogêneos. Este fato nos faz pensar que uma análise coletiva da atividade propiciaria uma maior variabilidade de disjunções, pois é entre *o que se faz e o que se diz* que as transformações incorporais operam<sup>163</sup>. Ou ainda, é naquilo que aponta para um aspecto indiscernível do trabalho que as análises podem operar uma duplicação, um ritmo crítico, uma atualização de gestos ainda impensados.

Além disso, pensamos que a análise da atividade, muitas vezes, já acontece, sobretudo, nas reuniões, por uma necessidade própria ao trabalho, sendo que o recurso *técno-poético* que se emprega nessa pesquisa busca, na medida de suas potencialidades, amplificar tais análises, desde uma perspectiva inventiva. Isso, pois o recurso *técno-poético* cria fissuras nas formas e nas inteligibilidades, através de uma molecularização<sup>164</sup> que transcorre entre as intenções, as ações empregadas, os resultados. Acreditamos, com isso, que as análises decorrem por disjunções, colocando em cena linhas que produzem modos de ver e de falar acerca do real da atividade.

Rumamos, a partir das definições acima, à efervescência de possibilidades que uma atividade coletiva nos provoca, através da operação de fazer com. Trata-se de radicalizar a experiência do encontro, no sentido de que tanto pesquisador e trabalhadores não serão mais os mesmos. A proposição é de acompanhar um processo de trabalho que nos inquieta, e, diante disso, fazer algo, *fazer-algo-com* eles. Apostamos que a partir do compartilhamento das situações de trabalho com os trabalhadores pode-se produzir outros modos de trabalhar, pesquisar, pensar, viver.

Trabalhar coletivamente é como se cada um lesse em voz alta, um texto seu. Todos os textos interrompidos, pelo encontro. Ativos com o encontro, erguem a cabeça, miram, discordam, levantam-se e batem à porta. Retornam, lêem, depois disso, outras palavras, neologismos.

---

<sup>163</sup> Deleuze, 1997b, p. 219.

<sup>164</sup> Amador, 2009a, p. 16-17.



O acompanhamento das situações de trabalho na Oficina e no Ateliê fez com que se tecessem linhas de visibilidade para os ritmos críticos nos quais esses espaços de trabalho agenciam os modos de trabalhar, e conseqüentemente a pesquisa. Assim, nas reuniões com os trabalhadores da Oficina ocorreu um pedido para que se realizasse uma espécie de capacitação, a partir do que fomos construindo com eles, e não para eles, uma proposição de análise da atividade, o que incluiu a escolha da fotografia como recurso técnico-poético. Já no Ateliê, possivelmente como efeito dos componentes territoriais que ali ganham expressividade, nossa participação concentrou-se, em grande parte, em acompanhar o cotidiano de trabalho. Tais aspectos apontam para a criação de um plano comum de análise da atividade que passa a se constituir em bifurcação, como efeitos do processo de individuação que tal território vem passando. Tomamos esse percurso como exercício de uma atividade em si, já que, desde então, os índices que demarcam esse território passam a reverberar seus ritmos, nos forçando a pensar nos devires que passam.

### **Proposição-problema: fazer pensar o inimaginável**

Passamos a discutir a elaboração da proposição de análise da atividade, que foi empregada, inicialmente, apenas junto aos trabalhadores da Oficina de Criatividade, considerando também os desdobramentos surgidos na banca de qualificação<sup>165</sup> acerca dessa experimentação. Nesse momento, não trataremos, portanto, do processo de produção das imagens, tampouco das análises da atividade que dali decorreram, o que será articulado aos capítulos posteriores. Consideramos pertinente realizar esse desdobramento com vistas a traçar uma nova proposição de análise da atividade junto aos trabalhadores da Oficina e do Ateliê. Esperamos que, desse modo, possamos agenciar componentes em virtualidade, através da produção de imagens fotográficas.

Buscamos, a partir disso, subtrair a percepção – mesmo que pareça redundante -, que temos a respeito de nosso processo de pesquisar, para dispersar-nos de linhas que

---

<sup>165</sup> Neves, 2011.

capturam o fazer. Tomamos isso como algo necessário para que essa escrita se produza também forçada a pensar no limite do conhecimento.

O pensamento é alguma coisa que só emerge *forçado*.<sup>166</sup>

É como espanar um pouco do que percebemos, do que nos parece que é, a fim de pensar a partir de algo que está se produzindo, acerca de uma proposição realizada nos procedimentos iniciais dessa pesquisa, justamente, para colocá-la de outra forma. Criar outros modos de vida para os diversos fatores que envolvem o pesquisar.

Situamos, então, nossa atenção à proposição expressa ao grupo de trabalhadores: fotografar seu trabalho. Problematizamos<sup>167</sup> tal consigna empregada com vistas a produzir uma crítica, sem, por isso, considerar a experimentação realizada como um equívoco, sobretudo porque algumas análises da atividade puderam ser realizadas a partir dessa proposição, e quantas outras talvez já se proliferaram a partir dela.

Pensamos que, ao propor que fotografassem seu trabalho, realizamos um recorte, que poderia ser pensado como uma abertura aos componentes territoriais que têm uma certa recorrência, ou seja, que são conhecidos. Diante disso, poderíamos pensar que a proposição poderia circunscrever apenas aspectos perceptivos, produzindo imagens do trabalho concernentes às prescrições que advém da organização oficial do trabalho. Poder-se-ia correr o risco, com isso, de que não se explorasse, ou explorasse superficialmente, a dimensão problemática que implica o próprio ato de trabalhar, assim como sua dimensão inventiva.

Tomando alguns elementos que envolvem a imagem, o movimento e o tempo, desenvolvidos por Deleuze, poderíamos situar nossa primeira proposição como uma proposição- montagem, em que esta *fornece às imagens, aos acontecimentos da matéria-luz, as propriedades que já lhe pertencem*<sup>168</sup>. Uma vez que consideramos o agenciamento territorial como operador de ritmos que expandem ou capturam as singularidades dos trabalhadores, parece-nos necessário que se dê atenção especial para aqueles ritmos que mantêm o mesmo compasso, reproduzindo saberes e fazeres. Nesse

---

<sup>166</sup> Ulpiano, 1995.

<sup>167</sup> Nessa escrita, consideramos e acolhemos, também, as críticas geradas na banca de qualificação quanto à necessidade de alinhar, de forma mais precisa, a problemática da pesquisa com a proposição de produção de imagens.

<sup>168</sup> Rancière, 2001, p.2.

sentido, trata-se de *uma imagem concebida como elemento de um encadeamento natural com outras imagens dentro de uma lógica de montagem análoga àquela do encadeamento finalizado das percepções e das ações*<sup>169</sup>. Nessa via, poder-se-ia produzir não mais do que naturalizações que se imprimem nos corpos, impregnando-os, não apenas a eles, mas nosso olhar e gesto, os quais se endurecem diante de linhas territorializadas. Supomos, com isso, um mecanismo que poderia nos fazer prescindir do ato de pensar e de analisar o que se sucede em um tal espaço-tempo. Parece-nos necessário atentar para isso, tanto acerca do percurso da pesquisa, quanto ao que se refere ao trabalho em saúde mental, a fim de expandí-los em sua virtualidade de forçar o ato de pensar.

Todavia é indispensável um cuidado delicado para não reduzir e desqualificar as análises que decorreram desse modo que denominamos por montagem. É concernente à atividade humana criar, em alguma medida, entre o que é proposto e o que é realizado, pois aquilo que é prescrito pode ser tomado como *restrição ou recurso*<sup>170</sup>. Ou seja, há uma dimensão do trabalho, que é a que compõe o gênero profissional, que possibilita que não se reinvente o trabalho a cada vez. Nesse sentido, também precisamos apontar que no plano conversacional em que se dá a atividade, criam-se linhas que podem ativar a imagem em si, dando a ver seu potencial de diferenciação, seu acesso ao plano virtual.

De qualquer modo, e com essas ressalvas, o que nos parece imprescindível apontar é que essas produções fotográficas poderiam nos levar a relacioná-las à constituição de uma inteligibilidade que se dá naquele espaço, através da qual uma rede de percepções, estabelece uma organização lógica<sup>171</sup>, diante das quais *as cartas já estão dadas*. Isso, pois *usar a imagem não significa que esta produz pensamento*<sup>172</sup>. Não se trata, contudo, de tomar o recorte perceptivo como um equívoco, o que seria um contra-senso, já que a percepção opera necessariamente subtraindo do mundo o que lhe interessa<sup>173</sup>. Estamos, assim, explorando as implicações metodológicas de nossa proposição – fotografar seu trabalho – com vistas a deixar em suspensão algumas dessas percepções, provocando-as a, quem sabe, expandir-se, a criar outros recortes do mundo. Isso, pois, o cérebro humano *confiscou para si o intervalo entre ação e reação. A partir*

---

<sup>169</sup> Rancière, 2001, p.6.

<sup>170</sup> Clot, 2010b, p.123.

<sup>171</sup> Ulpiano, 1995.

<sup>172</sup> Anotações realizadas em 18/04/2011 no seminário “Tempo e Subjetividade”, ministrado pela Prof. Dra. Tania Mara Galli Fonseca, quando se falava do cuidado para não essencializar o cinema clássico.

<sup>173</sup> Ulpiano, 1995.

*desse intervalo, ele se instituiu como centro do mundo. Constituiu um mundo de imagens para seu uso: um mundo de informações à sua disposição*<sup>174</sup>. Frente a isso, nos vemos diante de um desafio: Como enunciar uma proposição metodológica que, ao mesmo tempo, deflagre a necessidade de ultrapassar o que é recortado pela percepção e force a prática do pensamento diante da imagem em si, da imagem virtual?

Poderíamos pensar que se trata de criar uma consigna sob o instante móvel do presente, capaz de lançar o pensamento por veredas desconhecidas. Exige-se assim uma disposição a conhecer o ainda não apresentado, não percebido, o impensado. Tais análises produzem em nossos procedimentos metodológicos uma precisão, ainda que imprecisa, nos indicando uma diretriz a ser perseguida nos modos de fazer a pesquisa. A consigna poderia ser denominada como sendo do tipo proposição-problema.

O problema seria como um intervalo que habita a imagem, o qual fissa o que se pode falar a respeito desta. O problema leva ao inimaginável, ao impensado.

*Um rosto intensivo, escapa do contorno*<sup>175</sup>.

Desse modo, a imagem que perseguimos através das linhas problemáticas da pesquisa, seria tomada para além das percepções já sabidas, e que não cessam de produzir-se, de enquadrar e de subtrair do virtual algo que lhe interessa, ainda que esse procedimento seja contingente aos nossos modos de apreender o mundo. Podemos considerar quanto a isso, as roscificações que são produzidas entre usuário-trabalhador-hospital, diante dos quais já há muitos saberes.

*Vou levar esse trabalho para botar no posto e saúde da Unidade, para pôr respeito. Aqui não adianta, todo mundo é doente, tem que tomar remédio, não tggss...*<sup>176</sup>

Assim, perseguimos as ínfimas *atividades-em-devir*, as quais dilaceram e cerceiam esse território, como esta, acima referida, que pretende *pôr respeito*. Embora as *atividades-em-devir* refiram-se a algo que está se tornando, instantes de sua passagem ganham expressividade através de uma incessante subtração. Por essa via, pensamos que a colocação da proposição de pesquisa, aos trabalhadores, poderia pautar-se já como uma

---

<sup>174</sup> Rancière, 2001, p.7.

<sup>175</sup> Anotações realizadas no seminário “Tempo e Subjetividade”, dia 09/05/2011, quando falava-se da imagem-afecção.

<sup>176</sup> Fala de um participante da Oficina de Criatividade, ao terminar seu trabalho.

proposição-problema em que *cada imagem então se separa das outras para se abrir à sua própria infinitude*.<sup>177</sup>

Ressaltamos, ainda que desdobrar os procedimentos metodológicos nessa direção tampouco assegura alguma espécie de prática do pensar. Todavia, pensamos que, com isso, talvez possamos ser cutucados pelo tempo, não apenas através do acompanhamento de um percurso do movimento, diante do qual sentimos ora sua brisa, ora suas rajadas de vento; mas, sobretudo, livre do movimento, em um tempo virtual, em um espaço quaisquer.

Mas é algo que não acontece naturalmente.

### **Uma proposição-problema: por um plano comum entre a Oficina e o Ateliê**

É preciso grudar em algo que se diferencia, que pede passagem, criando um intervalo no tempo cronológico, capaz de fissurar entendimentos, percepções e amplificar a atividade por vir. Temos a linha problemática que se dá a ver com a divisão da Oficina de Criatividade em dois espaços. Isso se mantém como uma instigante questão, a qual vai reverberando através de enunciações coletivas que vão ganhando expressividade. Escutamos, ao pé do ouvido, esse ruminante desejo e o tomamos como *um artifício, um aglomerado de afeto-e-língua, indissociável, formando constelações existenciais singulares*<sup>178</sup>. Fazemos dessa problemática, igualmente como definimos o problema na imagem, um intervalo a ser perseguido. Assim, captamos intensidades, estabelecemos alguns critérios e construímos com os trabalhadores da Oficina e do Ateliê, ladrilhos para percorrer um plano comum, um entre-dois.

A atividade comum do trabalho, geralmente, não é nem enunciada. Econômica, vai contaminando silenciosamente os modos de trabalhar, vai criando-os. Quer dizer, já há um comum que circula ao nos colocarmos em situação de trabalho<sup>179</sup>. Paradoxalmente, esse comum, que é um lastro do gênero profissional, vai se movendo,

---

<sup>177</sup> Rancière, 2001, p.2.

<sup>178</sup> Rolnik, 1989, p.73.

<sup>179</sup> Segundo Clot (2002), o gênero transporta integralmente os “*équivoques*” que sua história deixou persistir e que não pára de renovar; ou ainda, tudo aquilo sobre o que sucessivas gerações de profissionais trabalharam e onde cada um, nesta obra de interpretação coletiva e singular, foi obrigado a colocar algo de si.

seja com a entrada de pessoas novas naquela função compartilhada, seja pelas próprias situações de trabalho, que sutilmente vão compondo outros modos de trabalhar. Os planos do que já acontece e do que pode vir a acontecer, movidos pelo trabalhador em atividade, já operam em disjunção. É preciso desgrudar. Querendo amplificá-los, nos perguntamos sobre como fazer operar um plano comum? O que pode o encontro entre pesquisadora e trabalhadores? O que esse encontro já pode? Como fazer com que a operação do pensamento surja como relato do que acontece ao trabalhar, do que aconteceu ao fotografar a atividade e do que acontece durante a análise coletiva? Como fazer vibrar o tempo, contraindo e distendendo a repetição do trabalhar?

Diante dessas questões, e de muito vaivém, lançamos aos trabalhadores a seguinte proposição, seguida de uma lista de procedimentos para o decorrer dos encontros: *Fotografar seu trabalho, desde o ponto de vista do que envolve o real da atividade: além do que faz, aquilo que não se faz, aquilo que se tenta e não se consegue, aquilo que se pensa e sonha em fazer*<sup>180</sup>.

Procedimentos para a análise coletiva da atividade:

1. *Não há certo ou errado, sim uma produção singular;*
2. *É importante que cada um dedique alguns momentos para pensar na proposição;*
3. *É preciso enfrentar o desafio de não saber de início, e seguir com a proposição;*
4. *Produzir as fotos, não usando fotos já guardadas em arquivos pessoais ou do Acervo;*
5. *As fotos não serão publicadas, serão só para apresentação e discussão em grupo;*
6. *Enviar as fotos por e-mail;*
7. *Serão quatro encontros, sendo os dois do meio dedicados às apresentações individuais;*
8. *Cada um apresentará as fotos produzidas, contando o que pensou em registrar como atividade, como foi o processo de fotografar e o que aconteceu por fim.*
9. *No quarto encontro serão analisadas as produções fotográficas coletivamente, a partir das falas, buscando elementos que se repetiram e que foram objeto de*

---

<sup>180</sup> Osório, 2010, p.42.

*surpresa.*

### **Rede de análises**

Eis nossas estratégias, por vertigens que virão.

A partir dos procedimentos aqui explicitados, temos uma variedade de componentes a serem pinçados. Diante disso, vamos às composições que traçamos diante dessas experimentações metodológicas. Como tais, poderíamos designá-las como intervenções multidimensionais, porque se dão em um território sob efeitos ritmados, e, por isso, são também um nome em passagem, em ziguezague, produzido entre intensidades do trabalhar. São, nesse sentido, a criação de mais uma voz, uma enunciação coletiva.

#### **IV INDISCERNIBILIDADES: ENTRE IMAGEM, LOUCURA, ENUNCIADOS E GESTOS**

*Deus escreveu a história da minha vida por linhas tortas e eu não consigo ler<sup>181</sup>.*

---

<sup>181</sup> Francisconi, 2010, p. 42.



Diante das tortuosidades das linhas que agitam uma vida qualquer, temos índices de um território que faz contrair ou distender as singularidades de um povo. Além de um riso que a epígrafe, porventura, venha causar em seus leitores, nos perguntamos se não se trata justamente de seguir por uma linha disjuntiva entre quem teria o poder de escrever a história e quem diante do não saber precisaria inventá-la. Todavia, como enfrentar essas linhas tortuosas? Como compor com seu caráter indiscernível, que não nos indica um caminho de certezas? Como sujeitos larvares, cada um vai se tornando expressão de um modo de vida frente ao que lhe parece torto, tortuoso, enigmático, indiscernível. Trata-se de um empreendimento vital, que constitui um *ethos* acerca dos propósitos da vida, nos exigindo um esforço para estar à altura do que nos acontece, para criar um modo de leitura a ser inventado, uma estética de vida à revelia desse suposto escritor que tudo sabe. A leitura como ação incessante e por vir é, nesse caso, uma *escreitura* da vida. Esta, entendida como tudo aquilo que pode produzir diferença, através dos *modos de lê-los e enunciá-los*<sup>182</sup>. A estética é, então, esse desbravamento diante de uma forma aparente, calcado na aposta de que a vida se tece sob um instante móvel, no qual há de criar seu por vir.

Seguimos esse rastro em que um território, através de uma operação de *intermezzo* - entre a escrita e a leitura, ou entre duas coisas quaisquer-, passa a ser outra coisa. Assim, passamos a expandir nossa pequena coleção de modos de trabalhar, fazendo um procedimento ético-estético em que se liberam tempos que agenciam os corpos. Profanamos suas cronologias e traçamos, a partir dos acompanhamentos das situações de trabalho e dos encontros de análise da atividade, nossa *escreitura*. Dentre tantos tempos contraídos e distendidos, selecionamos aqueles que carregam intensidades que, sobretudo, dilaceram modos de trabalhar repetitivos, cansados e há muito territorializados. Falamos das enunciações coletivas que demarcam a presença de um indiscernível, um componente de *incerteza, de indeterminação*<sup>183</sup> que vai ganhando expressão no trabalho, ao mesmo tempo em que estes não cessam de provocar atualizações diante das virtualidades imanentes a ele.

Temos, pois, essa dinamização que se refere ao real da atividade, ou seja aquela situação de trabalho que ultrapassa a tarefa – esta entendida como aquilo que deve ser

---

<sup>182</sup> Fonseca, 2010, p.36.

<sup>183</sup> Amador, 2009a, p. 13.

feito-, e a atividade realizada - o que foi feito. Trata-se, então, como dissemos anteriormente, de uma série de ações empreendidas pelo trabalhador no curso entre o que lhe foi solicitado e o que ele de fato realiza<sup>184</sup>. Assim, o real da atividade, ainda que sempre se mantenha aquém do expresso, ganha expressão em nossa escrita a partir de situações em que o indiscernível faz os gestos e falas se duplicarem. Desse modo, apresentamos análises que partem de algumas das imagens produzidas, de uma análise coletiva acerca de gestos e falas num campo de disputa, e dos ritornelos da loucura como um incessante produtor de problemas e de gestos desbravadores.

### **Indiscerníveis: entre imagem, atividade e tempo**

Partimos, então, para a discussão acerca de três imagens, que se fazem índice para pensarmos a produção de imagem que, na sua relação com o indiscernível, o inominável e o impensado, nos apresentam diferentes dimensões do que se sucede ao trabalhador. Falamos da fotografia que surge como registro de uma atividade realizada, e daquela que força o trabalhador a pensá-la no instante presente. Para tanto, vemos um dinamismo espaço-tempo que as imbrica de distintas formas. Passamos, então, às análises realizadas acerca das referidas imagens, as quais se realizaram apenas com os trabalhadores da Oficina.

A primeira delas traz a imagem do trabalho de um paciente em que aparece a palavra *alcunha*. A intenção empregada nessa foto era falar do aprendizado que se tem com os pacientes, já que na ocasião foi buscar saber o que significava essa palavra. Na ocasião, todos falam que esse paciente costuma escrever palavras não comuns ao vocabulário dos pacientes, sobretudo referentes a nomes de cidades e países.

A segunda imagem refere-se a uma situação em que uma paciente estava brincando com a própria sombra, ocasião em que ele se lembrou da proposta de tirar fotos. Em tal imagem, aparece uma paciente fazendo o sinal de amor, como expressão do momento em que ela estava ensinando-o a fazer sinal de paz (com os dedos em “v”) e amor (também conhecido como sinal de positivo). A intenção da foto remonta o trabalhador que aparece - também como sombra-, tentando captar o que ela estava fazendo, produzindo - enquanto ela observava seu duplo- uma aproximação, com vistas

---

<sup>184</sup> Clot, 2010b, p. 103-104.

à acompanhá-la no espaço da Oficina.

E na terceira imagem, trata-se de outra paciente, em um momento que é descrito por um trabalhador como sendo de felicidade, situação que o comove. Durante a narração da imagem, ele examina esta atentamente explicando que, quando tirou a foto, parecia um sorriso, mas que ao olhar novamente a expressão está antagônica, parecendo que ela está triste. Diante disso, o trabalhador diz que é confuso entendê-la e que isso acontece em outras ocasiões. Fala, então, que não é um trabalho simples, que é preciso buscar algo no ambiente em que está para poder acessar os pacientes.

Há nessas três narrativas acerca das imagens produzidas algo que nos instiga a pensar a relação da imagem produzida com um indiscernível que concerne ao real da atividade. Antes de desenvolvê-las há de se ter a prudência de tomá-las, além de imbricada na consigna proposta, como efeito de um ato fotográfico que pode acessar distintos planos temporais que constituem os modos de trabalhar.

Com a intenção de apontar para a aprendizagem envolvida na pesquisa da palavra *alcunha* e na aproximação com a paciente que brincava com sua sombra, parece-nos que estas imagens produzidas carregam, a partir de sua narração, o registro de uma atividade realizada. Assim, a fotografia parece delinear um recorte perceptivo, como representação de um encontro com o indiscernível, que fora anterior ao ato fotográfico. Todavia, diante da questão acerca do que fazer frente ao enigma - por exemplo, que cada paciente coloca em cena -, tem-se um *conflito vital*<sup>185</sup>, que por sua vez, nesse caso, parece permanecer imanente, não desembrulhado na análise coletiva, a partir das virtualidades que lhe concernem. As referidas imagens comportam um registro do que se realizou como ato concernente frente à dimensão do não saber que se imbrica na atividade. Traçam, desse modo, uma dimensionalidade do trabalho que envolve o que fora realizado, ainda que permaneçam ocultos muitos dos gestos que tornaram tal ato perceptível, expresso. Ainda assim, ressaltamos que o procedimento de subtração de uma imagem do mundo, como ato perceptivo, parece não operar uma disjunção sob o instante presente. Ou, ao menos, isso não fora expresso pelo trabalhador e seus colegas. A materialização da imagem, através do ato fotográfico parece cessar, não fazendo, portanto, naquele momento da narração, problema ao trabalhador, ao grupo que o escuta, ou à pesquisadora.

---

<sup>185</sup> Clot, 2010b, p. 104.

Em relação à imagem fotográfica que tematiza um momento de felicidade de uma paciente, sucede-se algo distinto. Parece-nos que durante a narração desdobra-se um instante em que a imagem rasga a superfície que lhe foi confinada, abrindo-se para o impensado. De início parece-nos que a percepção que intencionava subtrair daquela situação de felicidade uma imagem fotográfica, escapa aos limites do enquadramento possível pela máquina. A fotografia, que acaba por confundí-lo, carrega uma expressão antagônica, que parece tocar em outras facetas da imagem em si. Embora também não se expanda através de uma análise coletiva, em tal produção imagética o indiscernível volta a ativar-se para ser outra coisa, tornado tanto a imagem como seu autor, diferente de si.

Enunciamos, nessa sessão, expressividades que não deixam de envolver a forma como o procedimento se atrela, primeiramente, com nossa consigna e, depois, à análise coletiva que parece ter ficado silenciosa frente a essas imagens. Optamos, contudo, em focar nossa análise ao instante-espacial em que percebemos uma variedade de indiscerníveis, diante dos quais nos vimos instigados a pensar em suas distintas dimensões espaço-temporais, ainda que estas prossigam reterritorializando-se. Assim, ainda que estejamos de acordo que as imagens são *prenhes de virtualidades aguardando atualização*<sup>186</sup>, arriscamos pensá-las, a partir das análises realizadas, que houve a produção de uma imagem-do-realizado, e uma imagem-problema. Ou, ainda, que a narração perceptiva das duas primeiras imagens dramatizaram um tempo contraído no passado, a partir do que fora o encontro com o indiscernível em um certo ato de trabalhar; e, a outra, uma narração aberta a um tempo que dilacerou formas, em ato de análise, fazendo com que se atualizassem novas intensidades do trabalho.

Ainda que tenhamos feito essa opção de análise, não refutamos, ao contrário, *que as atividades suspensas, contrariadas ou impedidas - até mesmo as contra-atividades*<sup>187</sup> - concernem ao campo de investigação do pensamento e da ação empregada no trabalho. Nesse sentido, as narrativas das três imagens referidas, poderiam ser desdobradas tomando alguns de seus aspectos indiciários, por exemplo, a palavra alcunha, a aproximação de uma sombra, e a felicidade que profana seu próprio retrato. Estes são elementos que nomeamos por indiscerníveis, pois ganharam

---

<sup>186</sup> Amador, 2009a, p. 13.

<sup>187</sup> Clot, 2010b, p. 104.

expressividade, justamente, duplicando-se e colocando-se entre o enfrentamento do não saber e a imagem que os tentou capturar.

Igualmente, tal fato ocorre com nossa escrita que poderia desdobrar-se a partir desses componentes que traçam um território. Lembramos, por exemplo, que antes de 1999, os pacientes moradores do Hospital eram, em um grande quantitativo, denominados por alcunhas<sup>188</sup> que referiam sua condição física ou moral. Depois desse ano é que se passou a realizar um levantamento e, posterior, registro de certidões de nascimentos desses pacientes<sup>189</sup>. Nesse sentido, nos parece que tais componentes territoriais poderiam ser pensados como há muito tempo engendrados nessa máquina abstrata que, paradoxalmente, produz(iu) pessoas que ficam sob os efeitos de um ziguezague atemporal, incapaz de lhes conferir um nome próprio. As alcunhas, de alguma forma, circunscrevem uma localização espaço-tempo, mas confinada apenas ao âmbito do asilamento, prescindindo, desse modo, dos direitos civis.

Para que precisariam de um nome, se eles são vistos, em sua grande maioria, como terra arrasada, como corpos ambulantes que expressam uma catástrofe da natureza humana?

Com isso, temos corpos destituídos de uma radical assinatura, abertos ao tempo que nada marca. Ou melhor, que nos indica a insistência de uma recorrente destituição de um *si* no louco, apenas porque este *si-louco* frequentemente margeia ou afunda-se em indiscerníveis modos de se expressar, diante de quem os olha.

Diante disso e do fato de que são esses pacientes que compõem grande parte do destino das ações laborais empreendidas pelos trabalhadores do Hospital, nos perguntamos pelos efeitos que esses indiscerníveis componentes provocam, através de tempos imperceptíveis e de informes corpos. Como ativar uma aproximação crítica diante do que está tão dilacerado ou contraído? Tais questões não se tratariam de uma justificativa, mas nos levam a pensar que uma aproximação a esses pacientes, com propósitos clínicos, necessita de um grande esforço para a constituição de um *ethos* diante dessas vidas quase indiscerníveis.

---

<sup>188</sup> Thomazoni, 2010, p. 36.

<sup>189</sup> Cortês, 2002.

## **Indiscerníveis: entre estilo e gênero (multi)profissional**

Pessoas que se afetam, mãos que diferem.

Seguindo por uma via que se guia por componentes indiscerníveis, passamos à apreciação de duas séries de imagens produzidas, diante das quais acontece uma análise que se desdobra de forma coletiva. Esta, propiciada a partir da discussão de diferentes percepções acerca de falas e gestos de trabalho, conferem às funções atribuídas aos trabalhadores da Oficina, uma dimensionalidade territorial<sup>190</sup>.

Entendemos que a análise coletiva da atividade, nos abre uma linha para pensarmos a constituição e reformulação de aspectos do gênero profissional que perpassa a Oficina, na medida em que os trabalhadores operam entre o trabalho prescrito e o real<sup>191</sup>. O gênero profissional refere-se, então, ao que os trabalhadores de *determinado meio conhecem e observam, esperam e reconhecem, apreciam ou temem; o que lhes é comum, reunindo-os sob condições reais de vida; o que sabem que devem fazer, graças a uma comunidade de avaliações pressupostas, sem que seja necessário re-especificar a tarefa a cada vez que ela se apresenta*<sup>192</sup>. Todavia, pensamos que no caso da Oficina trata-se de um gênero em que vai se efetuando entre multiprofissões. Diante disso, articulamos aqui também a ideia desenvolvida por Deleuze e Guattari, acerca do agenciamento territorial, considerando as ênfases dadas quanto aos seus movimentos e velocidade imperceptíveis que articulam componentes heterogêneos de um espaço-tempo. Pensamos, por essa via, que o gênero profissional, justamente, contém linhas territorializadas e linhas em desterritorialização, através das quais, ou em virtude destas, se criam vias de estilização do trabalho. Nesse sentido, as falas e gestos empreendidos pelos trabalhadores seriam expressividades de um território, que lhes confere ritmos e estilo próprios, ainda que estejam referenciadas a um mundo exterior, por exemplo, de onde advêm as determinações de funcionalidade daquele espaço e aos indiscerníveis e moleculares componentes territoriais.

Diante desses aspectos, passamos às duas séries de imagens analisadas coletivamente. Uma destas salta aos olhos da trabalhadora, quando esta viu as mãos de uma paciente que aguardava que o esmalte das unhas secasse, sobre a folha ainda sem

---

<sup>190</sup> Deleuze & Guattari, 1997a, p. 121.

<sup>191</sup> Clot, 2010b, p. 119.

<sup>192</sup> Idem, ibidem, p.121-122.

pintura. A partir disso, resolveu fazer uma série de imagens das mãos dos pacientes. Fala que, de alguma forma, os pacientes também dão a mão, que é uma relação de dupla via. Depois, mostrando as fotografias, vai falando das diferentes expressões das mãos: a escrita, o jogo, a pintura, o desenho, o violão, e, até, as mãos que não fazem nada, ou melhor, as mãos que vêm à Oficina e apenas compartilham aquele espaço, tomando-o como de convivência. Muitos começam a falar e mencionam uma paciente que escolheu o tricô, como referência de que cada um se expressa de um modo. Também contaram que, em outro dia, essa mesma paciente pediu a tesoura, e sem eles perceberem, cortou seu próprio cabelo, repetindo muitas vezes que havia ficado bonitinho. Referem isso fazendo uma distinção com o atendimento realizado nas Unidades, pois, por mais que eles não tivessem visto, na Unidade isso não aconteceria. Outra pessoa<sup>193</sup> diz que também pensou em fotografar as mãos porque é a partir delas que a mente se expressa, já que a mão, segundo ela, é a extensão da mente. Surge o relato a respeito do passarinho, recorrente nos desenhos de uma paciente, que o fez, desta vez, de rabo preto e comprido logo após esta ter convidado um paciente, que é negro, a irem juntos ao banheiro. Como este negara o convite, tal desenho é referido como marca de um pensamento que ocorrera à paciente, capacidade produtiva que surge como uma surpresa à trabalhadora. Dessa forma, reafirmam a relação do desenho ser a expressão da mente, e a mão uma espécie de ponte, passagem.

Outra pessoa entra na discussão dizendo que nas suas fotos não focou só as mãos, mas a pessoa. Diz que o trabalho é mais amplo, que ali dentro vale o ser humano em si, e que o papel deles é trabalhar com o ser humano. A discussão aquece, outra pessoa reitera que não deixa de ser um momento de expressão geral. A trabalhadora conta, mostrando suas fotos, que resolveu tirar fotos dos pacientes em várias situações dentro do Hospital, desde quando ela chega ao portão, que é quando inicia seu trabalho, até outras situações do cotidiano da Oficina. Exemplifica, então, mostrando as imagens, entre as quais aparecem pacientes que ajudam na Oficina, ou que tem uma relação afetiva com os trabalhadores, a ponto de isso gerar vários comentários carinhosos. Em seguida, ela reitera que não separa a mão do corpo, que eles vêm por vários motivos, possivelmente, porque faz bem pra eles. Elucida alguns sentidos expressos pelos

---

<sup>193</sup> Essa pessoa levou oito fotografias, tiradas anteriormente à proposição, formando também uma série de imagens de mãos.

pacientes, dizendo que uns dizem que vão trabalhar, já a Natália<sup>194</sup> é referida como diferente, pois ela tem um olhar estético sobre os trabalhos, chegando a elogiar alguns trabalhos dos outros. Por fim, a trabalhadora diz que eles trazem tudo, *vem inteiros*, e que na Oficina são acolhidos, podem fazer várias coisas que na Unidade não deixam.

A discussão, então, acerca das duas séries de fotografias, centra-se, sobretudo, na ideia das *mãos como extensão da mente* e naquela em que o *trabalho se dá com o ser humano, inteiro*. Na ocasião, o grupo de trabalhadores entra em atividade, amplificando as percepções que envolvem o trabalho, em sua dimensão problematizadora, a partir do coletivo, e não necessariamente a partir da proposição na pesquisa. Entendemos que não se trata de esperar que a proposição de pesquisa pudesse, de alguma forma, circunscrever uma certa produção dos, digamos, supostos resultados. Isso, visto que se espera que, justamente, a produção traga algo de impensado, não podendo, portanto, ser prevista a priori. Assim, pensamos que essa dimensão problematizadora que ocorreu durante o compartilhamento das fotografias, faz desse momento uma atividade em si. Seria como se aquelas imagens, em alguma medida, perceptivas já não coubessem mais em seu enquadramento, fazendo contato com uma imagem em si<sup>195</sup>, uma imagem mundo.

Trata-se, nesse sentido, de uma renovação de aspectos do gênero, aqui entendido como multiprofissional, em que os dinamismos ativos que decorrem da problematização propiciam que as virtualidades concernentes aquele trabalho se atualizem. Pensamos isso, pois, cada uma das duas séries de imagens parece partir de um *conflito vital*, em que o sujeito cria uma *intenção mental*<sup>196</sup>, ou ainda, como poderíamos denominar, uma percepção que recorta, dentre as conflitos vitais que a atividade envolve, a que se refere sua ação de trabalho.

Por essa via, a análise coletiva da atividade faz com que o gênero do discurso e o gênero das técnicas desse espaço de trabalho estabeleçam trocas e ajustes que acabam por modificar e compor o gênero da atividade. Ressaltamos que os gêneros do discurso são uma espécie de espectro de falas que compõem o que pode ser enunciado, na qual se mantém imanentes - no curso em que se atualizam- potencialidades flexíveis, plásticas

---

<sup>194</sup> Natália Leite é uma paciente-artista que já expôs seus trabalhos diversas vezes, sendo que a mais recente destas foi realizada junto à, já referida, exposição *Eu sou Você*. Mais adiante, também discorreremos acerca de outras análises da atividade que seu modo de vida no Hospital provoca nos trabalhadores e em nossa pesquisa. Mais: [http://www.eusouvoce.com.br/conteudo\\_natalial.htm](http://www.eusouvoce.com.br/conteudo_natalial.htm)

<sup>195</sup> Ulpiano, 1995.

<sup>196</sup> Clot, 2010b, p.104.



ou criativas<sup>197</sup>. Já o gênero das técnicas refere-se ao conjunto de gestos que se compõem por *discordâncias e sustentações* entre o *gesto prescrito*, o próprio gesto e o *gesto dos colegas de trabalho*<sup>198</sup>. Segundo Clot, ambas as dimensões do gênero da atividade têm um alcance normativo, ao mesmo tempo em que são recursos através dos quais o trabalhador utiliza para desenvolver sua atividade, e assim estilizá-la.

Nesse sentido, pensamos que a produção de imagens que objetivaram referir um trabalho através das *mãos* e do *paciente inteiro*, são expressões de uma intenção mental, tal como mencionamos acima, constituída, no decorrer da atividade. Esta se constitui a partir de conflitos vitais em que o real da atividade lhes faz problema, em relação as intensidades indiscerníveis que envolvem aquele trabalho. Faz-se, desse modo, um recorte perceptivo diante daquilo que não cessa de ser imperceptível, daquilo que se situa sob um instante móvel. Contudo, não se trata de desconsiderar que a percepção cumpre um papel fundamental, visto que, no campo do trabalho, é ela quem possibilita traçar um comum àquele território, ou seja, um gênero profissional, em que alguns pressupostos balizem as ações que podem ou precisam ser desenvolvidas<sup>199</sup>. Parece-nos fundamental é que tais apreensões perceptivas tenham aberturas ao que ainda não fora percebido, imaginado e pensado.

Através dessa análise coletiva, acreditamos que se tornaram visíveis os estilos de trabalho que se desenvolveram sob as tramas de um gênero multiprofissional. Ao mesmo tempo, pensamos que o fato dessas duas estilizações terem entrado em disputa, tenham, com isso, possivelmente, atualizado enunciações que já se faziam imanentes aos gestos que iam sendo empreendidos pelos trabalhadores. Assim, consideramos que o gênero profissional se afeta, sobretudo, no momento da análise coletiva da atividade, mesmo que na ocasião essas linhas estilísticas tenham se mantido em suspensão e divergentes.

Hoje os pacientes serviram seu próprio café.

Destacamos também que nos dois relatos, houve menção às diferenças entre o trabalho que se realiza na Oficina daquele realizado em outras Unidades do Hospital. Parece-nos, com isso, que o gênero profissional, além de resguardar o que compõe um território de trabalho, mesmo com suas divergências, é capaz de estabelecer suas bordas, o que lhe confere uma distância crítica aos demais espaços do Hospital.

---

<sup>197</sup> Idem, ibidem, p. 120-121.

<sup>198</sup> Idem, ibidem, p. 122.

<sup>199</sup> Idem, ibidem, p. 122.

Além disso, o enunciado que demarca esta diferenciação parece compor-se justamente pela previsibilidade ou permissão referida pelos trabalhadores de que na Oficina os pacientes podem fazer *atividades diferentes*. Isso nos remete, novamente, ao trabalho prescrito, que, segundo Clot, pode ser utilizado como instrumento ou como recurso, ou seja, pode ser uma espécie de trampolim ou de paralisia para que a atividade engendre o poder de pensar e de agir<sup>200</sup>. Considerando que os enunciados parecem referir apenas *atividades diferentes*, como recurso - do tipo trampolim-, pensamos, que tal dimensão pode vincular-se ao clima afetivo mencionado pelos trabalhadores que, de alguma forma, parece concernir a este componente permissivo. Assim como o componente da criação e de produção parece referir uma proliferação da diferença em si, isto é, de uma diferença que atravessa o agenciamento territorial, ganhando expressividade e desdobrando-se através de seus dinamismos espaço-temporais. Tal dimensão do gênero multiprofissional, que se enuncia por *fazer atividades diferentes*, sugere, de certo modo, que naquele território há alguns imprevisíveis do real que podem ser suportados pelo grupo. Afinal, qual seria o problema de alguém querer ter o cabelo cortado bem *curtinho*, para que fique bem *bonitinho*?

### **Ritornelos da loucura: gestos através de indiscernibilidades**

O que pode a loucura? O que pode a loucura embotada? Como pensar as prescrições de um trabalho em que o real da atividade dramatiza indiscerníveis componentes, quase sempre iminentes, em vias de se desterritorializarem-se?

Pensamos que essas questões são concernentes às muitas profissões que têm sua atividade voltada para o trabalho com a loucura, sobretudo, pelo modo como esta é rapidamente territorializada, nas diferentes épocas e por diferentes disciplinas do conhecimento, por exemplo, sob signos da desrazão, do medo, do elemento a ser excluído, do abominável. Ainda assim, estamos de acordo que em cada território profissional, circulam componentes indiscerníveis,

Eu tinha medo do velho do saco que cruzava minha ruela nos finais de tarde.

---

<sup>200</sup> Idem, *ibidem*, p.122.

também em vias de se desterritorializarem, que colocam em cena conflitos vitais ao trabalhador, muitas vezes, ainda não comportado por um gênero profissional que, como tal, dê algum suporte diante dos imprevisíveis do real. Todavia, o que pretendemos destacar, nessa sessão, são aqueles componentes indiscerníveis que - poderíamos dizer -, são agenciados por uma máquina abstrata que não cessa de produzir ritornos da loucura. Como tal, esta se dá a ver através dos ritmos críticos tornados expressivos que, por sua vez, *encontram uma objetividade no território*<sup>201</sup> que eles traçam.

Nesse sentido, cruzam-se intensidades que povoam um plano e indiscernibilidades que, com o chafurdar das terras, tornaram-se visíveis, ainda que por instantes breves. Falamos de situações de trabalho que duplicam as linhas de visibilidade, compondo, desse modo, uma enunciação coletiva do trabalho com a loucura. Assim, pinçamos alguns rastros minoritários que nos levam a pensar nos gestos - de escrita e de trabalho- que são criados para proceder no instante em que a prescrição falha ou, mesmo, silencia, nos forçando a inventar uma saída, que talvez seja o começo de algo, ou apenas passagem entre duas coisas quaisquer.

Como tais, temos o encontro com um paciente.

***Tu tens medo de mim?***

Múltipla escolha:

- Sim, tenho medo.
- Sim, tenho medo de falar, até.
- Sim, tenho medo até de pensar o porquê.
- Sim, mas sei que não devia.
- Sim, tu me *agarrou!*
- Se tu já *sabe*, por que *pergunta?*
- Se tu já *sente-sabe* meu medo, me dá mais medo.
- Ai, como quebrar as máquinas de rostidade?

---

<sup>201</sup> Deleuze & Guattari, 1997b, p. 124.

Plana-se em suspensão, diante da inexplicável contração do corpo, ligeiramente exposto, rapidamente territorializado por um abraço louco. Depois de uma eternidade intensa, poussa-se sob um outro instante voraz, que logo faz duplicar o encontro.

#### **Abraçar verbo em disjunção**

– E tu abraças todo mundo?

O abraço segue abrindo encontros e despedidas, por mais algumas vezes. Poderíamos pensar que o abraço, como o que se sucede entre-dois, faz com que o novato adentre no gênero da atividade<sup>202</sup>. Por que se tem medo de um certo mundo? Seu corpo é intimado a entrar em cena, a seguir os ritmos daquele território. Na sequência dos encontros, outras linhas são percorridas pelos corpos, em que o medo dissipa-se, e o trabalho prossegue. Ainda assim, ouve-se com frequência rumores que dizem: *és louca em trabalhar no São Pedro*.

Com outra paciente, por vezes, o que se reitera é o traço percebido como agressivo, incontinente e desbravador de fazer o que se quer.

E quem não quer?

Isso acontece diante de quase todos. Então, quando ela chega, um dos trabalhadores tenta se aproximar, e, caso perceba que naquele dia não é possível, acaba pedindo para um colega entrar na conversa, ou ainda para que tome a cena. Nesse jogo de forças e de tentativas de aproximação, lançam propostas e conversas, que muitas vezes recaem nas indiscernibilidades entre paciente e trabalhador. A percepção diante *daquilo que não se dá conta*, antes que possa ser fixada como fracasso, configura o caráter imprescindível do entrosamento com a equipe de trabalho, fato que é mencionado pelos trabalhadores. Isso nos remete a pensar um traço que é do gênero profissional – e que também abarcaria sua dimensão *multi-*, em que os gestos se tornam tácitos e prescindem de muitas explicações<sup>203</sup>. Contudo, nessa situação, a análise coletiva chegou ao fato de que diante de alguns componentes - que entendemos como indiscerníveis- se sucedem aprendizados, visto que se trata, segundo mencionam, de uma dimensão imprevisível do

---

<sup>202</sup> Clot, 2010b, p. 126 e 175.

<sup>203</sup> Clot, 2010b, p. 122.

trabalho. Nesse sentido, parece que há uma percepção, também, tácita de que o trabalho desenvolvido implica uma dimensão de incessante variação.

Por uma outra via, temos indiscernibilidades que nos olham atentas, perguntando-nos: de que gente se fala? Pensamos se tratar da busca de marcas de uma distância crítica, entre o trabalho que se faz na Oficina e os demais espaços do Hospital, através da afirmação de que ali, na Oficina, os pacientes *são gente*, são livres, podem, por exemplo, andar pelo Hospital. Na ocasião do enunciado, talvez tenhamos sido tomados por algo de impensado em nossa atualidade, em que as discussões que pautam a temática da reforma psiquiátrica - a qual talvez seja um componente com outras expressividades em nosso território acadêmico - prosseguiam em disjunção diante desse enunciado. Contudo, não se trataria de simplesmente apontar que não são - gente, tampouco livres- e, sim, de desdobrar a discussão, tornando-a análise coletiva, acerca de que liberdade e de que gente é essa que se fala. Ainda que pudéssemos supor associações quanto ao exercício da prática de liberdade que envolve a atividade plástica dos pacientes, apontamos a escrita de Francisoni que dramatiza uma outra territorialização para esse mesmo componente:

#### ***A história do São Pedro***

*Eu vejo assim, cheio de labirintos, os buracos abertos. Apavorante, os lugares fechados, vejo os pacientes presos. Será que pedem socorro ou não tem mais força para gritar ou serão castigados se gritarem?(...)<sup>204</sup>*

Com isso, não intencionamos achar uma verdade, oferecendo na escrita uma disputa rasa - acerca desse tema tão complexo - entre o enunciado *estar livre* e os dinamismos espaço-temporais do Hospital. Todavia, optamos por mantê-lo na escrita, para que, quem sabe, possa encontrar outros desbravadores de indiscerníveis enunciados e gestos.

Desbravadores, estes, que supomos se lançarem nas vias imprevisíveis em que se dá a atividade. Entre muitos, também quase imperceptíveis em seus gestos, temos estas vidas que trabalham. Estas, enquanto sujeitos larvares ruminam e regurgitam formas,

---

<sup>204</sup> Francisoni, 2010, p. 91.

esmerilham linhas de variação de um fazer que tem uma potência clínica, visto que esta se faz pelas bordas indiscerníveis, entre dois elementos quaisquer.

Entre tais bordas, temos também a análise relatada por um trabalhador, a partir da produção de uma imagem. Este se viu diante das impossibilidades de aproximação a um paciente que apenas sentava em uma cadeira bem distante dos demais, e, frequentemente, ficava gritando. O componente sonoro, aos poucos, foi ganhando uma dimensão problemática na medida em que se realizam tentativas de contato e se permanecia sem resposta. A distância crítica entre os dois tinha placas ilegíveis, diante do que se poderia supor que expressassem um aviso: *vou grunhir se entrarem no meu território*<sup>205</sup>. A fotografia produzida, então, mostra este paciente, a uma certa distância de quem o fotografa, sentado na cadeira da Natália, a única que dispõe de estofamento.

A cena produzida, através da imagem, contrai em si um tempo de inúmeras tentativas, ao longo de mais de um ano e meio, em que o oferecimento da água tornou-se um primeiro componente de passagem, de um território a outro. Contudo, além da análise de um processo clínico advindo da atividade do trabalhador, temos a atividade do paciente. Este escolhe um momento em que a cadeira está vazia e, então, faz de si presença em um espaço valorizado. Isso, pois entre todas as que estavam disponíveis há uma escolha, com a qual se coloca em cena, ainda que silenciosamente e, por vezes, gritando.

Ressaltamos que na ocasião da análise da atividade, a dimensão da distância real, no momento do disparo, entre o fotógrafo-trabalhador e o paciente, não foi explorada. Da mesma forma, não analisamos coletivamente essa dimensão da atividade do paciente, que mesmo aparentando estar indiferente ao que lhe ocorre, faz uma seleção muito precisa em relação aos componentes territoriais da Oficina. Dizemos isso, pois o fato da Natália ter a seu dispor um cadeira estofada, com banquetinha de apoio aos pés, parece apontar para a atividade seletiva e reterritorializante do paciente. Ressaltamos, por fim, que seguimos os efeitos de enunciação coletiva, captando forças nessas indiscernibilidades, as quais, na escrita, já se tornam outra coisa, com o simples interesse minoritário de fazê-las reverberar.

---

<sup>205</sup> Deleuze & Guattari, 1997a, p. 127.

## Tendências indiscerníveis

Através das considerações até aqui desdobradas acerca das indiscernibilidades, vislumbramos linhas de variação, pois subjaz entre, o que se pode expressar como misto da experiência, uma tendência agitada por um *precursor sombrio*<sup>206</sup>, que faz comunicar essas séries que guardam intensidades contraídas e indiscerníveis condensados. Assim, fazemos uma aposta na tendência que essas expressões compartilham, não com um possível, que estaria fadado em sua investida de construção da representação, mas sim com uma geografia<sup>207</sup>, atrevida aos ditos da *História gorda*<sup>208</sup>, em uma pretensão de cavoucar fissuras, aberturas e saídas em um relevo de virtualidades.

Desse modo, fazemos um investimento no instante móvel em que um fazer minoritário – entre a escrita e a análise da atividade – tece-se a partir de gestos que assoprem esses devires - como possam e ainda que persistam suas indiscernibilidades, já tornadas outras. Tais gestos dramatizam um espaço-tempo que agencia atuações singulares, que acabam criando um povo. Poderíamos pensar que o povo, como um plano das singularidades, é o que, aos poucos, acessa as virtualidades de uma estilização do trabalhar, tal como propõe Clot.

---

<sup>206</sup> Deleuze, 2006, p. 116.

<sup>207</sup> Deleuze & Parnet, 1998, p.10. Cf.: “Os devires são geografia, são orientações, direções, entradas e saídas”.

<sup>208</sup> Hartmann, 2012.

## V GÊNEROS (MULTI) PROFISSIONAIS: ESTILIZAÇÕES ENTRE CUIDADO, EXPRESSÃO, CLÍNICA

*O estilo, num grande escritor, é sempre também um estilo de vida, de nenhum modo algo pessoal, mas a invenção de uma possibilidade de vida, de um modo de existência.*<sup>209</sup>

*Os estilos não cessam de metamorfosear os gêneros profissionais que eles adotam como objeto de trabalho logo que estes ficam “fatigados” como meio de ação.*<sup>210</sup>

---

<sup>209</sup> Deleuze, 1992, p. 126.

<sup>210</sup> Clot, 2010b, p. 126.



Gêneros profissionais se tornam visíveis no traçado desse mapa de pesquisa, ainda que já tenhamos considerado, no capítulo anterior, que talvez se trate de um gênero multiprofissional. Questão, esta, que levaremos conosco, com o intuito de fazê-la criar seu ritmo, nos levando a um caminho desconhecido, ainda indiscernível.

Considerando as linhas problemáticas já traçadas, acompanhamos gêneros profissionais que se intercambiam diante da máquina abstrata que os constitui, sobretudo, através de um território em bifurcação e de indiscernibilidades ritmadas pela loucura. Procedemos a partir de um dispositivo clínico-institucional que visa analisar atividades entre intensidades, em que se amplificam linhas de visibilidades que compõem os gêneros profissionais. Estes têm um regime de luz inseparável do dispositivo que os produz<sup>211</sup>. Assim, através de dinamismos espaço-temporais que atualizam virtualidades singulares (de um povo que virá) e intensas (de uma terra que revida com uma crítica<sup>212</sup>), alguns gêneros profissionais vão ganhando expressividade. Seguimos os rastros que os tornam um território ou, ainda, encontro de territórios, sempre em defasagem. Colhemos prescrições, gestos, enunciados e estilos do que acontece no curso da atividade de trabalho.

Partimos, então, para as questões: como pensar o trabalho multiprofissional sob a perspectiva do gênero profissional? Seria este também multiprofissional? Pensamos que do ponto de vista das várias profissões que trabalham na Oficina e no Ateliê, poderíamos denominá-lo desse modo. Contudo, desdobraremos uma análise nesse capítulo que lança a ideia de que, nesses espaços, intercambiam-se gêneros de trabalho, os quais seriam o de cuidado e de expressão, tendo ainda a clínica como um operador transversal. Pensamos que através destes gêneros os trabalhadores produzem estilizações próprias a cada um destes, o que é propiciado através de traços particulares que nos fazem vislumbrar uma forma acabada para cada gênero<sup>213</sup>. No entanto, tais gêneros são apenas uma espécie de assinatura para cada um desses três feixes de forças que ganham expressividade através de fazeres (prescritos, realizados, irrealizados, sonhados, camuflados).

---

<sup>211</sup> Deleuze, G., 1990.

<sup>212</sup> Deleuze, G. & Guattari, F., 1997a, p. 119 e 154.

<sup>213</sup> Clot, Y. 2010b, p. 126.

Ainda assim, parece-nos que seguimos com nossa problemática acerca do multiprofissional, uma vez que tais gêneros habitam o mesmo território e estão, portanto, sob as mesmas forças heterogêneas, o que lhes confere ritmos que os aproximam ou os distanciam. Ao mesmo tempo, tais gêneros se comunicam, se afetam e se produzem através de uma série de indiscernibilidades agitada por um *precursor sombrio*. Diante disso, vemos o raio que fulgura no céu, tornando visível ínfimas transformações de um gênero<sup>214</sup>. Tão logo isso se sucede, já nos vemos sob a penumbra, O novo não salva, apenas coloca novos problemas.

visto que tais raios são índices de um trabalho recém reterritorializado, que ganha, desse modo, o frescor de um gesto novo, diante do qual não se pode ser ingênuo. Isso, pois tanto a estilização em cada gênero mencionado, quanto essa comunicação disjuntiva entre as séries de gestos e enunciados de cada gênero, não cessam de estarem inacabados, diante das exigências da ação, ou seja, do real da atividade.

Nesse sentido, o aprimoramento dos gêneros, ou do gênero multiprofissional, implica a dimensão inventiva do trabalho. Diante desta, poderíamos pensar em uma diretriz que, dessa forma, constituiria uma proposição ético-estético-política, que seria a de pousar incessantemente sob o instante presente e fazê-lo duplicar-se.

Com isso, passamos a apresentar uma trama entre os gêneros do cuidado e da expressão, além de uma clínica que rumoreja em *intermezzo*. Ainda que as linhas de cada um desses gêneros se prolonguem através do tempo, pegamo-las pelo meio, a partir de um traço particular que nos fez pensá-la como participante de um dos gêneros. Contudo, estas linhas, logo, nos fazem encontrar outras, de outro gênero, o que nos leva a pensar na implicação de um gênero em outro, arrastados por uma força que não os dissocia e que não os deixam apreender por nomes tão precisos. Poderíamos supor, então, que se trate de um gênero multiprofissional? Acreditamos que tal efeito também decorre da processualidade que o real da atividade faz operar no cotidiano de trabalho, uma vez que, nesse curso diário, as linhas que aqui pinçamos compõem um emaranhado só. Apresentam-se em diversas cores, espessuras, variando ainda entre seus reluzentes e opacos pigmentos, tornando visíveis diferentes dimensões dos gestos ativados em sua *feitura*.

---

<sup>214</sup> Deleuze, 2010, p. 116.

Assim, tomamos expressões advindas de análises coletivas e situações de trabalho, na medida em que estas envolvem os dinamismos da atividade. Todavia, não pudemos prescindir de trazer outras expressividades acerca das produções de alguns modos de viver no hospital, assim como quanto aos nossos modos de pesquisar. Estas se apresentaram sorrateiras, mas foram o suficientemente fortes para apontar linhas intensivas, diante das quais os gêneros profissionais foram também se transformando. Ressaltamos, ainda, que aqui se encontram componentes que envolvem os espaços da Oficina e do Ateliê, visto que tais gêneros circulam entre ambos.

### **Gênero do cuidado: entre hábitos, paradoxos e invenção**

Estamos entre corpos impregnados química e discursivamente, tanto quanto seus prontuários. Com isso, montamos uma cena que poderia apenas enfatizar o quão necessário se faz uma linha de cuidado. Contudo, temos acompanhado alguns frágeis e ínfimos modos de trabalhar que se abrem às expressividades dessas vidas tão impregnadas por índices de uma máquina abstrata que os envolve. Imaginamos que, senão medicados, talvez alguns, nem conseguissem frequentar a Oficina e o Ateliê, já outros prescindem de qualquer psicotrópico. Temos, desse modo, paradoxos e hábitos que agitam as fronteiras desse gênero. Ainda assim, os balbucios, ao quererem falar, nos perturbam. Quais as possibilidades que cada um tem de expandir sua vida, de esfumaçar os rostos? Como cada um vai expressando sua singularidade?

Talvez colados aos balbucios descompassados, os corpos dos trabalhadores - sobretudo na Oficina- entram num ritmo em que se repetem os gestos de entregar as folhas de papel, às vezes, marcado por uma cadência: *mais folhas, mais folhas!* Movimentos sem fim, que vão dando suporte para que se crie um território expressivo junto aos pacientes. Poderíamos pensar que são linhas de cuidado, que se desterritorializam e, logo em seguida, reterritorializam-se através do encontro com as linhas da expressão, fazendo daquele espaço outra coisa, a constituição de uma estética de existência para aquelas vidas. Ou, ainda, o efeito de um entre-dois - cuidado e expressão-, que acaba por produzir uma distância crítica em relação aos demais

espaços do Hospital, conforme já mencionamos no capítulo Plano Intensivo e, segundo análise dos trabalhadores que dizem que Oficina é um espaço de *atividades diferentes*.

Ainda assim, as repetições, por vezes, são traduzidas como uma força que arrasa os ânimos, tendo sido esta uma primeira intenção ocorrida a uma trabalhadora, diante da proposição de que fotografassem seu trabalho. A imagem, que não chegou a ser produzida, iria envolver aspectos da natureza, como menção à força que se busca no grupo de trabalho. Em outras situações, mencionam que a tristeza é combatida pelos próprios pacientes ao verem algum trabalhador cabisbaixo. Analisam, desse modo, que isso acontece em decorrência dos cuidados que os pacientes recebem na Oficina. Os cuidados, dizem, são de via dupla.

Nesta mesma via, temos aquelas ações que são realizadas como justificativa de fazer algum agrado para o paciente, através de intermediações com seus respectivos tutores, ou mesmo providenciando o pedido, por exemplo, comprando alguma comida que o Hospital não dispõe. Poderíamos supor, diante dessas ações, que estas são uma espécie de revide das vidas que ali trabalham diante de condições materiais muito exíguas, sobretudo, destinadas aos pacientes- moradores. Isso, pois, muitas dessas vidas dilaceram o olhar e o ouvido através de suas palavras simples e forte presença. Pensamos que a linha que advém dessas ações também poderia ser denominada por gênero do cuidado, cujas estilizações cotidianas, construídas no encontro com os pacientes, mantêm tal gênero em funcionamento<sup>215</sup>. Contudo, nos vemos diante de um paradoxo, visto que as expressividades do trabalho que advém das linhas de cuidado, de alguma forma, se fazem necessárias para muitos pacientes que ainda são moradores. Diante disso, pensamos que, ainda que não se refira a uma origem causal e unidirecional, a gênese desse gênero imbrica-se nas práticas de isolamento, que remontam uma das grandes prerrogativas para o tratamento da loucura, desenvolvido pelos discursos médicos. Além disso, temos o fato do Hospital ter sido criado a partir das demandas de superlotação da Santa Casa de Misericórdia, a qual era uma entidade de caridade destinada aos cuidados dos pobres e loucos<sup>216</sup>.

---

<sup>215</sup> Clot, 2010b, p. 126.

<sup>216</sup> Cheuiche, E. M. acessado em 19/01/2012.

<http://www.saude.rs.gov.br/wsa/portal/index.jsp?menu=organograma&cod=5365>

Com isso, podemos supor a ação de uma máquina abstrata que foi constituindo essas linhas de cuidados, as quais, nesse sentido, encarnam discursos que possibilitaram o asilamento. Da mesma forma, alicerçaram o entendimento de que, diante do louco, precisava-se agir sobre suas paixões e inteligência, as quais destituídas de valor e de verdade, eram hierarquizadas e reportadas ao saber da racionalidade médica<sup>217</sup>. Nestas formas de cuidados, além do médico que buscava atuar a partir de uma relação de confiança com o louco, participavam também enfermeiros e vigilantes que, por vezes, procediam nessas intermediações.

Como transformação dessas linhas de cuidado, ou ainda como atualização desta numa fronteira tênue entre as linhas de um gênero clínico, temos a análise de uma trabalhadora que, dessa forma, expressa um acesso às virtualidades de um fazer implicado na ideia de que os pacientes pensam. Seu entendimento é de que realiza um *trabalho intuitivo*, em relação ao manejo, visto que não tem formação nas áreas da saúde ou de artes. Dessa forma, conta que vai percebendo o que aparece, perguntando para as colegas como proceder, o que já nos indica as vias de propagação de um saber que vai transitando no grupo de trabalho. Entre as situações cotidianas, explicita que não acreditava que a produção plástica dos pacientes tinha relação com a história deles e que era, desse modo, uma expressão singular, achava, ao contrário, que essas relações eram *lorotas*. Então, ouve uma ocasião em que, poderíamos dizer, o real da atividade apresentou componentes que a fizeram ver que o desenho de uma paciente tinha a ver com uma situação recentemente experienciada por ela, e observada pela trabalhadora.

Por essa via, realizar um *trabalho intuitivo*, assim como a disposição para conversar com os colegas, a leva a manter uma abertura às expressividades daquela paciente, o que certamente acaba propagando-se no cuidado com os demais. Isso se articula com a forma que Deleuze & Guattari tomam a arte bruta, isto é, por uma via de liberação de matérias de expressão, e não de que se trataria de um traço primitivo<sup>218</sup>. Nesse sentido, temos o ritornelo da loucura que entre tantas indiscernibilidades, se dá a ver por um ritmo outro, talvez um ritmo arrastado por um devir-mulher, que moleculariza as vias produtivas e inventivas através da folha de papel e da ação-pensamento, também engendradas em componentes desse território.

---

<sup>217</sup> Wadi, 2002, p. 146-151.

<sup>218</sup> Deleuze, G. & Guattari, F., 1997a, p.123.

Assim, a respeito dessa análise, podemos entrever que a atividade psíquica da paciente, nesse meio em que se entrecruzam linhas de um gênero clínico, ativa a trabalhadora, numa espécie de transdução entre as potências do pensar. Ou seja, trabalhadora e paciente - em atividade e através de uma *processualidade gerativa*<sup>219</sup> -, diferem de si, produzem uma clínica minoritária. Como tal, incide sobre um instante móvel, em que os efeitos territorializantes seguem produzindo outros imperceptíveis, sob um território que é, senão, de desengates.

Da mesma forma, temos uma análise da atividade que decorre do oferecimento de cigarro, por uma paciente. Tal fato faz com que os modos de trabalhar percorram uma série de estranhamentos perante a possibilidade de variação nas relações, entre quem recebe e quem dá algo, dentro do hospital. O cigarro, como componente desterritorializante, ativa o pensamento acerca da rede de cuidados que se produz no curso do trabalho. O assunto desdobra-se em casa, persegue-a no outro dia, fazendo-a deparar-se com uma loucura que deixara de ser de um território outro, para pertencer ao seu. Tece-se um comum através do cigarro, o qual, depois de muito pensar, é aceito.

Em outra linha de cuidado e como efeitos produzidos pelas diretrizes e práticas propiciadas pela reforma psiquiátrica, temos uma paciente que poderíamos denominá-la por *espiã do(s) (idos) tempo(s) futuros*. Trata-se de uma situação de trabalho ocorrida no Ateliê que não chegou a ter uma análise dos trabalhadores desse local, mas que consideramos enlaçar aspectos que dali decorrem. Isso, pois neste local, que recebe pessoas da rede de saúde mental, tais conversas, por vezes, se proliferam e, na medida em que ganham expressividade ali, atualizam componentes territoriais que seguem reverberando nos modos de trabalhar.

Também pensamos que tal situação envolve as linhas de cuidado, tornando visível alguns dos paradoxos que circulam no plano existencial que a reforma psiquiátrica vai produzindo, com suas aberturas e fechamentos. Supomos isso em virtude de que uma das tarefas da *espiã* refere-se a relatar, nos Fóruns de discussão de Saúde Mental, acerca dos anos de internação, para, dessa forma, denunciar os maus-tratos que sofreu. Com um ar obstinado e um semblante franzido, a paciente conta dos pedidos dos residentes para que ela participe desses espaços. Antes dessa conversa, ela

---

<sup>219</sup> Amador, 2009b.

sorria ouvindo os *boatos*, os quais chegaram antes dela, a respeito de sua participação dançante no evento Mental Tchê<sup>220</sup>.

Pensamos que sua atividade de *espionagem* guia-se reiterando que os cuidados que envolveram suas interações circunscrevem, na verdade, não-cuidados. Tal situação parece ter criado um fervor incessante que a leva a atuar nas discussões das políticas de saúde mental. Nisso, ela se produz, é produzida e produz outros, já que faz reverberar um modo de vida que fissa inteligibilidades que recaem sob um certo modo louco. Diante deste, atualizam-se virtualidades que criam uma escuta, ainda que quase surda, acerca de seus ritmos, rumores e expressividades. A clínica que se produz já não se refere, dessa forma, a um fazer conduzido por uma via unidirecional, em que o paciente e o clínico - seja este encarnado por profissionais da saúde, das artes, ou de outro campo de saber- ocupam posições pré-estabelecidas. Trata-se de uma clínica cuja operação infiltra-se em um território, fazendo este tornar-se outro, produzindo a emergência de expressões singulares que estavam imanentes àquele meio. Com isso, a atividade desta *espiã* também se coloca diante das potencialidades e fragilidades que concernem às articulações entre um passado e um futuro. Falamos das capturas que podem ser desprendidas e reiteradas em um modo de vida remetido a um passado, que na condição de um tempo em compasso, solidifica-se por um hábito que não cessa de cercear um tempo por vir. O desafio, nesse sentido, é de que a *espionagem* possa proceder no presente, captando forças naquilo que não pode ser esquecido. Todavia, como um procedimento que atualize tais componentes do passado, para que estes possam se tornar outra coisa, assim como aquela em que ela se torna nesse *intermezzo*.

Outra implicação desse fazer clínico, que dinamiza um espaço-tempo, são os gestos e discursos que operam a afirmação do termo usuário - concernentes às políticas de saúde-, ao invés do termo paciente. Ainda que persistam outras problemáticas acerca da ideia de *uso* dos serviços de saúde, tal termo parece abrir-se à construção de direitos civis tão frequentemente relegados. Pensamos isso, sobretudo, quanto ao direito à saúde, já que esses espaços de relatos, como o Mental Tchê, fomentam ações de Controle

---

<sup>220</sup> Mental Tchê, 2011. Trata-se de um evento sobre Saúde Mental, no qual participam trabalhadores, gestores e usuários, conforme a página da web: <http://smsbes-sls.blogspot.com/p/datas-da-saude-janeiro-02.html>

Social<sup>221</sup>. Ao mesmo tempo, estes tecem tramas participativas, que tem uma potência de ativar outras singularidades, que ganham expressividade, por exemplo, com o olhar entusiasmado da equipe e com sua participação dançante no evento.

Teria ela dançado nos idos tempos?

A *espionagem*, então, torna-se expressão de uma atividade que acontece entre modos de cuidados, em que, no mínimo, paciente e trabalhador vão criando territorializações que renovam o gênero do cuidado, assim como em seus modos de experimentá-lo. Um dos enunciados, que também corrobora isto, é o que se expressa através de um dos objetivos da Oficina e do Ateliê: *Servir como suporte e fator de proteção, especialmente no sentido de evitar internações*<sup>222</sup>. Com isso, as participações também nos fazem vislumbrar a expansão de laços sociais, nos quais, ainda que sob um gênero de cuidado, de alguma forma, a vida se expande. Contudo, o que nos parece paradoxal é que essa rede que se cria segue sob um certo espectro de cuidados, acerca do que, em muitas situações, supomos, torna-se difícil prescindir.

Como fazer com que o social cuide das indiscernibilidades do viver?

Ou seja, supomos um alargamento das experiências vividas, que em outrora primavam pelo isolamento, mas nos inquietamos com as linhas de subjetivação que não cessam de reiterar um vínculo que mantém um cotidiano circunscrito nessa rede dos serviços de saúde mental.

Assim, o problema recai acerca da possível exclusividade que tal rede possa ocupar na vida dos usuários, o que envolve também, supomos, as dificuldades de que outras redes sociais acolham, cuidem e compartilhem as expressões da diferença, de forma *inclusa ou inclusiva*. Falamos, desse modo, da diferença que comporta um tempo *complicado (co-implicado)*, isto é, em que as divergências de intensidade e de singularidades, imbricadas em um plano virtual, possam atualizar outras potências das vidas ali *complicadas*. Isso, pois, embora consideremos que a atualização proceda por

---

<sup>221</sup> Entende-se por controle social *as práticas de fiscalização e de participação dos usuários nos processos deliberativos relacionados à formulação de políticas de saúde e de gestão do SUS*. As conferências e os conselhos de saúde são exemplos de espaços institucionalizados de exercício do controle social (Ministério da Saúde, 2009, p.107).

<sup>222</sup> Para mais: [http://www.eusouvoce.com.br/pag\\_oficinahistoria.htm](http://www.eusouvoce.com.br/pag_oficinahistoria.htm)



criação, opera-se também uma separação, uma exclusão (*ou – ou*)<sup>223</sup>, em que as relações *virtuais, que já são diferenciais, se diferenciam nas qualidades e extensos*<sup>224</sup>.

A *espiã* espraia-se e permanece em um redemoinho? A girar? A *desparafusar*?

Tal efeito pode ser vislumbrado nas redes que não suportam a divergência como potencialmente inventiva. Assim, rompem ou fecham vias de acesso diante de quem está em inconformidade em relação a seus frequentadores *habituais*<sup>225</sup>, às vezes, ainda que num espaço de saúde mental. Isso, pois os modos loucos - como uma dimensão vital que não envolve apenas os frequentadores desses serviços de saúde-, não cessam de agir, de agitar os cuidados que lhes são destinados. Com isso, desterritorializam as rostidades da loucura, *tal como supomos que ela deva ser*<sup>226</sup>.

Ela não pára de roubar revistas e livros, material que é para os outros se inspirarem. Poderíamos dizer que se espera que sejam calmos, passivos, infantilizados, *bonzinhos*, obedientes, que ajudem nas tarefas sem reclamar, sem opinar. E, ainda, que sejam organizados, produtivos, criativos? Acerca disso, lembramos de uma situação ocorrida em uma oficina de escrita com trabalhadores do Residencial Morada São Pedro, em que um destes insistia em reiterar, em seu texto, o termo *tranquilo*. Os coordenadores relatam, acerca daquela ocasião, que o grupo buscava sinônimos para evitar as repetições excessivas do termo. A partir do desdobrar da análise da situação - diríamos, da atividade- tal recorrência dava expressão a um modo de vida, em que os pacientes persistiam *pacificados, esvaziados de desejo* como efeito dos anos de internação, mesmo que estes já estejam *fora* dos muros do Hospital, ainda que bem próximos<sup>227</sup>.

Por essas expressividades vemos que uma máquina abstrata não cessa de tecer rostificações, rejeitando os *ares suspeitos*<sup>228</sup>, potencialmente contagiantes por seu devir-louco. Também é preciso ressaltar que não se trata de um dentro e um fora, de incluídos e excluídos. Isso, pois as formas de segregação operam *no interior das cadeias*

---

<sup>223</sup>Zourabichvili, 2004, p. 13.

<sup>224</sup>Machado, 2010, p. 127.

<sup>225</sup>Grifamos esta palavra, pois a entendemos como um processo de contração das formas, tal como propõe Deleuze (1988, p. 132-141), e que desdobraremos mais adiante, com vistas a pensar os efeitos do hábito nesse território.

<sup>226</sup>Deleuze & Guattari, 1996, p. 45.

<sup>227</sup>Palombini e al. 2011, p. 192 Referimos que está bem próximo, pois o Residencial foi construído às margens do Hospital, sendo separado apenas por um portão, em um lote de terra que também faz margem com uma vila. As fronteiras materiais e imateriais, desse modo, parecem *complicar* esses espaços-tempos.

<sup>228</sup>Deleuze & Guattari, 1996, p. 45.

*significantes simultâneas e das escolhas subjetivas sucessivas*<sup>229</sup>, fazendo-se expressão por movimentos e velocidades quase inapreensíveis, através de gestos informes. Assim como o racismo, pensamos que o mesmo se sucede com um modo louco ou com outras binarizações que se expressam como preconceito, como desqualificação do outro. Nesse processo, *jamais se detecta partículas do outro, ele* (um movimento de segregação) *propaga ondas do mesmo até à extinção daquilo que se deixa identificar (ou que só se deixa identificar a partir de tal ou qual desvio)*<sup>230</sup>. De todo modo, falamos de uma rede, repleta de componentes heterogêneos, em que as expressões mais sutis agem por vias moleculares, entre modos de vidas *co-implicados*, singulares, que ressoam entre indiscernibilidades que lhes concernem.

Consideramos, contudo, que em muitos serviços de saúde mental busca-se fissurar esses fazeres que reiteram o mesmo, realizando cuidados que visam a um fazer clínico, através do desdobramento dessas *co-implicações*. Por exemplo, temos um paciente do Ateliê de Artes que, além de já participar de uma Oficina de Geração de Renda, passou a frequentar oficinas de cerâmica no Instituto de Artes da UFRGS. Tal circulação foi articulada por alguns dos trabalhadores do Ateliê, que também lá estudam e que se propuseram a acompanhá-lo no primeiro dia. Isso parece expressar uma linha de cuidado, que busca criar percursos na cidade, sobretudo, porque se trata de uma segunda tentativa de produzir a circulação deste paciente por espaços culturais, e não apenas entre os da rede de saúde mental.

Acreditamos que essa problemática de circulação, que envolve os cuidados em saúde mental, ganha expressividade também diante das resistências à adesão de tratamento, tal como os trabalhadores do Ateliê relataram, sobretudo, porque este espaço pertence a um Hospital Psiquiátrico.

Tenho medo daqueles muito loucos, de ficar... Desse modo, pensamos que entre essas diferentes formas de cuidado se faz premente atentar para a atividade que ocorre entre paciente e trabalhador. Isso, pois a operação que reitera as inteligibilidades, as rostidades acerca da loucura, tomando os pacientes como incapazes de pensar algo acerca de seu tratamento, não deixam de reiterar um cuidado que é assumidamente moral. Este, já concernido às práticas de cuidados no Hospital, no idos anos de 1884,

---

<sup>229</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>230</sup> Idem, *ibidem*, p. 45-46.

buscava ganhar a confiança do paciente de forma que, ao poucos, este fosse convencido de seus inapropriados pensamentos, de sua ilusória audição e visão delirantes, ou seja, da inveracidade desses componentes diante da realidade<sup>231</sup>.

Assim, pensamos que as linhas de cuidados vêm desdobrando paradoxos entre hábitos e invenções, os quais são produzidos e se expressam através dos fazeres mais ínfimos, das palavras inauditas e, mesmo, das arquiteturas que vão conferindo uma delimitação espacial para o trabalho com a loucura. Com vistas a alinhar os elementos que apresentamos quanto ao gênero do cuidado, pensamos em distender a questão que envolve o *hábito*, pensando ser este um componente em frequente reterritorialização nas tramas da atividade da Oficina e do Ateliê.

Com uma espessura que nos parece um tanto mais grossa, temos uma linha de cuidado que não se dá a ver quando pinçamos os novos cromatismos, as novas dispersões de um fazer. Estes se referem às análises da atividade que tomamos em suas fronteiras com um fazer clínico, diante do que captamos forças para que se desdobrassem ainda mais. Isso, pois nossa escrita parece também ganhar mais vigor - está *co-implicada* nessa via- diante dessas intensidades que povoam e fissuram um território, através do pensamento e da ação que acontece entre. Falamos, por exemplo, do *trabalho intuitivo*, da *espionagem*, da *circulação de pacientes na rede de saúde mental*. Contudo, podemos entrever um plano de onde esses componentes do gênero do cuidado se desterritorializam, através de uma operação crítica. Queremos, com isso, lançar nosso olhar para movimentos que poderíamos tomar como retrógrados e reprodutivos. Por essa via, nos parece instigante pensar nos efeitos de um acúmulo de tarefas que seguem se reproduzindo, capturando os gestos, cerceando fazeres, massificando as indiscernibilidades que advêm da loucura.

A regularidade, nesse caso, percorre senão as ambiguidades de um ritornelo que, ao invés de fabricar *tempos diferentes a cada vez*, compõe um circuito fechado em que as relações são apenas *associativas, indicativas ou descritivas*<sup>232</sup>. Com estes procedimentos é que se produzem personagens e paisagens inertes, rostidades diante do que se apresenta indiscernível, opaco, sob uma outra série de singularidades que diverge daquela que estamos habituamos a logo reconhecer. Lembramos da situação em que nos

---

<sup>231</sup> Wadi, 2002, p. 149 e 151.

<sup>232</sup> Deleuze, 1997a, p. 168.

deparamos com a expressão *somos poucos* - diante das primeiras veredas que percorremos - e, buscando escapar do dado quantitativo, inerte, procuramos escutar as intensidades que dali emanavam. Ou ainda, do abraço que desterritorializa nosso corpo, por um medo que, frequentemente, tentamos camuflar. Dessa forma, pensamos que as contemplanções que produzem os hábitos vão compondo os corpos, vão segregando as formas, diante do que nosso modo de pesquisar não deixa de ser pego desprevenido<sup>233</sup>.

Através de composições regulares, também se constitui um organismo-Hospital, um organismo-loucura, um *organismo-do-cuidado-compassado*. Referimo-nos, então, à formação do *hábito*, que vai também se contraindo no gênero do cuidado, através de fusões de um fazer que se deixa levar por um tempo compassado, medido pela hora das refeições, dos remédios, do dormir, de um que sempre grita, de outro que sempre reclama, chora, vomita, enfim. Quantos movimentos repetitivos e habituais que extravasam a partir dos modos de vida e já não são contemplados pelos modos de trabalhar, e *vice-versa*? Falamos de uma dimensão *contraente* que faz com que adquiramos os hábitos mais ordinários da vida, diante dos quais, também e às vezes, nos tornamos fatigados, sem poder contemplá-los. Contemplar, desse modo, refere-se ao potencial de colocar problemas ao que se torna habitual, e, ao mesmo tempo, contrair mais hábitos<sup>234</sup>.

Acerca da perspectiva de um fazer habituado, pensamos também nas mulheres a quem, geralmente, são destinadas as tarefas, tanto de cuidado, quanto outras que concernem a uma parcela reprodutiva da força do trabalho. Dessa forma, ao contrário do que se destina ao fazer produtivo dos homens, na *distinção clássica entre produção de mercadorias*, excluem-se as mulheres da *capacidade de produzir valor*<sup>235</sup>. Por essa via de análise, ainda que tenhamos optado por nomear as pessoas participantes dessa pesquisa como trabalhadores, não podemos deixar de apontar - também porque cremos que não as identificaríamos-, que entre estes, aqueles que são funcionários, são todas mulheres.

Suspensão de um físur de escrever como se fossem só mulheres, por um devir que as espreita.

---

<sup>233</sup> Deleuze, 1988, p. 132-141.

<sup>234</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>235</sup> Negri, 2001, p. 29.

Assim também foram muitas as enfermeiras e freiras, que ao longo da história do Hospital exerceram seu trabalho cuidando das rotinas de banho, de alimentação, de remédio, de enclausuramento por agitação, de medicação *se necessário*<sup>236</sup>. Acessamos tais dados em diários de passagem de plantão, em que suas escritas demarcam, sobretudo acerca dessas cinco tarefas, as repetições de cada turno<sup>237</sup>. Nesse registro, o que varia em alguma medida são os nomes dos pacientes que haviam ido pra cela, ou tomado o *SN*. Ainda que tenhamos a materialidade dessas escritas, presumimos que entre tais fazeres muitas indiscernibilidades compuseram os enfrentamentos diante do real da atividade.

Assim, o que ressoa também disto é um território que prossegue articulando práticas de um cuidado que mantém a composição das formas, contrai hábitos e, por vezes, não encontra forças para contemplar o que se sucede no presente. Dos efeitos dessa dimensão podemos pensar em uma espécie de *não-cuidado*, em que tanto os pacientes, quanto os trabalhadores se afetam e se paralisam diante de virtualidades que levariam ao poder de agir.

Acordei sem vontade de levantar.

Como expressão disso, temos os relatos dos funcionários acerca da inexistência de um programa de formação<sup>238</sup>, restando apenas capacitações esporádicas, propostas por residentes em momentos pontuais. Por essa via, também pensamos no pedido dos trabalhadores da Oficina, já nas primeiras reuniões em que participamos,

---

<sup>236</sup> *Se necessário*, ou *SN*, é um protocolo de rotina médica, que prevê a administração de algum medicamento caso os trabalhadores- cuidadores avaliem como indispensável.

<sup>237</sup> Conforme diários de trabalho de enfermeiras da década de 1970, que constam nos Arquivos do Memorial da Loucura do HPSP.

<sup>238</sup> Os trabalhadores não chegam a mencionar, mas a Política de Educação Permanente prevê *a reflexão coletiva sobre o trabalho no SUS, que inclui a integralidade, a produção do cuidado, o trabalho em equipe, a dinamização dos coletivos, a gestão das equipes e das unidades, a capacidade de problematizar e identificar os pontos sensíveis e estratégicos para a produção da integralidade e da humanização* (Ministério da Saúde, 2009, p. 251). Por essa via, diferencia-se da educação continuada, a qual se refere ao *processo de aquisição sequencial e acumulativa de informações técnico-científicas pelo trabalhador, por meio de escolarização formal, de vivências, de experiências laborais e de participação no âmbito institucional ou fora dele* (Idem, p. 131). Embora, na Oficina e no Ateliê, se realizem reuniões de equipe semanalmente, pensamos que estas parecem não se integrarem formalmente a nenhuma das modalidades acima referidas, tendo em vista, sobretudo, os enunciados que nos deixam entrever que as reuniões não são tomadas como suficientes espaços de formação. Da mesma forma, alguns dos conceitos previstos pela Política de Educação Permanente não chegam a ser incorporados às discussões, nos fazendo vislumbrar uma espécie de vácuo que opera nos modos de pensar e gerir a intersecção entre educação e trabalho no contexto do Hospital.

Um cheiro de cuidado. para que propuséssemos alguma vivência para eles. Situação, esta, que também se colou à nossa vontade de iniciar experimentações de análise da atividade. A partir desses elementos, passamos a desdobrar uma análise de demanda, construindo uma proposta com eles, escolhendo os recursos técnicos que seriam usados como disparadores das análises. Dessa forma, o pedido vai envolvendo essa linha de cuidado, que eles mencionam que não dispõem, e que supomos ganhar expressividade com essa pronta acolhida, como se nos dissessem *venham, precisamos de cuidados!* Com o acompanhamento nas reuniões e discussão acerca do que esperavam de nossa participação surgiu a ideia de utilizar a fotografia, como disparador para as análises. Percebemos, nessa ocasião, que ao vislumbrarem o uso deste recurso já passaram a enunciar aspectos de seu trabalho. Isso engendra, ao mesmo tempo, a potencialidade da produção de imagens como ativação do pensamento-ação, e do próprio ato de entrar em atividade, no curso dessa produção, imbricando ambos, criando fissuras em um tempo e contemplando suas brevidades. Por essa via, também pensamos que a produção de imagens alinhava certa *transgressividade*, seja pelos modos de vida que ali vivem sem que tenham, ou tenham poucas, fotografias de si; seja pelas dramatizações de forças que um fazer produtivo, como o ato de fotografar, cria diante de imagens que se reproduzem acerca do cotidiano de trabalho<sup>239</sup>.

A atividade que é desdobrada e amplificada através dessa experimentação de análise da atividade, a partir de um pedido que nos chega como concernente a essa linha de cuidado, transvasa os modos de trabalhar. Através de uma comunicação de arranjos de singularidades, a experimentação também se situa - entre tantas outras que não podemos imaginar- sob uma linha cuidado, a qual também faz proliferar um campo problemático que está imanente ao real da atividade. A transgressividade, que antes mencionamos, refere-se, por essa via, a ativar um *dever-mulher no trabalho*<sup>240</sup>, de forma que homens e mulheres possam diferir de si no curso de sua atividade, assim como esta se difere através do pensar-agir. O *dever-mulher*, desse modo, não concerne aos sujeitos, tampouco às mulheres, mas ao que se inventa ao trabalhar. Falamos das camuflagens

---

<sup>239</sup> Negri, 2001, p. 29.

<sup>240</sup> Idem, *ibidem*.

que, por uma função guerreira, vão se desdobrando, vão criando estilos desse gênero de cuidado, extraindo *as partículas, as velocidades e lentidões, e os fluxos*<sup>241</sup>.

Como discorremos até aqui, tal gênero do cuidado percorre os modos de trabalhar da Oficina e do Ateliê. Assim sendo, pensamos que se torna muito premente pensar em programas de *educação permanentes*, sobretudo, pelas vidas que são agenciadas nesse território, assim como pelas proposições que decorrem da reforma psiquiátrica. Entre tais planos as articulações que envolvem o cuidado já estão em processo, pegamos expressividades que são um meio. Assim, temos seus graus potenciais que variam entre contemplações e hábitos de fazeres imanentes ao trabalho em saúde mental. Este envolve uma política, não só pela via das legislações que lhe dão certa sustentação, como pelas imprescindíveis ações minoritárias dos sujeitos capazes de fazer a vida se duplicar.

### **Gênero da expressão: entre inspirações, desafios e *clandestinagem***

Seguimos entre os mesmos corpos impregnados, só que dobramos nosso olhar para outra dimensão do trabalho com estes, na medida em que já estamos entre um gênero da expressão e aquelas vidas que se deixam conduzir aos espaços da Oficina e do Ateliê. Pensamos que também se trata de uma impregnação, todavia que produz corpos de passagem, convocando singularidades que fazem núpcias com um devir-mulher. Falamos dos modos de trabalhar que sustentam tal prática e dos pacientes que são atraídos todo dia por uma nova folha em branco, ou ainda por um olhar que os cumprimenta. No curso dos dias surgem diversos gestos e enunciados diante de quem consegue captar suas forças, pois estes movimentos e velocidades que ali perpassam *não dependem apenas de uma qualidade intrínseca, mas também de um estado de forças daquele que escuta*<sup>242</sup>. Por essa via, os trabalhadores contam de pacientes que vêm para seu *trabalho diário*, o qual só termina quando a secadora de papéis está cheia, fazendo-nos pensar em um devir produtivo que vai engendrando as vidas que ali se alinhavam e se colorem. Outros, sobretudo frequentadores do Ateliê, pretendem *tirar*

---

<sup>241</sup> Deleuze & Guattari, 1997a, p. 70.

<sup>242</sup> Deleuze, 1997a, p. 168.

*dali* alguma renda, já que podem vender seus trabalhos, na lojinha ou para funcionários e visitantes. Outros, ainda, criam um olhar e um tato refinados acerca dos seus trabalhos e de outros, sobretudo diante daqueles que vão surgindo como obras.

Assim, tecem-se, nesse encontro, expressividades que vão compondo um plano existencial, em que as singularidades deixam marcas indiciárias de uma vida que se produz ali. Isso, pois, aos poucos, os volumes de trabalhos vão deixando rastros diante dos quais os trabalhadores conseguem facilmente supor quem foram seus autores. Possivelmente, porque a vida de quem trabalha também se engendra entre as pinceladas, e rabiscos. Através de seus fazeres criam estilizações de um gênero expressivo, o qual encontra fronteiras sutis entre um cuidado e uma clínica que dali se desdobram, também, por vias moleculares. Pensamos, nesse sentido, que se faz imanente ao gênero da expressão, não apenas as modalidades expressivas<sup>243</sup> da disciplina da arte, mas uma linha de produção existencial, através de gestos cotidianos, arredios ao hábito, que nos levam a pensar na vida como obra, como arte gestual.

Entre os componentes territoriais do gênero da expressão que se atualizam, a partir de nosso encontro com a Oficina e com o Ateliê, poderíamos iniciar destacando as inspirações que ressoam - ainda que timidamente - do trabalho de Nise da Silveira e as que envolvem proposições de técnicas de arte no Ateliê. Assim, temos vertentes que jorram e mínguam, se encontram e se distanciam, e que parecem demarcar um dos traços bifurcantes desse território, contudo vão se produzindo silenciosamente através dos gestos de quem trabalha. Estas não chegam, portanto, a serem analisadas em conjunto, apenas coabitam através de seus rumores, assim como outros componentes inapreensíveis que nem se tornaram visíveis. Tais vertentes pairam no ar e se deixam ser estilizadas sem que precisem ser enunciadas. Com ritmos críticos, vamos tomando estes componentes que se misturam, desdobrando fazeres os quais ora margeiam uma linha de cuidado, ora uma operação clínica. Constituem, desse modo, uma trama acerca do que buscamos pinçar e construir como uma gênese do gênero da expressão.

---

<sup>243</sup> Consideramos como modalidades expressivas os fazeres que envolvam pintura, desenho, artesanato, bordado, papel machê, modelagem em argila. Contudo também podemos incluir aquelas expressividades que se referem às conversas, a tocar violão, a cantar, a auxiliar na limpeza dos materiais, a tricotar, a bordar, a jogar, a tomar café, entre outras que venhamos a mencionar. Salientamos que não utilizamos o termo *atividade*, tal como é ordinariamente utilizado, para distinguir da *atividade* que envolve o real do trabalho. Embora, o real da atividade também concerne ao que se sucede através dessas modalidades.



Apontamos para componentes através dos quais os gestos dramatizam uma linha expressiva, a partir de um presente que não pára de desdobrar em um passado e um futuro. Isso, pois o traço que advém tanto das expansões, quanto das contrações que fazem vigorar as modalidades expressivas oferecidas, envolvem as estilizações de um modo de trabalhar. Estes ressoam e são ressoados pelo território, fazendo deste uma série de desengates críticos, marcando um espaço-tempo.

Recorremos a alguns dados históricos da constituição da Oficina de Criatividade, extraídos principalmente da tese de Neubarth, com vistas a encontrar algumas linhas que vêm se desterritorializando - quanto às proposições desse gênero das atividades expressivas-, e constituindo os modos de trabalhar na Oficina e no Ateliê. Percorremos, portanto, não todos os dados históricos que autora desdobra, mas aqueles que se imbricam a componentes que se presentificaram em nosso percurso de pesquisa. Um destes refere-se às inspirações acerca do trabalho de Nise da Silveira, o qual, de vez em quando, surge nos enunciados, sobretudo, dos trabalhadores da Oficina. Temos como marco desta referência o ano 2000, no qual os trabalhadores da Oficina participaram de um curso com a equipe do Museu das Imagens do Inconsciente, o qual teve Nise da Silveira como criadora. Tal fato conjecturou que a Oficina, antes vinculada ao Setor de Terapia Ocupacional, passasse para um Setor de Artes<sup>244</sup>. Atualmente, como já mencionamos na introdução, na Oficina as modalidades oferecidas envolvem principalmente a pintura e o desenho.

Todavia, os trabalhadores mencionam que também se trata de um espaço de convivência, em que além das modalidades já citadas, outras ações são acolhidas, tais como jogar, fazer tricô, tocar violão, tomar um cafezinho e simplesmente estar por ali. Em uma situação de análise das imagens produzidas, esse ambiente de convivência é tomado como a construção de um espaço afetivo, de cuidado, sem agressão ou violência o que é referenciado à Nise da Silveira, a qual, segundo dizem, falava muito em afeto. Pensamos que o trabalho da Nise ressoa como rumores que enlaçam essa dimensionalidade acolhedora que falam os trabalhadores. Ainda que pareça como uma linha de cuidado, que tudo acolhe, parece-nos que há, através desses gestos que acompanham fazeres tão diversos, um devir capaz de rasgar o curso diário daquelas vidas. Isso, pois se consideramos que os gestos são expressividades de uma atividade

---

<sup>244</sup> Neubarth, 2009, p. 134.

molecular em atualização, nos perguntamos: como pensar nas fronteiras entre uma linha de cuidado que atrai os pacientes ao encontro - habitual e, aparentemente, repetitivo - e uma linha de expressão que expande a vida através de materiais expressivos? Pensamos nisso como um rasgo, justamente, porque entre o que se contrai, como hábito ou como contemplação de novas expressões, parece fulgurar ou abrir-se a um virtual que produz essas vidas, também de formas quase imperceptíveis. Ainda assim, salta-nos mais uma questão: o que essas vidas podem (mais)?

Jogamos essa questão, porque perseguimos rastros que nos levem a pensar-agir a expansão dos modos de vida, sobretudo, quanto ao que envolve uma *processualidade gerativa*<sup>245</sup> entre trabalhadores, usuários e - acrescentaríamos- pesquisadora. Entre tais rastros temos uma análise realizada<sup>246</sup> acerca de um gesto cotidiano tomado como *fazer-por* eles, que consistia em buscar e entregar as folhas de papel para os pacientes que aguardavam sentados. Discutimos<sup>247</sup> as possibilidades de insistir para que alguns pacientes passem a organizar seu próprio material, sobretudo aqueles que têm maior mobilidade física.

Repete-se o gesto de pegar folhas pintadas, pendurar, entregar mais folhas. Há um pico em que não se pára, entra-se na engrenagem, e é como se acudíssemos aquelas expressões rapidamente, para que logo possam expressar mais e mais.

Trata-se, nesse sentido, de uma análise em que poderíamos dizer que o trabalhador percebe-se entre componentes territoriais de distintos gêneros do trabalho. Isso, pois a análise levou a pensar nos efeitos daquele fazer, o qual ora parece como um cuidado – que poderíamos chamar *habitado*- na ideia de que os pacientes não podem, ora na ideia de que podem um pouco mais. Ou seja, podem ampliar seus gestos a fim de pegar seus materiais,

Um paciente, quando organiza sua própria tinta, já vai misturando-as.

---

<sup>245</sup> Amador, 2009b, p.4

<sup>246</sup> Análise realizada em reunião semanal, o que concerne a uma situação de trabalho, não tendo sido, portanto, analisada através da produção de imagens. Desse modo, além de trazermos à discussão os componentes das diferentes linhas do Dispositivo Clínico-institucional, isso também dá a ver uma via coletiva de análise que os trabalhadores encontram diante do real da atividade, em seu cotidiano.

<sup>247</sup> Aqui o *nós* inclui os trabalhadores da Oficina tendendo a enunciar, portanto, um modo de inserção no acompanhamento das situações de trabalho, que nos parece pertinente ressaltar não como método, mas como o que, aos poucos, contribuiu para as análises da atividade, ou seja, para compor um plano comum dessas discussões.

cada qual a seu jeito, que é como nós todos somos confrontados a cada instante impessoal que se apresenta. Falamos da vida que transita entre o que a torna fraca ou forte no encontro com as ambiguidades de um cotidiano qualquer, de um real da atividade que a põe em jogo<sup>248</sup>. Pensamos, por essa via, que talvez o gesto claudicante – *misturando-as* - seja a força desse corpo que faz destoar uma fraqueza, antes pré-concebida.

é tão delicado o tropeço e é como este se dá a ver

Assim, acerca desse entre, nos vemos mais uma vez diante das indiscernibilidades que envolvem especialmente os modos de vida desses pacientes, diante dos quais poderíamos reiterar: como produzir diferença, quando quem nos olha parece nem nos olhar? Como apostar nesse trabalho que envolve tantos pacientes diante dos quais vemos vultos quase inapreensíveis?

Lembramos de uma passagem do livro de Francisconi, escritora e frequentadora da Oficina, que se lança a captar olhares inapreensíveis em uma festa promovida pelo Hospital: *Dancei primeiro com uma estagiária, depois sozinha e tinha alguns pacientes. Não falavam, só olhavam, mas dava prá ver que tinham vontade de dançar e convidei primeiro um e depois outros e vi que ficaram felizes*<sup>249</sup>. Pensamos que o *dava prá ver* trata-se, justamente, dessa aposta, de uma suposição que se deixa arrastar por um *precursor sombrio*<sup>250</sup>. Este, como já dissemos, faz correr entre-dois componentes uma disjunção, uma proliferação problemática que cria novos arranjos existenciais. Tal aposta - poderíamos pensar - também transita entre um modo de trabalhar que a estagiária encarna ao colocar-se a dançar com os pacientes. Pensamos serem esses afrouxamentos que estilizam tal gênero da expressão, através de ínfimos instantes de encontro, em que se *faz-com*, ao invés de *fazer-por*. O corpo como expressividade em si, como arte gestual, experimenta outros movimentos e velocidades, opera, pensamos, em uma dimensão clínico-institucional, afetando as singularidades imanentes a esse território.

Outro dado histórico que pensamos engendrar-se entre um *fazer-com* e um *fazer-por* aparece nas sutilezas de enunciados, que entendemos referir-se a uma posição dos

---

<sup>248</sup> Deleuze, 1998, p. 154.

<sup>249</sup> Francisconi, L. 2010, p. 107.

<sup>250</sup> Deleuze, 2010, p. 116.

trabalhadores diante do paciente e das modalidades expressivas oferecidas na Oficina e no Ateliê. Na tese de Neubarth consta que a Oficina vem se constituindo, sobretudo em sua primeira década - 1990-2000 – a partir da ideia de que os pacientes são livres para buscar os materiais que utilizarão para se exprimir, sendo observada sua evolução a partir de sua produção *espontânea*<sup>251</sup>. Isso parece confluir para o enunciado, já mencionado e atualizado nas análises coletivas, de que a Oficina se compõe como um espaço acolhedor. Da mesma forma, tal ênfase parece indicar a construção de uma diferença crítica em relação às demais proposições de trabalho no Hospital, que veio a efetivar-se na virada da década quando a Oficina passou a compor um espaço de atividades expressivas.

Assim, passamos a percorrer uma diferença crítica acerca dos modos de trabalhar diante das escolhas dos materiais expressivos, que através de estilizações desse gênero da expressão, vão produzindo uma bifurcação territorial entre Oficina e Ateliê. Como um primeiro traço, assinalamos que muitos dos pacientes-moradores se mantêm frequentes durante os 22 anos de existência da Oficina, o que se imbrica – não podemos esquecer – aos anos de asilamento que, muitas vezes, já contam por volta de 40 e 50 anos.

( )

Supomos que, mais do que fatos cronológicos, as contrações espaço-temporais tornadas hábitos de viver - ao longo desses anos - engendram, nessas *vidas pacientadas*, uma tendência a demandarem e, em alguma medida, serem acolhidos em seus pedidos de que se *faça-por-eles*. Como já apontamos, isso enuncia um campo problemático complexo, em que as saídas que o trabalhador encontra exigem uma sutileza dos gestos, que muitas vezes, pensamos se embarçar aos vínculos afetivos e materiais, que tecem a vida de ambos – trabalhadores e pacientes. Presenciamos, por exemplo, uma proposição para que um paciente-morador experimentasse desenhar, ao invés do habitual gesto de pintar, sobretudo, porque o dia estava úmido, o que não permitiu que as pinturas do dia anterior secassem e fossem recolhidas. Depois de uns poucos desenhos, este paciente disse que já iria embora,

---

<sup>251</sup> Neubarth, 2009, p. 133

referindo-se a sua unidade de moradia<sup>252</sup>. Talvez trocar de modalidade expressiva não seja uma virtualidade atualizável, considerando, sobretudo, que este paciente vem compondo-se através de seu estilo de preencher toda a superfície da folha com pinceladas largas. Em que pensa - ele, que pouco fala - quando vê que o lápis não alcança seu intento de preenchimento? Seria este seu intento expressivo? Por essas vias inapreensíveis, pensamos que tais traços expressivos envolvem uma atividade que se dá no curso do pintar, silenciosamente, como um encontro inaudito, mas colorido. Além de tentarmos supor tal atividade, pensamos que essa cena dramatiza componentes territoriais que, ao mesmo tempo em que falam das sutilezas dos gestos entre trabalhadores e pacientes, traçam os dinamismos que envolvem o encontro com as matérias expressivas. Seria necessário - talvez imprescindível-, um saber, diríamos, disciplinar acerca dos materiais que envolvem esse gênero da expressão?

Essa questão nos leva a analisar alguns detalhes quanto ao saberes profissionais que se imbricam nesse território. Desde a fundação da Oficina, esta contou com um profissional das artes plásticas<sup>253</sup>, distintamente de como se compõe hoje o quadro dos trabalhadores. Atualmente, além dos psicólogos, estagiários e auxiliar - administrativo, este espaço conta com a participação de arte-terapeutas, que trabalham na condição de voluntariado, o que, por contingências de suas vidas, torna a participação desses profissionais sazonal. Já o quadro de trabalhadores do Ateliê dispõe, atualmente, de um estagiário de artes, de psicólogos, estagiários e auxiliar - administrativo. Eventualmente, ambos os quadros profissionais são compostos por integrantes da Residência Multiprofissional, que escolhem fazer estágio optativo em algum período de sua formação, não sendo, portanto, algo contínuo.

Pensamos que tais quadros nos auxiliam a vislumbrar as composições multiprofissionais que envolvem os modos de trabalhar nesses espaços, mas não se reduzem à profissão ou ao cargo ocupado. Isso, porque, embora não detenham tais cargos, alguns trabalhadores buscaram ou já possuem formações relacionadas às áreas da saúde ou das artes. Talvez possamos pensar que o efeito disso envolve o real da atividade, que intercede por um território multidisciplinar, que convoca um si trabalhador a seguir em formação, ou, ainda, por conta desta este se vê atraído pelo

---

<sup>252</sup> Idem, ibidem, p. 136. Neubarth menciona que o enunciado *Lá no São Pedro* é frequente entre os pacientes-moradores a fim de distinguir o espaço da Oficina.

<sup>253</sup> Neubarth, 2009, p. 120, 122.

trabalho nesses espaços. Temos, portanto, estilizações desse gênero da expressão que não se restringem aos profissionais dessa área, assim como estes também estilizam uma fazer clínico, que poderia ser concernido apenas ao psicólogo. E, ainda: como não considerar as análises e estilizações dos trabalhadores de cargos administrativos que se envolvem nesse trabalho? Por essa via, temos através do que se intitula como uma profissão traços que vão constituindo os espaços-temporais. Deleuze & Guattari afirmam que *a profissão, o ofício, a especialidade implicam atividades territorializadas, mas podem também decolar do território para construir em torno de si, e entre profissões, um novo agenciamento*<sup>254</sup>. Dessa forma, tendemos a pensar que mais do que afirmar o caráter imprescindível de um profissional de artes, trata-se de afirmar que este componha uma equipe multiprofissional, como aposta nas virtualidades que operam no entre- profissões.

A partir disso, podemos avançar acerca dos componentes territoriais que tomamos como desterritorializantes, ou seja, produtores de um ritmo crítico e estilístico desse gênero da expressão. Como já trouxemos aspectos que abarcam a posição acolhedora dos trabalhadores da Oficina, assim como a perspectiva de escolha de materiais, e os decorrentes desdobramentos passamos aos aspectos que envolvem o trabalho no Ateliê. Neste espaço, o que tomamos como um traço territorial bifurcante é uma posição desafiadora de grande parte dos trabalhadores, a qual também chega a ser demarcada por Neubarth<sup>255</sup>. Tal posição parece arrastar consigo efeitos de uma linha produtiva e alternativa, em relação aos modos de trabalhar com a loucura. Falamos de uma espécie de abano sobre uma chama que se expande e se contrai, através dos desafios diante das matérias expressivas e da tentativa de fazer a vida entrar em disjunção. Assim, temos projetos de criação que vão sendo construídos entre pacientes e trabalhadores. Destes, surge uma proposição disparadora, a qual não é mais que um sopro, por meio do qual podemos entrever os rastros da atividade de quem trabalha. Isso, pois vamos acompanhando as elaborações conversacionais que se explicitam e que nos fazem supor as muitas outras que ficam inauditas durante a atividade, assim como nos aponta Schwartz<sup>256</sup> a respeito dos debates do trabalhador consigo mesmo.

---

<sup>254</sup> Deleuze & Guattari, 1997a, p. 135.

<sup>255</sup> Conforme Neubarth. Acesso em 26 jun. 2011. <<http://www.eusouvoce.com.br/>>

<sup>256</sup> Schwartz, 2000b, p. 36.

Além disso, entre os desafios que vão sendo lançados há o encontro com as singularidades dos pacientes, os quais acolhem ou declinam das proposições, criando desafios ao próprio trabalhador, que se desdobra a partir do que vai se sucedendo. Estas situações de trabalho envolvem uma conversa por meio de um inesperado, já que, de acordo com o que vai acontecendo, o trabalhador precisa pensar, contrapor, sugerir, e ainda tomar cuidado - se percebe - para que a proposição se conecte em algo que o paciente se interesse. Parece-nos que tal gênero assume, por essa via, um conjunto de saberes disciplinares acerca das técnicas e matérias expressivas, ao mesmo tempo em que se deixa conduzir por uma experimentação a partir das intensidades que surgem em cada instante móvel.

Temos, desse modo, um fazer que agencia pacientes e trabalhadores, através de uma linha expressiva, que não prescinde de ser clínica, já que vai incorporando as linhas desse gênero da expressão, como experimentações de fronteira. Ou ainda, de um gênero da expressão que vai se produzindo a partir das operações clínicas que lhe ocorrem, vai sendo, portanto, estilizado.

Outro componente territorial - que se imbrica nesse modo de trabalhar que nomeamos como *propositivo-desafiador* - é o que se refere à variedade de materiais disponibilizados no Ateliê de Artes. Isso nos faz pensar que as diversas modalidades de artes que constituíram o início das atividades da Oficina tenham migrado para o Ateliê<sup>257</sup>, ou ainda que este tenha arrastado aquelas através de sua linha desterritorializante. Considerando que tais materiais poderiam acessar virtualidades que se expressariam através de escolhas, nos colocamos uma questão acerca da divisão das matérias-primas: os pacientes da Oficina também não teriam condições de desenvolver tais modalidades? Ou ainda, como se têm agenciado os critérios para a o oferecimento de materiais e técnicas nos dois espaços? Disto, o que nos parece relevante apontar é que o traço bifurcante que vem conduzindo as divisões de trabalho, também produz os modos de trabalhar, assim como suas expansões ou contrações territoriais.

Uma brisa nos lembra o frio que rastejava sob nossos pés: surge um frio no ventre diante do desconhecido inverno que se aproxima.

---

<sup>257</sup> Conforme Neubarth. Acesso em 26 jun. 2011. <<http://www.eusouvoce.com.br/>>

Cabe ressaltar que, ainda que tenhamos diferenciado um fazer que se dá por uma via acolhedora e por uma via propositiva, pensamos que eles não se restringem exclusivamente aos espaços aos quais os referenciamos. São traços bifurcantes que tendem a criar estilizações desse gênero da expressão por uma via também rizomática, e que extrapolam as dimensões espaço-temporais que aqui pinçamos. Nesse sentido, buscamos fugir de uma perspectiva de enaltecimento a qualquer um desses espaços, justamente porque, ao apontarmos os ritmos intensivos de um território, buscamos extrair os enunciados que agenciam essas vidas, em nosso presente.

Por essa via, ainda nesse gênero da expressão, passamos a percorrer expressividades de vidas que nos impelem a pensar em suas *produções clandestinas*. Da mesma forma, temos um modo de pesquisar que é convocado a bordar seu próprio estilo, a partir de um fazer expressivo, também na borda de uma *clandestinagem*. Escapam, portanto, de análises coletivas da atividade, pois se engendram por vias tão sussurrantes que se dão a ver pelas frestas, diante das quais buscamos juntar em feixe alguns de seus gestos. Ainda assim, não se trata de exaltar as pessoas que encarnaram tais vidas, trata-se de dar-lhes um sopro como testemunho de suas singulares expressões que, mesmo com anos de asilamento, traçam um território existencial a sua volta. Falamos das situações em que alguns pacientes colocam problema aos modos de trabalhar, e compõem um cotidiano que obtura as inteligibilidades que lhe foram destinadas. Também incluímos situações de trabalho em que os trabalhadores põem problemas ao modo de pesquisar, nos fazendo inventar um estilo, sob o instante presente do encontro, também fraturando contrações que vínhamos adquirindo.

Podemos pensar em uma *arte gestual* com a qual fazem suas vidas saltarem, serem mais do que seus corpos-organismo, diante daqueles que lhe dão passagem. Todavia não serão exemplos de nada,

Como poderiam ser?

são essa marca crítica de um gesto que busca fôlego entre as indiscernibilidades, que muitas vezes só fazem os corpos arderem em chamas. Tecem-se também com um amálgama de gestos-trabalhadores que por uma via *clandestina* captam as forças que advém desses corpos. Isso, pois tais gestos afrontam as normas, à maneira de suportarem a solidão que seu corpo percorre, entre as veredas de um certo



espaço-tempo<sup>258</sup>. A *clandestinagem* refere-se, desse modo, a essas vias solitárias que se situam entre monólogos que o trabalhador chega a tramar consigo mesmo<sup>259</sup> e inapreensíveis devires. Através dessa atividade rarefeita alguns gestos imprimem suas garras, fazendo verter um estilo, o qual nos parece traçar linhas de uma enunciação coletiva. Isso, porque recorre à memória coletiva<sup>260</sup> desse gênero de trabalho, mas o faz rachando o território que o compunha; e cria outras vias expressivas entre os modos de habitar, comer, trabalhar, existir.

Entre tantas *clandestinagens* que se passam sorrateiras, temos uma dramatizada pelos gestos de uma paciente que compartilha conosco seu tesouro de *roupas ensacoladas e cafés engarrafados*.

alguns encontros são irresistíveis, intercedem passagem

Como condição de entrada, atendemos ao pedido de abertura do cadeado, e logo adentramos em silêncio, acompanhando o rumor que nos conduz. Além das camuflagens de tecidos superpostos que se encarnam em seu próprio corpo, temos uma paisagem que age na arquitetura do Hospital. Trata-se de uma sala-arcabouço composta de barricadas de sacolas no entorno das paredes e de uma estante, ao fundo, na qual ficam as garrafinhas.

Pensamos estar num *entre-guerras* cotidianas, diante do qual, se não formos ágeis em nossos gestos de proteção, levarão nossas roupas e nosso café. Diante desse drama diário, presumimos também gestos *clandestinos* de quem trabalha, os quais vão dando sustentação às expressividades gestuais que ali se materializam. Assim, temos uma arte gestual, que se produz entre as virtualidades de um fazer minoritário, o qual faz a atividade da paciente e dos trabalhadores, a cada instante, atualizar singularidades de um povo<sup>261</sup> que perdera toda roupa e que não escolhe a hora de tomar um cafezinho. Desse modo, aquilo que poderia parecer uma instalação, só o é sob a condição desse *entre-guerras* incessante, em que a paisagem, ainda que enclausurada por um cadeado, produz um ritmo crítico nesse território. E mesmo que pareça que isto não leva a nada, pensamos que já levou, já nos levou, já é em si a expressão de uma vida aparentemente

---

<sup>258</sup> Deleuze & Parnet, 1998, p. 14.

<sup>259</sup> Schwartz, 2000b, p. 36.

<sup>260</sup> Clot, 2010b, p. 123.

<sup>261</sup> Zourabichvili, 2004, p. 54.

muda.

Agenciando outros componentes territoriais, vem Natália com passos curtos e titubeantes, uma artista-asilada. Ainda assim, faz o hospital se dobrar, ativando disjunções entre linhas de cuidado habitadas. Com isso, conquistou até um quarto individual, através de gestos que devoravam as comidas de suas colegas de dormitório. Comer demais, ou melhor, pegar comida dos outros, talvez tenha sido um parafuso de sua maquinaria, já que se faz voraz por um mundo e um mundo se produz à sua volta. Imaginamos quantos problemas provocou até que os trabalhadores pensassem em novos arranjos, criassem com ela um território.

Na Oficina, tem reserva da única cadeira almofadada, mais um caixote para sobrepor as pequenas pernas. Um pequeno pedaço de terra? Já idosa e com pouca mobilidade, averigua quem poderia levá-la de carro, e, por vezes, demora por chegar pelo mesmo motivo. E como é esperada! Os trabalhadores ora cedem, ora incentivam uma caminhada, possivelmente, para que ela prossiga lhes causando *problemas*.

É tão assim, que pode ter seu nome escrito.

Usa água para limpar os pincéis, e frequentemente pede que lhe façam uma tinta *maquinada*, uma espécie de marrom alaranjado. Aliás, sua roupa é quase toda de cor *maquinada*, assim como seus desenhos e bordados. É expressivo o que ela agencia através de sua atividade, desde um espaço em que restam poucas vias de singularização: uma querida que se faz oblíqua, interceptando um plano, sobretudo, com sua pintura e bordado. Assim, um certo jeito *maquinado* de Natália vai esburacando, ainda que infimamente, a organização do Hospital. A fissura que ela provoca encarna um si *maquinado*, mas, de fato, vai maquinando os modos de trabalhar, de morar, de pintar. Uma maquinação que desterritorializa o cuidar e anima as fronteiras de um gênero da expressão. É um bonito estranho, essa maquinaria: 68 anos, e uma vida, há muito enclausurada. É possível que sua *maquinagem* irradie para outras situações. É possível que já tenha sido tomada como exemplo, por uns, ou como causa de revolta, por outros<sup>262</sup>.

---

<sup>262</sup> Pode-se consultar outros escritos sobre a Natália no texto de Hartmann (2010), e também, ver a coleção de obras que compuseram parte da Exposição *Eu sou Você* no seguinte site: [http://www.eusouvoce.com.br/conteudo\\_natalial.htm](http://www.eusouvoce.com.br/conteudo_natalial.htm)

Nesta via das problemáticas que produzem os gestos de quem trabalha, temos outro fazer *clandestino*, o qual envolve as bordas de um pesquisar, a partir de nosso encontro com esse gênero da expressão. Tateando frestas e fazeres de um pesquisar, aderimos ao convite. Encontramos linhas, agulhas, botões, fuxicos, tecidos coloridos, mulheres afeitas a bordados, a crochês e a costuras. Iniciamos as primeiras lições de bordado, com mais algumas mulheres; outras já eram experientes naquele fazer. Eram trabalhadoras, pacientes, pesquisadora e a filha de uma funcionária, ou, simplesmente, um encontro entre mulheres. As conversas e os fios coloridos dançavam na mesa. Era uma aposta no comum que se tecia entre linhas e pontos. Mais do que um encontro de vizinhas bordadeiras, era um encontro que atentava para todas que estavam presentes, e perguntava-se por aquelas que não tinham vindo.

Circulavam sonhos empreendedores que viessem a dar alguma renda às pacientes frequentadoras. Para isso projetavam aprimoramentos técnicos para aquele fazer miúdo, feito de ponto em ponto. E a lição mais importante era a de que não desmanchássemos nenhuma linha. Era para seguir, inventando outro rumo para o bordado, como na vida, diziam. Nas palavras de Schwartz se poderia pensar na expressão *fazer de outra forma*, dimensão que imbrica a atividade, que nesse caso, se compõe com a ideia de que no bordado não há uma forma prescrita, diante da qual o trabalho vá ser tomado como errado ou insatisfatório. Há, pelo contrário, um incentivo para que se siga enfrentando o real da atividade, e, ainda, aliando isso aos enfrentamentos que temos na vida.

Corre um sorriso de boca em boca, quando as figuras bordadas passam a ganhar uma espessura, uma forma, uma cor. Como possibilidade de ir incorporando-se às intensidades que a produção no Ateliê possibilita, lançamos uma questão: uma pesquisadora poderia participar de aulas de bordado, junto a pacientes e trabalhadores? Questão já descabida, quando o aceite do convite por compartilhar aquele espaço de trabalho já se fez pelas intensidades apostadas no encontro. Antes de pensarmos em uma suposta premissa, que só ganharia respaldo pelos ditames da neutralidade científica, nos vemos em cena, sobretudo, porque temos investido em um fazer-pesquisar participante. Entre monólogos e devires o encontro já estava jorrando vida, e o trazemos à escrita para compor mais uma linha desse gênero da expressão.

Lembramos com isso da pesquisa de Engelman, junto à ATUT<sup>263</sup>, com os técnicos, pacientes e moradores da vila São Pedro, em que a autora traz à discussão a expressão *carnevalização*, para pensar o aspecto relacional operado entre essas pessoas. Essa acepção, advinda de Bakhtin, refere-se às situações de subversão e ruptura de algum modo prescrito socialmente. Segundo a autora, a *carnevalização e a diferença como espaço de emergência tomam forma como lugar de circulação de múltiplas vozes*<sup>264</sup>, o que acabou gerando problemáticas no cotidiano da ATUT, forçando que todos os envolvidos pensassem a emergência de outros modos de trabalhar na Associação.

Do mesmo modo, no encontro de bordadeiras, carnalizamos a partir de uma mistura de corpos, bordados, saberes e sorrisos. Com isso, a clínica e a pesquisa se aventuram por linhas de um bordado, guiando-se pela experimentação de seus traçados em um mapa que se faz durante. Tratamos, nesse sentido, de bordar um carnaval, através de um modo de pesquisar que ganha certa expressividade no encontro com o gênero da expressão, sobretudo, pelos indiscerníveis que este nos apresenta. Como recurso singular, tomamos as linhas de um plano comum que, com isso, se adensa, permitindo estilizações entre este gênero e o da pesquisa. A transgressividade operada no encontro também se deixa levar por um devir-mulher.

Por fim, ainda que persistam muitos desengates críticos, o traçado desse gênero da expressão nos faz habitar um território em que os modos de vida, como expressões de um indiscernível, persistem – ainda e também - em suas andanças descalças e ao sabor da intempérie. Talvez seja essa dramatização de forças intempestivas - que subsiste nesse território - que dá condições para que diante de um comum, que se faz imanente aos modos de trabalhar, se criem estilizações através do que se passa entre essas inspirações, desafios e *clandestinagem*, aqui apontadas.

Da mesma forma, esse comum, que é o gênero do trabalho, não prescinde de componentes territoriais que se contraem, visto que os hábitos não deixam de compor um plano de pressupostos acerca do fazer. Ainda que se trate de um aspecto restritivo,

---

<sup>263</sup> A ATUT (Associação de Trabalhadores da Unidade de Triagem de Lixo), localizada no Hospital Psiquiátrico São Pedro, de Porto Alegre-RS, é produto da confluência de políticas públicas e leis regulamentadas sobre a Reforma Psiquiátrica, constituindo-se, nesse âmbito, como uma oficina protegida de trabalho (Engelman, 2007, p. 121).

<sup>264</sup> Idem, ibidem, p.123.

sem esse plano não se teria um suporte diante dos imprevisíveis do trabalho<sup>265</sup>. Ao mesmo tempo, então, falamos de um pensar-agir que se torna estilo diante das indiscernibilidades. Como traço do gênero, estas são também recursos, são fonte de afrouxamento, compõem, desse modo, uma materialidade expressiva que não cessa de agir nos corpos.

---

<sup>265</sup> Clot, 2010b, p. 123.

## VI PLANO COMUM: COLETIVO, TERRITORIALIZAÇÕES, REDE E TEMPO

*Eis que as forças do caos são mantidas no exterior tanto quanto possível, e o espaço interior protege as forças germinativas de uma tarefa a ser cumprida, de uma obra a ser feita.*<sup>266</sup>

*Tu avalia a gente, e a gente te avalia*<sup>267</sup>

---

<sup>266</sup> Deleuze & Guattari, 1997a, p. 116.

<sup>267</sup> Expressão de uma trabalhadora, durante uma reunião em que falávamos da pesquisa.

Estamos entre flutuações de um plano comum. Percorremos uma série de linhas em variação que nos levaram a pensar nas intensidades e nas indiscernibilidades que transcorrem sob esse plano. O comum se produz em intersecção, entre-dois, refere-se ao que traçamos no presente, até logo duplicar-se. No cotidiano de trabalho, tampouco se restringe a uma reunião de pessoas ou a um espaço delimitado, mas algo que pode transcorrer entre esses elementos. São os lampejos que acontecem e transitam pelas forças da matéria arquitetônica do hospital, por esse entre-dois que se cria entre os modos de trabalhar na Oficina e no Ateliê, por rastros dos gestos realizados, tantos quanto outros que sucumbem em um instante de pensamento.

A partir desses lampejos, vamos construindo ladrilhos de um plano comum, por uma fissura no tempo, antes contraído, para que este possa repousar sob o instante móvel. Cria-se um chãozinho

Você que circula pela outra oficina (Ateliê de Artes) poderia nos contar como é o trabalho lá? com ladrilhos de vidro sob um terreno movediço. Forçados, deslocamos outros ladrilhos para seguir num rumo incerto. Um vento forte nos faz perceber que estamos inebriados, numa distensão que faz durar um mundo, ainda que por instantes instáveis. Pensamos nas formas de se manter caminhando, ainda que em outras posições. Cuidamos para não resolver o pedido inquietante, ao circularmos como uma estrangeira de dupla cidadania. Como exercitar a liberdade? Como fazer do nosso corpo passagem para indiscerníveis entre o que se sabe e o que se quer saber?

Estamos envoltos por uma *matéria bruta indomada*<sup>268</sup> também ao experimentar um coletivo de análise da atividade, não apenas como observadores, mas como sujeitos larvares que também se fazem tomados pelas formas. Vamos abrindo algumas questões: quais os efeitos dessa nossa circulação dupla? Seria esse pedido um revide desse território que se bifurca? Como criar um ritmo coletivo para o que se enuncia com esse pedido? Vemo-nos em fluxos de engrenagem- desengrenagem, em que abdicamos de um acompanhar estritamente observador, em favor de uma disposição que circule entre as defasagens que nos abandonam entre fôlegos e afundamentos. Falamos, desse modo, de um *intermezzo* em que se atenta para as composições das formas, para a terra que arremata um feixe de forças; e em que se segue pelas séries de desengate.

---

<sup>268</sup> Deleuze & Guattari, 1997a, p.153.

É tempo de tentar fazer a inquietude durar no coletivo, e não só em quem está de passagem. Talvez, através de. Durar na possibilidade de diferir. Já sendo passagem, nossos corpos buscam jeitos de amplificar seu poder de agir. Construimos um plano comum de análise da atividade numa tentativa de que a experimentação ao pesquisar-trabalhar possa se proliferar, possa criar um comum, lá onde talvez coexistam solidões. Acerca disso, Clot diz que: *a saúde se degrada no ambiente de trabalho sempre que um coletivo profissional torna-se uma coleção de indivíduos expostos ao isolamento*<sup>269</sup>. Atentando para isso, e para os ritmos críticos que vão compondo o território, os modos de trabalhar e a organização do trabalho, trazemos as dramáticas que ganham expressividade com a circulação de algumas pacientes que, por essa via, passam a fazer questão à organização da Oficina em dois espaços.

Ela, que está migrando, chega cumprimentando e dando balas.

Os modos de trabalhar, o público a quem se destinam, e as distintas proposições da Oficina e do Ateliê parecem escapar às pretensões organizativas. Ou, ainda, o real das situações de trabalho não cessa de trazer componentes indiscerníveis. Nessas bordas da atividade, a estilização - exercida pelos trabalhadores - se faz justamente através do tensionamento da organização do trabalho, modificando-a através de suas possibilidades de produzir crítica, de inventar outra história para aquele fazer.

Perfil dos espaços por nível intelectual dos usuários?

A aposta, então, é de que as indiscernibilidades acerca das diferenças nos modos de trabalhar nos dois espaços, a circulação que algumas pacientes passam a realizar entre as duas oficinas – o que também propõem à pesquisadora-, possam ser experimentadas coletivamente. Assim, falamos de uma circulação coletiva, entre coletivos, enunciados, proposições, que surge como pedido explícito de uma das equipes, o que também nos inquieta pelas forças que vibram sob o instante de composições sempre inacabadas. Diante disso, seguimos um pesquisar que se dá no decorrer dos encontros, como afirmação da dimensão ativa de sua *processualidade gerativa*<sup>270</sup>, feita com o coletivo, com o intuito de entrever o comum que produz a duplicação dos gestos, saberes e enunciados.

---

<sup>269</sup> Clot, 2002, p. 4.

<sup>270</sup> Amador, 2009b, p.4.



Assim, a partir dos procedimentos já listados<sup>271</sup>, trazemos à discussão as análises feitas coletivamente acerca das produções fotográficas, não trazendo, portanto, os relatos individuais de cada trabalhador. Pinçamos, desse modo, uma produção de imagem que dá a ver o comum que concerne ao fazer coletivo, seja através das discussões que se tornam aquecidas em torno de uma problemática, seja diante daquelas que, depois de incitadas, foram apontadas como um tema novo no âmbito das discussões do trabalho. Entre as questões que movimentam os enlaces que se dão aqui, temos as seguintes: a partir de cada ponto de vista acerca da atividade que cada um desenvolve, que relações poderíamos pensar, desde a diferença entre elas, acerca do que surgiu como imagem e como fala? O que os surpreendeu? A partir disso, propusemos o exercício de retomar os relatos individuais, que foram anteriores, a respeito do trabalho do outro. Isso, não no sentido de afirmar algo como certo ou errado, mas de poder pensar outros pontos de vista para as atividades realizadas.

Com isso, pensamos que o procedimento de análise propõe que o coletivo torne visíveis os enunciados em que ele mesmo se envolve e se produz. Para tanto, temos também o desafio de fazer uma escrita cristalina, em que os personagens e paisagens sejam eles próprios ritmos críticos, operados pelo pensamento, ativados em sua potencialidade de agir no coletivo<sup>272</sup>. Falamos, nesse sentido, de uma questão que envolve tanto um fazer que se faz durante a discussão das imagens, quanto da escrita: como fazer vibrar - analisando coletivamente e escrevendo-, as fissuras que se abrem no tempo cronológico, na matéria expressiva daqueles modos de trabalhar, em seu jogo com um virtual, em que o trabalho está por ser criado?

Tomando tais vias, as linhas problemáticas que se sobrepujam são: aquelas que envolvem os componentes arquitetônicos em seu enlace territorial, os quais, além de apontarem para as condições de trabalho, expressam os ritmos que tais componentes operam nos corpos; aquelas que tratam de uma rede que aponta para as tramas disjuntivas entre a gestão no cotidiano de trabalho e as políticas que lhe são concernentes; e, ainda, aquelas que envolvem sorrateiros modos de pensar o gênero do

---

<sup>271</sup> Reiteramos que a referida proposição refere-se ao real da atividade, conforme definição proposta por Clot. Embora já mencionada nos procedimentos da pesquisa, retomamos: *Fotografar seu trabalho, desde o ponto de vista do que envolve o real da atividade: além do que faz, aquilo que não se faz, aquilo que se tenta e não se consegue, aquilo que se pensa e sonha em fazer* (Osório, 2010, p.42).

<sup>272</sup> Machado, 2010, p. 283.

trabalho, que chamaríamos (multi)profissional, em suas variações diante do tempo, que ora se repete, ora se diferencia.

### **Territorializações: entre infiltrações, chaves sonhadas e perdidas**

Vemo-nos diante de diversas imagens produzidas com a intenção de falar do prédio centenário e seu esmorecimento. Imagens impregnadas de sonhos por ver o prédio restaurado. Imagens que não negligenciam a força daquelas paredes. Antes não fosse tal, dado o literal que se expressa nos modos de trabalhar e passa a ser analisado pelos trabalhadores. Além das falas que envolvem a dimensão daquilo que se sonha, também são mencionados os fazeres que a longo prazo compõem o sonho de estruturar o Acervo. Como marca disso, as mapotecas que foram adquiridas para armazenar as obras do Acervo, expressam atos realizados. Estes tornam visíveis algumas das proposições que visam a obtenção de recursos financeiros, através de ações entre trabalhadores, pesquisadores e outros interessados em tal produção memorial e cultural.

Diante de fragmentos de tintas mofadas que se acumulam nas paredes e de grades enferrujadas - e já sem funções nas tantas salas desativadas-, temos rebocos que acionam deslocamentos em retirada. Estes compõem uma marcha entre as salas, até que se invente um jeito de ocupá-las. Mais do que movimentos por um desejo de expansão, as análises referem o prédio em decomposição, como expressão de uma arquitetura falida e sucumbida pelos anos sem cuidados.

O não-cuidado por toda parte, também produz.

Há nisso, pensamos, linhas desterritorializantes diante das quais os gestos dos trabalhadores e pacientes se autorizam a pincelar as paredes rumorejantes, que, como tais, não cessam de cuspir as tentativas de adorno. Criam-se amálgamas que tendem ao cinzento, quando marcado por entretempos, diante dos quais as expressividades fisgam o olhar, enunciando as intempéries que alinhavam os corpos humanos e inumanos, dada as indiscernibilidades que as atravessam.

Ainda acerca dos rebocos em desfalecimento, os trabalhadores analisam os efeitos disso nos planejamentos do trabalho. Dizem que, às vezes, chegam ao Hospital

com um plano para o que farão naquele dia, então acontece algo: alguém mudou de sala, apareceu uma goteira, e tem-se que atender o que está caindo. Pensamos que o real da atividade reterritorializa as ações a serem empreendidas, como se estas fossem arrastadas junto aos componentes arquitetônicos em ruínas. Desse modo, o gênero do trabalho também requer gestos levados por um tempo que se abre, exigindo fazeres insistentes quanto à organização do espaço de trabalho.

Entre alvoroços e cansaços, transferem todos os objetos e móveis de trabalho. Com frequência também arrumam o espaço para receber visitas<sup>273</sup>.

A matéria sensível do espaço produz ritmos ao trabalho, força-os a fazer outra coisa. A expressão *a gente se prende no que cai* surge para referir tanto as condições de trabalho que se apresentam, quanto o trabalho com os pacientes que os chamam. Ambos fazeres, por mais repetitivos que sejam, exigem que os trabalhadores se desdobrem para atender. Uma duplicação de gestos que, nesse caso, imbricam não apenas as linhas de cuidado e de expressão, mas problemas cujo destino nunca parece ser solucionado. A tinta segue descascando. Os trabalhadores-vertigem<sup>274</sup> seguem interpelados por uma dança furiosa. Tomados pelo intempestivo, seguem trançando seu corpo, fazendo de um repetido e insistente trabalho uma forma de diferenciar-se, de seguir entre as salas antes abandonadas, as quais nos fazem lembrar os fazeres *clandestinos*, já mencionados. Ainda assim, alegram-se com os acenos dos pacientes que os acompanham desde o portão, ao mesmo tempo em que recordam do medo que tinham ao ouvir falar do São Pedro. Entre as indiscernibilidades da loucura e do *palácio*<sup>275</sup> que os abriga, os fazeres se adensam ao longo dos anos, criando - pensamos - novas territorializações aos modos de trabalhar, as quais foram produzindo a Oficina e o Ateliê.

Como dizer da variação sem perder as forças, sem pender na ribanceira?

---

<sup>273</sup> É frequente a visita de Instituições de Ensino no Hospital, ocasião em que também visitam a Oficina, o Ateliê, e a lojinha onde se vende produtos produzidos apenas neste último. Isso, pois as obras produzidas na Oficina são arquivadas no Acervo.

<sup>274</sup> Referência às casas de Soutine, citadas por Deleuze & Guattari, em *O que é a Filosofia* (1992).

<sup>275</sup> Fazemos referência à Wadi (2002) que denomina o Hospital como *Palácio para guardar doídos* em seu livro homônimo.



A ventania prossegue.

Por essa via, os alagamentos e infiltrações após qualquer chuva forte também tornam visíveis as *relações entre matérias de expressão*<sup>276</sup> que compõem esse território. A água infiltra-se e faz de si um elemento que transtorna, torna-se voz da decomposição, faz o concreto do teto precipitar. Este, como matéria heterogênea, junto ao ferro compõem um ritmo intercalar, sob o qual a água em sua fluidez também faz-se expressiva<sup>277</sup>. Trata-se de um encontro sorrateiro em que um tempo invisível molda faces através de estranhas núpcias entre água e ferro<sup>278</sup>. São encontros também clandestinos, que *tendo a maior força de desterritorialização*, produzem *também as mais maciças reterritorializações*<sup>279</sup>, diante da qual nos parece difícil que os olhares cotidianos também não se habituem à precariedade das instalações.

Os trabalhadores contam que as recentes chuvas entram para os registros do arquivo, através de um ofício-informante. Diante disso, a organização oficial do trabalho passa a reconhecer o já conhecido estado das condições arquitetônicas. Entre vistorias que destinam o olhar apenas para as insurgentes goteiras, os trabalhadores instantaneamente apontam, ainda que atônitos, suas atuais localizações: *aqui e ali e ali e ali e ali*. Os olhares passam a buscar uma sala para remover materiais das que estão alagadas. Acerca dessa situação, rumorejam-se silêncios frente à organização oficial do trabalho, o que pensamos ser um risco capcioso. Falamos disso, pois, durante a análise

---

<sup>276</sup> Deleuze & Guattari, 1997a, p.125.

<sup>277</sup> Idem, ibidem, p. 141.

<sup>278</sup> Fonseca, 2010, p. 24.

<sup>279</sup> Deleuze & Guattari, 1997a, p. 166.

coletiva dessas relações de matérias - arquitetônicas, modos de trabalhar e gestão da organização do trabalho -, paralisamos todos, por instantes.

Eu que respondo instantaneamente.

Eu que acompanho os gestores.

Eu que escrevo.

Eu que faço.

Todos num mesmo tempo, impregnados por um velho hábito: subordinados. Ruminam por dentro. Apodrecem.

À revelia de sua participação - diríamos-, existência, é como surge um incômodo. Acerca disso, mas a partir de outras séries de análises coletivas, que operam de forma disjuntiva sob os enunciados, surgem as dramáticas do trabalho que envolvem uma paciente que costuma embravecer-se rapidamente, quando já não chega desse modo. Recorrentemente, essa situação torna-se pauta das reuniões dos dois espaços, acerca do que os trabalhadores discutem como proceder. Na análise coletiva esta paciente também é mencionada, a respeito da qual dizem que ela *não sabe como lidar com as situações*, por isso briga. Surge um *mas é pela doença dela*.

Lançamos uma questão-tensão, para não mais hesitar, para rachar o silêncio de outrora. Por um coletivo que palpita, grudamos na vontade de que ocorram efeitos.

Estranha vontade. Um risco, essa vontade.

Ainda que estejamos entre, ao invés de *ser a origem de um esforço*<sup>280</sup>, entramos num fluxo delicado em que a ventania do instante se faz forte diante dos dramas que envolvem *o não saber lidar com uma situação*. Perguntamos, então: como pensar o fato de também ficarmos passíveis diante de uma organização oficial do trabalho que vistoria e determina ações no espaço, sem considerar a participação de quem ali trabalha, deixando estes sem saber como lidar com a situação? Não estaríamos também doentes?

Pode-se dar um riso coletivo, um pouco eufórico, engasgado. Alguém diz que essas são algumas das dificuldades deles, como trabalhadores. Como uma aberração

---

<sup>280</sup> Deleuze & Parnet, 1998, p. 151.

anômala, pareceu demais chamar-nos a todos de doentes, ainda que tenhamos nos incluído nesse fluxo de passividade-doença, em que um instante hesitante e compartilhado contraiu uma série de elementos territoriais.

A gente se perde no que fala

Nesse emaranhado, surgem as questões de uma política do encontro: fazer do momento coletivo de análise da atividade um dispositivo que faz ver e falar o agenciamento em que nos encontramos, incluindo a pesquisadora. Isso, pois, partimos da ideia de que uma aceitação passiva e silenciosa inebria-se por estratégias defensivas, através das quais a saúde sucumbe. Por essa via, acreditamos que esta se faz através da *transformação da doença em novo meio de existir (...) a transfiguração de um paradoxo experimentado em história possível, de uma vivência em um meio de agir*<sup>281</sup>.

Como não apostar num guarda-chuva com rasgos?

Pensamos que ao intervir também captamos forças que banham esse território, pois diante da tentativa de falar das ações habitadas, atualizamos virtualidades que lhe são imanentes. Estamos encharcados por essa água desterritorializante e corremos - todos - o risco de nos perder entre o que falamos, diante do que pensamos e não conseguimos expressar, ou ainda acerca do que sonhamos que se atualize, embora não saibamos precisamente como se dramatizarão tais forças.

Como tais, os ritmos críticos desse território também enunciam-se a partir da vistoria, diante da qual surge uma imagem desta como uma visita de estrangeiros que chegam numa terra sem dono. Apontamos se não se tratava de uma ocasião em que os gestores aproveitavam a situação para conhecer os espaços e as atividades que ali se desenvolviam.

os risos surgem enigmáticos

Titubearam e pensaram em algumas questões de gênero ao compararem com procedimentos empregados pelas gestões anteriores. Isso nos faz pensar em um novo surgimento do componente territorial que reitera o fazer dos cuidados como prioritariamente atribuído às mulheres, conforme já mencionamos, e que, neste caso, envolvem a forma como percebem os modos de gestão.

---

<sup>281</sup> Clot, 2010b, p. 113.

Discorrendo por outra via, as análises engendram também articulações de enfrentamento, as quais dramatizam linhas de um fazer coletivo. Isso, pois os trabalhadores pensaram em algumas ações frente ao suposto desconhecimento dos gestores acerca do espaço físico que envolve a Oficina e o Ateliê. Por exemplo, propuseram chamar os gestores para apresentar as atividades que fazem, mostrando também o espaço de trabalho. Também fizeram relações transversais com o trabalho que realizam com os usuários, e com as implicações de uma coisa em outra. De uma imagem do outro como totalizante, surgem brechas, em que as linhas desterritorializantes que partem dos componentes arquitetônicos arrastam análises que envolvem uma *processualidade gerativa*<sup>282</sup> que se dá durante o trabalho terapêutico e o da equipe. Embora não se saiba o quanto essas ações se efetivarão, pensamos que elas já são expressividades produzidas no encontro entre os trabalhadores, articulando, desse modo, um coletivo de trabalho. Por essa via, temos dramatizações de forças que ativam um comum, no qual se compartilha, através da função coletiva do trabalho, mais do que o acesso, a expansão de um *instrumento genérico no decorrer da atividade*<sup>283</sup>. Falamos, desse modo, de um comum que se tece quase imperceptível, mas que compõe uma *historia comum de reorganização do trabalho coletivo pelo coletivo de trabalho*<sup>284</sup>, a qual, através dos gestos que estilizam o gênero profissional, presumimos, amplificam a poder de agir dos trabalhadores.

Outras imagens que fizeram ressoar componentes territoriais acerca de situações de trabalho e dessa problemática arquitetônica também apresentam marcas de sonhos que não se realizam e de coisas que não conseguem mudar. Contudo, tais imagens envolvem a criação da cena a ser fotografada, na qual podemos supor, já ao olhar a imagem, a produção de pensamento que se engendrou ao ato fotográfico<sup>285</sup>. Falamos de uma fotografia do armarinho de chaves - que geralmente está carregado de muitos molhos de chaves, correspondentes às muitas portas da Oficina e do Ateliê-, que aparece apenas com uma chave, sobre a qual seu autor escreveu uma etiqueta com a palavra *solução*. Essa imagem da *chave da solução*, e outra em que aparecem notas de

---

<sup>282</sup> Amador, 2009b, p.4

<sup>283</sup> Clot, 2010b, p. 179.

<sup>284</sup> Clot, 2010b, p. 167.

<sup>285</sup> Presumimos que tal produção do pensamento também se engendrou às demais produções de imagens, contudo nestas em que se tornaram visíveis os fazeres do ato fotográfico, podemos vislumbrar os movimentos do pensamento com mais nitidez.

dinheiro amassadas, com a justificativa de dar volume à imagem, são narradas fazendo referência também ao sonho de ver o prédio restaurado. Através dessas marcas indiciárias, os trabalhadores referem a escassez de recursos para a manutenção das instalações de trabalho e a dificuldade que tal solução possa ser, enfim, encontrada entre as muitas portas que cerceiam os espaços. Isso, ainda que em certa época tivesse sido anunciado recursos para as reformas de um dos pavilhões do prédio e do telhado.

Em um dos encontros posteriores a este, as problemáticas advindas dos inúmeros molhos de chaves surgem como análise, propiciando uma reorganização do trabalho coletivo. Isso nos faz pensar na duplicação vital que as chaves, como componente territorial, engendram na história dos fazeres entre os dois espaços de trabalho. Falamos de uma análise que opera disjunções, já sem entrar no drama do passado o qual, neste caso, não deixa de reiterar-se sob um futuro circunscrito ao possível e ao representado, para solavancar ritmos críticos no presente, entre devires que atravessam e são amplificados também nesses encontros da pesquisa<sup>286</sup>. Antes, é preciso antecipar, o que desdobraremos mais adiante, que após os encontros coletivos da pesquisa os trabalhadores propuseram-se a assistir o filme *Montanhas Azuis ou uma História Inacreditável*, de Shengelaya. Além de tratar-se de uma proposição que nos leva a pensar na constituição de um plano comum que segue desdobrando-se, independente da presença da pesquisadora, o filme enlaça elementos territoriais acerca da burocratização dos fazeres, diante do que uma nova organização do trabalho passa a ser gestada e problematizada pelo coletivo de trabalhadores.

Por essa via, apontamos a discussão surgida acerca da situação em que por receio de que uma porta ficasse aberta, esta é trancada com um cadeado, ocasionando a apreensão dos pertences de um dos trabalhadores, que apenas havia ido almoçar. Contam que ao ir atrás da chave, foi difícil achar a certa, devido ao grande número de molhos que estavam na gaveta. Isso é trazido à discussão, segundo mencionam, numa tentativa de ampliar a discussão, a fim de pensar em porque se têm tantas chaves e porque elas não estão identificadas a qual porta se referem. Diante disso, outros contam da forma como o setor de manutenção vai dando conta das intercorrências de trabalho, ou seja, vai arrumando na urgência, dando muitas vezes uma solução improvisada e temporária com os recursos que se tem, o que, muitas vezes, torna-se permanente. A

---

<sup>286</sup> Deleuze, 2010, p. 121.



discussão pende para outras situações que exemplificam a burocratização das ações.

Presumimos que a chave, como componente desterritorializante, ativa um pensamento, visto que percorre enunciados entre o que se fala e o que parece ir sendo deixado para depois, quanto a uma efetiva solução. Falamos de uma análise em que as proposições ficam difusas, ainda que engendrem vias de discussão que ultrapassam os momentos do encontro. Pensamos com isso nas justificativas que vão surgindo, acerca do longo tempo de acúmulo das chaves, que é marcado pelas mudanças de salas, pelas trocas de fechadura e pelo abandono das antigas nos molhos e nas gavetas. As marcas de uma circulação que as chaves não prescindem de carregar - sobretudo, no contexto do Hospital-, abrindo e fechando espaços, engendra-se em um tempo Histórico, diante do qual alguns trabalhadores chegam a pontuar a reiteração dos gestos cotidianos que se acalantam com a repetição e manutenção do mesmo. Trata-se, nesse sentido e como já mencionamos<sup>287</sup>, de uma História totalitária, que busca capturar as ações através de inteligibilidades já circunscritas àquele meio.

Em decorrência dessa análise ter se mantido sob problematizações sem uma proposição resolutive, chegamos a outro encontro com uma suspeita de que os gestos historicizados persistissem, afinal, como tais, estes envolvem uma força mantenedora do gênero da atividade nesse território. Contudo, para nossa surpresa, percebemos que as chaves estavam identificadas e, assim como a etiqueta que dizia *solução*, uma grafia à mão parecia ser a expressão de uma ação-pensamento. Ainda que algum dos trabalhadores tenha tomado à frente nesse fazer, trata-se também de uma desterritorialização dos gestos mais ordinários que envolvem o trabalho, por meio tanto da produção da imagem quanto do coletivo de trabalho.

A imagem, nesse sentido, acopla-se à maquinaria em que se produzem os fazeres e, através desse tracejado que cria o comum da atividade, é capaz de abrir linhas de pensamento, por uma via que produz cenas *extraordinárias*<sup>288</sup>. Da mesma forma, mas por uma via das problemáticas surgidas no cotidiano de trabalho, acerca, portanto, de uma atividade *ordinária*, temos uma linha que põe em análise os gestos que persistem

---

<sup>287</sup> Referimo-nos à diferenciação feita na sessão *Entre dramas e devires: histórias inventadas*, em que distinguimos a História totalizante daquela história que se inebria por devires.

<sup>288</sup> Consideramos as problematizações feitas por Amador (2011) acerca do projeto dessa dissertação, as quais apontam a *conexão entre o deslocamento extraordinário provocado pela atividade de produção fotográfica (...) e as situações ordinárias enfrentadas pelos trabalhadores*.

sorrateiros, deixando que as chaves se acumulem. Pensamos, com isso, que se trata de afirmar que os coletivos de trabalho têm a potencialidade de realizarem análises que os levem a reorganizar seus fazeres. Além do mais, também pensamos que a produção de imagens amplifica tais análises acerca do cotidiano, promovendo encontros entre séries de componentes territoriais que imbricam os modos de trabalhar, fazendo-os entrar em disjunção. Desse modo, as atualizações dos gestos e dos enunciados acessam virtualidades que lhe são imanentes, tornam visíveis estilizações do gênero da atividade.

### **Rede e suas disjunções**

Alguns trabalhadores anunciam que estão fora da rede, logo que chegam de uma reunião dos serviços de atenção secundária. Isso, pois a condição de estar dentro de um Hospital desconfigura as possibilidades de que a Oficina e o Ateliê obtenham recursos financeiros destinados aos serviços de saúde com características de trabalho, como a destes espaços. Impacto já circundante, pelos poucos recursos materiais que dispõem para desenvolver atualmente as diversas modalidades expressivas. A partir disso ressoam perguntas quase silenciosas sobre outros efeitos desta situação, para as quais ainda não surgem respostas. Pensamos que a denominação de que estão fora da rede, ainda que se opere claudicante, tensiona um instante presente, no qual se contraem uma série de problemáticas do real da atividade que os trabalhadores enfrentam.

Acerca disso também surge o relato de uma conversa realizada entre alguns trabalhadores acerca da proposição de pesquisa, a saber, para que fotografassem sua atividade, desde o ponto de vista do real do trabalho. Diante disso, analisam que o pedido não restringia que tirassem fotos dentro do Hospital, chegando a se perguntarem: *será que não estamos institucionalizados, que não conseguimos pensar nosso trabalho fora do hospital, tirando, por exemplo, fotos dos pacientes na rua (...)?* Nessa análise percebemos movimentos do pensamento no processo de fotografar, já demonstrando que a produção de imagens ao se deparar com a proposição compõe-se a partir de um plano problemático. Isso, pois, sobretudo nessa situação, o trabalhador se vê entre o que pode criar imagetivamente em relação ao seu fazer e o território em que este fazer envolve-se.

Nesse entremeio, surge, em um encontro seguinte, uma fotografia em que no centro aparece uma trama de crochê e, nas duas extremidades desta, pedaços de panos de prato. Depois de uma circulação da imagem entre os participantes do encontro, alguém percebe que na verdade são dois panos de prato, com bordas em crochê, cujos pontos formam uma trama pontiaguda. Como foram alinhados em justaposição, produziu-se certa ilusão, já que à primeira vista, aparentam que são um só crochê. Em seguida, vemos outro efeito produzido por essa imagem através das cores das linhas, já que uma é amarela e a outra, amarelo-alaranjada, o que nos faz pensar no encontro dos diversos pontos dessa rede, ainda que se conservem suas distinções, ou mesmo as vias de miscigenação entre fios. Além disso, os trabalhadores contam que os panos de prato são feitos por uma paciente e, vendidos por outra, o que além de fazer pensar nessa organização entre produção e venda, envolvem essa dimensão de uma vida que passa a se voltar para fora do Hospital. Trata-se, nesse sentido, de uma rede de fazeres, que deslocam posições acerca de como podem agenciar-se à máquina capitalística. Acerca disso, referem também, incluindo outra imagem que foca o centro de uma flor, o desejo de que essa rede se prolifere, assim como a mandala - frequentemente referida no trabalho terapêutico de Nise da Silveira-, que se expande em círculos.

No quarto encontro da pesquisa, que previa a análise das produções fotográficas coletivamente, a partir das falas, buscando elementos que se repetiram e que foram objeto de surpresa, tais análises acerca da rede foram as que ganharam destaque. Isso, pois os trabalhadores apontam que tais análises e informações são novidade nas discussões do trabalho. Por essa via, pensamos que criar imagens, nesse sentido, está na dimensão de uma diferenciação da vida, fazendo-a expandir em direções ainda não perceptíveis na composição desse território. Dessa forma, essa espécie de miscigenação das linhas de uma rede-crochê apontam para vias em desterritorialização, as quais ainda não se deixam apreender por uma forma pronta, tampouco conseguem ser pensadas quanto a formas de reorganização do trabalho para uma articulação dessa rede.

A força que captamos nessas análises não está, portanto, nos desdobramentos e proposições, como ocorreram nas análises da atividade até aqui, nas quais evidenciamos uma reorganização pelo coletivo de trabalho. Pensamos que a força de tal novidade está em trazer esse componente que, de alguma forma, surge como externo ao território, com vistas a fazê-lo coexistir com os paradoxos que envolvem a articulação de uma rede de

saúde mental. A respeito de tais paradoxos, reiteramos as análises realizadas na *sessão Gênero do cuidado: entre hábitos, paradoxos e invenção*, assim como a discussão advinda da pesquisa de Zambenedetti & Neves, que discorrem a respeito do fato de que a atual rede de saúde mental não envolve apenas *um único modelo teórico e assistencial, mas sim um acoplamento de diferentes modelos*<sup>289</sup>. Tal composição histórica imbrica-se, segundo os autores, em uma série de descontinuidades, a qual parece relacionar-se com essa dimensão desterritorializante que a aparição da discussão da rede traz aos trabalhadores.

Sabe aquele dito conformista que, às vezes, corre na boca do povo e que diz: é assim mesmo, isso aqui é o SUS! Lá se ouve: aqui é o São Pedro, o que querem...?

Em alguma medida, parece-nos que há um tempo preso às indiscernibilidades e às inteligibilidades da loucura que arrastam e produzem os modos de trabalhar.

Ao mesmo tempo, o pássaro na janela vem marcar o tempo diário de trabalho.

Os paradoxos impregnam-se à rede que, ao mesmo tempo em que propicia a vinculação de alguns pacientes à Oficina e ao Ateliê, mantém esses espaços em desconexão diante dos recursos financeiros. E mais ainda, poderíamos pensar, os mantém a margem da Política de Educação Permanente, tal como prevista pelo Sistema Único de Saúde, a qual prevê que *a análise coletiva dos processos de trabalho permite a identificação dos “nós críticos”*, assim como a construção de estratégias que articulem as políticas gerais com as especificidades de cada local<sup>290</sup>. Falamos disso, reiterando a fala dos trabalhadores que mencionam e percebem, além da inexistência de um programa de capacitações, as fraturas entre as análises que empreendem em seu cotidiano de trabalho, com as políticas de saúde mental.

#### Dúvida

A reforma já terminou?

Por essa via, é que a rede - e as articulações que esta tende a imbricar entre a atenção e a gestão da saúde-, enuncia e faz comunicar uma série disjuntiva entre as legislações e os fazeres. Falamos disso, pois, as análises

---

<sup>289</sup> Zambenedetti & Neves, 2008, p. 146.

<sup>290</sup> Ministério da Saúde, 2009, p. 251.

que envolvem esse tema expressam-se também por suspensões e silêncios, o que pensamos serem linhas de visibilidade diante dos desafios que envolvem a integração de tal rede<sup>291</sup>.

Ainda assim e sob rumores, pensamos que a partir das análises realizadas se tece um plano de singularidades acerca do que se passa, no mínimo, entre-dois: entre produção e venda de panos de pratos, entre a Oficina e o Ateliê, entre a atenção e a gestão da saúde mental, entre as proposições dessa pesquisa e a Política de Educação Permanente. Acessa-se um virtual, atualizando em imagem e em falas uma matéria expressiva que clama por um entre-dois, diante do que buscamos, em conjunto com os trabalhadores, extrair a potência disjuntiva de uma enunciação coletiva.

### **Entre tempos: expectativas, cotidiano e carreira**

Eis que surge a temática do tempo, entre as análises da atividade. Estas aparecem a partir de expectativas diante dos pacientes, de um cotidiano que se repete e se diferencia e da carreira de trabalho no Hospital. Falamos de enunciados coletivos que tentam nomear as dimensões do tempo: aquele que almeja um futuro; aquele que faz disjunção diante das inapreensíveis intensidades do trabalhar; aquele que parte de uma cronologia de estada no São Pedro, para pensar o vaivém da vida profissional. Reunimos aqui essa pequena coleção de tempos, ainda que tenham sido analisados por instantes, fizeram eco em um ou outro trabalhador.

Assim, como marca de um entretempo, temos uma fotografia de uma parede na qual ainda se vê os rastros da 3ª Bienal<sup>292</sup>. Ainda ressoante, as palavras remanescentes de Clarice Lispector são entoadas:

*Desenrolo-me apenas  
no atual, falo hoje –  
não ontem nem  
amanhã*

---

<sup>291</sup> Zambenedetti & Neves, 2008, p. 146.

<sup>292</sup> EXPOSIÇÃO: Eu sou Você. Acesso em 26 jun. 2011. <<http://www.eusouvoce.com.br/>>

São palavras que povoam silenciosamente muitas das paredes da Oficina e do Ateliê. São articuladas também à fotografia de um passarinho que frequenta cotidianamente uma das janelas. Trata-se de uma afirmação de um cotidiano que precisa ser pensado a cada dia, diante do que se sucede, sob as forças das intempéries, do trabalho com os pacientes, e do propósito de fazer deste encontro algo importante. Os trabalhadores analisam por essa via aquilo que se faz a cada dia, entre as marcas da visita de um passarinho e as novidades que surgem.

Acerca de um tempo que espreita um futuro, temos as expectativas investidas no encontro com os pacientes-moradores, as quais são trazidas como elementos concernentes àquilo que não se realiza no curso da atividade. Ao mostrar as fotos, a narração prossegue:

*A gente prepara uma festinha, faz decoração, e os pacientes nem percebem. Sentam quietos, chegam a dormir no decorrer da festa, alguns se interessam apenas pela comida.*

Diante disso os trabalhadores analisam as diferenças entre as expectativas de quem trabalha daquelas dos pacientes que, sobretudo, por estarem nesta condição tem, muitas vezes, dificuldades de responder ao que é proposto. Cerceando um futuro, a partir de desejo de que se divirtam na festinha, que se envolvam com o clima primaveril, cai-se em desilusão.

Os gestos e falas embotados já espreitam o risco de que a festança não aconteça como o esperado. As imagens - precisamos dizer- surgem quase desbotadas frente às tintas envelhecidas, diante da qual o corpo de um paciente parece compor-se aos musgos que se tornam paisagem; em outra, sob a mesma paisagem anterior, vemos duas cadeiras vazias e destoantes, e um sol de papel - decoração que fora reimplantada para a produção da imagem. Contudo, a festa acontece, de algum modo, conforme o que cada qual pode realizar no encontro. Os trabalhadores fazem, a partir destas análises, a proposição de que se fique mais atento ao que os pacientes se interessam, desejam. Com isso, pensamos que o coletivo de trabalho aponta que a expectativa fixara-se na representação acerca do que concerne uma festa segundo a perspectiva do trabalhador.

A minha foto saiu tremida, mas preferi deixar assim, porque foi como aconteceu.

Por essa via, propõem que se atente para os gestos, o que nos remete à insistente tentativa de repousarmos sob o instante presente, ali onde as coisas estão indiscerníveis, estão por serem criadas. Ao mesmo tempo, não podemos deixar de mencionar a força que essas desilusões cotidianas engendram nos modos de trabalhar, sobretudo, por uma reiteração das formas.

Arrasta mundos, que não dá fundo.

Pensamos que são, literalmente, paisagens territorializadas, diante das quais se faz necessário ultrapassar a ideia de que existam *qualidades intrínsecas*, para captar - a partir daquele que escuta- *um estado de forças*, linhas em desterritorialização<sup>293</sup>.

Outras imagens são produzidas como se pretendessem estabelecer uma linha do tempo desde a época de chegada no Hospital, a passagem pela Gerência de Recursos Humanos (GRH) e algumas atividades com os pacientes. As narrações tramam-se de percepções acerca da carreira e da aposentadoria. Surgem discursos de entusiasmo frente ao trabalho com os pacientes, ao mesmo tempo em que aparecem falas que expressam que na finalização da carreira as contribuições que se poderia dar já foram dadas. Diante disso, os trabalhadores passam a discutir a respeito de um trabalho que se repete e que se diferencia no curso do tempo. Tal análise cria tensões entre os modos como cada trabalhador produz sentidos acerca das dramáticas de trabalho que lhe concernem. Como o que conta não são as contradições, mas o regime de enunciação<sup>294</sup> que se dá nesses momentos de análise da atividade, não pretendemos chegar a um dos pólos. Justamente, porque pensamos que a tensão afirma a presença do tempo como um componente territorial que alimenta as avaliações pressupostas que concernem ao gênero (multi)profissional, seja em quaisquer de suas linhas – cuidado, expressão e a transversal clínica.

Esta tensão nos faz vislumbrar que a discussão que fomos realizando, sobretudo, acerca das situações de trabalho, entre o que se torna hábito e o que se mantém aberto a novas contemplações é analisada pelo próprio coletivo de trabalho. Com seus saberes

---

<sup>293</sup> Deleuze & Guattari, 1997a, p. 168.

<sup>294</sup> Deleuze, 1990.

investidos nos fazeres, analisam as variações do tempo a partir de uma proposição que visava tornar visíveis as dramáticas que se dão diante do real da atividade.

## Intervalo

No quarto encontro com os trabalhadores da Oficina e do Ateliê, surge uma fala para que continuem encontrando-se. Chegam a propor outras modalidades expressivas para seguirem falando sobre seus fazeres, como exemplo, propõem que poderiam encenar as situações de trabalho, nas quais cada um viveria a si mesmo.

Fico deslumbrada com  
cada movimento de  
pensamento.

Pensamos que tal proposição decorre de uma fissura que se criou no tempo entre os movimentos que envolveram, sobretudo, a produção de modos de ver e falar, através do que pudemos acompanhar as atuações de um coletivo de trabalho, o qual percebe a potência do falso e de sua proliferação. Isso pois, criar uma cena, em que se poderia suspender o estatuto de verdade, apostando que o outro perceberia como algo simulado, propõe, por essa via, um esfumaçamento do que é verdadeiro e falso, tornando-os indiscerníveis. Deflagra-se, com isso, a *coexistência de passados, não são necessariamente verdadeiros*<sup>295</sup>, tomando as situações-instante, em que se percebe os movimentos do pensamento, como afirmação do falso que cria, atualiza.

Mais ainda, pensamos que o coletivo de trabalho percebe que nessas fronteiras entre criação de uma cena (seja através de quaisquer modalidades expressivas) e os componentes territoriais, acerca dos quais se gostaria de falar, imbrica-se os modos de fazer falar aquilo que muitas vezes é silenciado. Tal dimensão propositiva amplifica também as estilizações do gênero de trabalho através das histórias que passariam de um aspecto *ordinário* para se transformarem em invenções *extraordinárias*<sup>296</sup>.

A partir disso, nos perguntamos: que efeitos teriam esses pensamentos-

---

<sup>295</sup> Machado, 2010, p.285.

<sup>296</sup> Amador, 2011.



proposições nos processos de gestão do trabalho no Hospital e vice-versa? Já sendo algo proliferante - o ato de pensar-, essas proposições ficam no ar, e parecem dizer de um jogo em que o trabalho vislumbra possibilidades de já se pensar-agir, a qualquer instante.

Por fim, eles se propõem a seguir realizando encontros para fazer, não exatamente uma reunião, mas para ir para o Ateliê, fazer um trabalho de produção artística juntos. Destinam um tempo cronológico para experimentar as flutuações de um tempo intensivo. Começam a surgir várias propostas sobre as modalidades a serem utilizadas, por exemplo, argila, pintura, costura, bordados, diante dos quais sempre alguém se interpunha, por preferir outro material. Então, alguém questiona: é preciso fazer a mesma coisa? Acordam em acolher as diferenças.

Nesses instantes sentimos como se não estivéssemos mais ali, enquanto os trabalhadores combinam que darão prosseguimento aos encontros, assistindo o filme *Montanhas Azuis ou uma História Inacreditável*<sup>297</sup>, que trata da burocracia. Depois, somos convidados para participar, diante do que uma trabalhadora acrescenta que em nosso retorno se poderá ver se os encontros tiveram algum efeito. Pensamos que as linhas desterritorializantes se entrecruzam para todos os lados, não deixando de reterritorializar as terras que almejam um futuro, o qual é posto em um resultado externo as singularidades de quem vive aquele trabalho. São as inteligibilidades que saltam, pedindo um chão para o eterno repouso. Contudo, este não virá, senão de um coletivo de trabalho de que são imanentes, e através do que não poderão prescindir de rachar o cronológico, por instantes-efeitos, e só. Diante de tal questão que nos foi proposta, retomamos o dia em que ao apresentarmos a proposta de pesquisa, nos perguntaram se isso valeria *ponto para nossos estudos*. Enquanto ensaiávamos uma resposta dizendo que de alguma forma valeria, mas que eles também tinham outros ganhos nesse processo, uma pessoa interrompe dizendo que eles já tinham o ganho de estarem reunidos naquele momento.

Com isso, vemos circular dinamismos espaço-temporais que apontam já nos primeiros encontros, com as duas equipes de trabalhadores, de que o futuro está no instante. Da mesma forma, o intervalo de análise coletiva da atividade parece virar outro

---

<sup>297</sup> Shengelaya, 1983.

plano, em que os efeitos já se dão no presente, por essa via de uma organização e disposição a seguirem se encontrando. Ainda que um cotidiano passe a interpelar por outras veredas, pensamos que ver um filme junto, dando prosseguimento aos encontros, recria as funções do coletivo, operando uma outra dimensionalidade<sup>298</sup> para tal território existencial. Um comum pede por mais, naquele instante, até quando puderem e, pedirem outra coisa.

### **Um riso**

Como epílogo para as dramatizações analisadas coletivamente, os percursos burocráticos de um escritor, que busca autorizações para a impressão de seu livro, cujo título é homônimo ao já mencionado filme, causa recorrentes risadas. São gestos quase imperceptíveis ao nosso humor. Ainda assim, as risadas se proliferaram diante das cenas com fazeres repetitivos, acerca das quais pudemos supor um encontro entre planos que se entrecruzam, atualizando indiscernibilidades de outrora. Estas seguem, mas já seriam outros dramas.

---

<sup>298</sup> Deleuze & Guattari, 1997a, p. 121.

## ENTRADAS E SAÍDAS'

*Ao lado do poder, há sempre a potência. Ao lado da dominação, há sempre a insubordinação. E trata-se de escavar e ainda de escavar a partir do ponto mais baixo: esse ponto não é a prisão como tal; é simplesmente lá, onde as pessoas sofrem, onde são as mais pobres e as mais exploradas; onde as linguagens e os sentidos estão mais separados de todo e qualquer poder de ação e onde, no entanto, eles existem; porque tudo isso é vida e não a morte.<sup>299</sup>*

---

<sup>299</sup> Negri, 2001, p. 54.

Não vemos o fim, é só meio. Seguimos sob efeitos de muitas territorializações que prosseguem e fazem os modos de trabalhar claudicarem em um espaço-tempo que não cessa de atualizar-se, ainda que, em muitos momentos, as inteligibilidades mantenham suas forças de tudo logo representar.

É preciso dizer, redizer, predizer algo que se torna visível a nós com esse percurso, neste instante em que pensamos nas palavras do presente: *nos tornamos perseguidores de intensidades e indiscernibilidades*. As intensidades que nos povoam criam formas de existência justamente nesse veio em que as indiscernibilidades nos forçam a pensar e agir, ou ainda - também é preciso considerar-, nos deixam pasmos e habituados. Rastejantes e desvairados entre tantos efeitos que nos sucedem, trazemos apostas colhidas em terras-rastro, as quais nos fazem pensar em dramáticas que não podem calar.

Entre muitos indiscerníveis, somos frequentemente tomados pelas linhas expressivas que marcam o rosto daquela paciente que fora fotografada com a intenção de que se efetuasse o registro de um momento de felicidade. Esta, como instante, não se deixa ver, ou tal felicidade talvez se reiterasse com maior vigor diante de um cigarro ganhado, do que diante de um trabalhador que a fotografa. Ou ainda, não seria esta uma expressão tornada hábito em que feliz-triste se tornam quase imperceptíveis? Assim, perseguimos os modos de fazer ver e fazer falar, não somente pelas linhas expressivas, mas pelas dobras de pele que se amontoam, dando-nos a percepção rápida de que se trata de uma linha. Estas não são marcas indiciárias de uma vida qualquer, pois têm naquelas rugas os vincos que sorriram e choraram entre e através dos anos de asilamento. Tal fato, nos pede que o reiteremos constantemente.

Entre outras intensidades temos uma visionária imagem que marca as pretensões de organizar um corredor para expor os trabalhos dos pacientes. Trata-se de uma produção que não chega a grudar em outras, compondo fazeres de um coletivo de trabalho. Ainda assim, isso nos faz pensar no olho que já não olha o que lhe olha, esquecendo as marcas arquitetônicas que flagram as ruínas do concreto. Parece-nos instigante, nesse caso, pensar - mais do que no possível olhar habituado-, no abandono que o olho-pensamento opera diante de tal corredor, o qual teria em si a potência de se tornar exposição das precariedades e dos *não-cuidados* que nele agem. Isso, pois o pensar age em favor de um algo mais,

Dói atormentar os buracos na parede.

o qual, talvez, possa trazer alguma alegria para aqueles pacientes que se interessam em dar a seus trabalhos uns dias a mais de frescor, diante de um expectador em si. Mesmo que apenas no âmbito do hospital, os gestos do trabalhador, por essa via, se deixam levar pelo sonho de solavancar uma circulação visual para aquelas pinceladas de tinta, diante das quais seu acompanhar se faz testemunha da vida que ali insiste.

Com isso, é que reiteramos que nosso pesquisar busca acossar as formas, hábitos e inteligibilidades, sobretudo, quando estas são tomadas como questão pelos trabalhadores, em seus movimentos de pensamento-ação. O plano problemático aqui tramado insiste em situar-se no presente, com vistas a fazer proliferar a potência clínica de uma memória coletiva do trabalho, que envolve os dinamismos entre um gênero profissional e as estilizações que dele decorrem<sup>300</sup>. Isso, pois ao captar dessa memória os meios de ação em situação, o trabalhador não deixa de acessar virtualidades que surgem através das intensidades que engendram os modos de vida entre trabalhadores e usuários, nas tramas do hospital. Nessas operações repletas de vaivens, as disjunções entre um trabalho previsto e um real da atividade é que compõem e agem em um plano intensivo das forças do mundo em nós.

Por essa via, pensamos que nosso pesquisar, amplificou algumas vias de análise da atividade empreendida pelos trabalhadores, os quais fizeram desse processo instrumento sutil para *a ação dos próprios coletivos de trabalho*<sup>301</sup>. Com isso, pensamos que percorremos um plano comum que se constituiu bifurcado, fragmentado, hesitante, galopante diante do qual nos tornamos testemunha de gestos e palavras, que expressam velocidades e movimentos imbricados em linhas de territorialização. Falamos, desse modo, dos exercícios de pensamento que mais do que engendrar a escrita dessa pesquisa, seguem *contra-efetuando-se*, ou seja, desdobrando-se sob o instante presente em passado-futuro, sob esse território existencial<sup>302</sup>.

Contudo, faz-se pertinente insistir nas problematizações que envolvem aspectos arquitetônicos que apontam para as condições de trabalho que, muitas vezes, se tornam

---

<sup>300</sup> Clot, 2010b, p. 123.

<sup>301</sup> Idem, p. 117.

<sup>302</sup> Deleuze, 1998, p. 154.

prementes e primeiras em relação ao fazeres a que se destinam ambos os espaços. Da mesma forma, temos a discussão acerca da rede de saúde mental e dos espaços de formação no trabalho, que expressam uma desarticulação frente à Política de Educação Permanente<sup>303</sup>. Esta, quando produzida na intersecção entre educação e trabalho e realizada pelas equipes, articularia um plano em que as disjunções estariam sob instantes potenciais, visando, desse modo, a construção das estratégias para o desenvolvimento das políticas de saúde. Falamos de um desenvolvimento desembrulhado pelos dinamismos espaço-temporais, através dos quais também ocorrem capturas que podem fazer os modos de trabalhar recaírem sob os mesmos efeitos de inteligibilidades de uma loucura há muito enclausurada.

Acerca disso, tomamos o que propõe Clot a respeito da apropriação de um gênero da atividade, em que *o não domínio do gênero e suas variantes impede a elaboração do estilo*<sup>304</sup>. Trazemos isso, a fim de pensar se não seriam estas as vias efetuadas por um retrógrado movimento que mantém a repetição do mesmo. Isso, pois a mesma máquina abstrata que produz denominações do tipo *alcunhas* para os pacientes parece manter os trabalhadores *desnomeados* como agentes de um fazer político. Dessa forma, tendem a permanecer aquém de uma política que propõe que os próprios coletivos pensem seu fazer, engendrados em articulações com uma rede de saúde. Trata-se ainda de traços de isolamento, através do qual as notícias de um mundo extramuros ainda chegam esparsas. Falamos, desse modo, de um gênero da atividade, que imbricado nos movimentos de desinstitucionalização da loucura, através das diretrizes de tal política, está em vias de construção, mas precisa reterritorializar e habitar um comum no território das práticas de saúde mental. Por essa via é que podemos produzir estilizações desse fazer, ou seja, através de um coletivo de trabalho que as sustente, ao mesmo tempo em que invente novos modos de pensar-agir. Trazemos tal problematização arrastados pelas vias macropolíticas, as quais implicam, no mínimo, na promoção e divulgação das diretrizes de trabalho, as quais se fazem necessárias para expandir as contemplações que possam advir diante de fazeres minoritários que as encontram. Ainda assim, como já mencionamos, o pensar e agir, mesmo nessa trama precária, pode dar a ver suas vias de estilizações, as quais se aproximam e se distanciam

---

<sup>303</sup> Conforme mencionamos (Ministério da Saúde, 2009, p. 251).

<sup>304</sup> Clot, 2010b, p. 126.

do movimento de desinstitucionalização da loucura, em um jogo incessante e, muitas vezes, imperceptível.

Por essa via, os modos de trabalhar na Oficina e no Ateliê estão, como vimos, imbricados nesses aspectos, contudo presumimos que se refiram também a outros espaços de trabalho do Hospital, em sua desarticulação com uma rede de saúde mental que vêm constituindo-se sob um *movimento de desinstitucionalização*. Este, almeja a constituição de uma rede *capaz de responder a complexificação do sujeito*<sup>305</sup>, através de serviços de saúde substitutivos e não complementares aos modos de tratar e trabalhar com a loucura.

Como captar linhas de desterritorialização, senão através de gestos e palavras quase imperceptíveis?

Diante desses movimentos que percorremos, pensamos que as dramáticas do trabalho com a loucura não cessam de arrastar paradoxos. Isso, pois ao concordarmos que os componentes territoriais que se apresentam mantêm muitos dos hábitos descolados de um exercício de pensar-agir no instante presente e diante das complexidades dos sujeitos, temos vidas que trabalham, moram e se tratam, sob as quais se faz necessário dar condições para que se reterritorializem. Falamos, desse modo, das sutilezas necessárias para a articulação de uma rede de saúde mental, que se mantenha vivaz e atenta aos ritmos operados e insistentes da representação do mesmo, com vistas que, através das indiscernibilidades do viver e do real da atividade, se possa expandir os modos de trabalhar em saúde mental.

Tais questões também nos fazem pensar nas linhas problemáticas que têm pautado a divisão das modalidades expressivas e dos pacientes entre os espaços da Oficina e do Ateliê. Entre tais linhas, podemos apontar aquela que envolve o relato acerca de uma paciente que tem demonstrado interesse em aprender novas técnicas e em vender seus trabalhos. E, nos parece pertinente dizer, deflagra em si uma inquietude, uma história nova para contar, e, muitas vezes, não tão nova, mas insistente. Com isso, ela passa a transitar entre os dois espaços, o que nos sugere uma concessão atribuída sob um componente individual, o que não chega a problematizar os modos de trabalhar que por essa via se mantêm bifurcados.

---

<sup>305</sup> Zambenedetti & Silva, 2008, p. 146.

Outra linha que afirma a divisão do trabalho pauta-se na justificativa de que alguns pacientes não toleram estar em um ambiente em que os outros ficam *fora da casinha*. Por essa via, apontam que se torna mais trabalhoso *misturar as pessoas* dos dois espaços, ao mesmo tempo em que surge como questão ressoante: *será que não estamos reproduzindo as diferenças e a segregação quando acordamos, através das expressões de preconceito de um paciente com o outro, que a divisão é necessária?* Esta é uma questão que envolve a organização do trabalho e que não chegou a ser desdobrada pelo coletivo de análise, diante do que nos aventuramos a perguntar: como captar os gestos ínfimos acerca do que cada paciente pode? Tal bifurcação do Ateliê se dá para escapar às capturas de uma máquina abstrata que vem engolfando modos de vida? Assumimos por essa via nossa tendência em pautar a divisão do trabalho entre a Oficina e o Ateliê, pensando no que se sucede por transdução entre enunciados que tornam tal questão inquietante. Isso nos faz propor que esses aspectos sigam sendo analisados pelo coletivo de trabalhadores dos dois espaços.

Mais um componente que nos parece pertinente destacar é a discussão que fazemos acerca do gênero (multi)profissional com suas linhas de cuidado, de expressão e de clínica. Pensamos que tais problematizações tendem a contribuir e ampliar o campo das clínicas do trabalho, desde a perspectiva de uma clínica da atividade guiada por gestos e palavras ínfimos que expressam lampejos de pensamento-ação. Isso, pois pensamos que tal processualidade fomenta a discussão operada no trabalho das equipes de saúde, tendo em vista que estas se compõem com profissionais de diferentes formações, os quais enfrentam um real da atividade que lhes é comum. Diante disso, nos interrogamos, sem termos avançado em nossas problematizações acerca dessa questão, se a estilização de um gênero multiprofissional envolveria a possibilidade de pensar um trabalho transdisciplinar. Ou seja, implicado em um fazer em que as disciplinas seriam estilizadas, não apenas por aqueles que delas se nutrem, mas a partir das diferenças surgidas entre as diversas profissões.

Com isso e entre entradas e saídas, reiteramos o quão delicado se faz tomar as intensidades que surgem ao trabalhar-pesquisar, tendo em vista que estando nesse entre também nos inebriamos, silenciemos, e nos vemos em vertigem. Escrevemos, ainda que se diga de um coletivo, suportando um inacabamento das nossas possibilidades de ação, tão próprio quando assumimos que estamos no meio do que passa e em composição



com outros meios de vida. Trata-se, ainda e insistentemente, de afirmar a diferença como operação produzida nas vizinhanças, em suas linhas tênues de produção de saúde que, por essa via, envolvem tanto pacientes quanto trabalhadores – incluindo os pesquisadores. Isso, pois as forças territoriais, nessa nossa experimentação, os tornam movimentos e velocidades indissociáveis.

## Referências

AMADOR, Fernanda Spanier. **Entre prisões da imagem, imagens da prisão**: um dispositivo tecno-poético para uma clínica do trabalho. Tese (Doutorado). Orient. Tania Mara Galli Fonseca. Programa de Pós-graduação em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009a.

\_\_\_\_\_. Análise da Atividade como dispositivo clínico-institucional nas práticas em saúde mental. In: **XV Encontro Nacional da ABRAPSO**: psicologia social e políticas da existência - fronteiras e conflitos. Maceió, 2009b.

\_\_\_\_\_. Parecer sobre proposta de dissertação de Vera Lúcia Inácio de Souza, intitulada “Entre intensidades do trabalhar: pesquisa-clínica-da-atividade com coletivos de trabalhadores da Oficina de criatividade e Ateliê de Artes do Hospital Psiquiátrico São Pedro”. In: **Arquivos do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional**, 2011.

AVILA, Maria de Fátima Lima de. **O sentido-resistência da oficina de criatividade em um contexto manicomial**. Dissertação (Mestrado). Orient. Tania Mara Galli Fonseca. Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BORGES, Jorge Luis. Do Rigor da Ciência. In: **O Fazedor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BOTECHIA, Fabíola Ribeiro; ATHAYDE, Milton Raimundo Cidreira de. Conversas sobre o trabalho sob o ponto de vista da atividade: algumas abordagens metodológicas. In: Maria Elizabeth Barros de Barros; Ana Lúcia Coelho Heckert; Lílian Margotto (Org.). **Trabalho e saúde do professor**: cartografias no percurso. V. 01, p. 43-70, Belo Horizonte - MG: Autêntica, 2008.

BRASIL. **Lei nº 10.216**: dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. De 6 de abril de 2001. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/LEIS\\_2001/L10216.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LEIS_2001/L10216.htm)>. Acesso em 26 jun. 2011.

CHEUICHE, Edson Medeiros. **Fragmentos históricos do HPSP**. Disponível em: <<http://www.saude.rs.gov.br/wsa/portal/index.jsp?menu=organograma&cod=5365>>. Acesso em 19 jan. 2012.

CLOT, Yves. **Clínica da atividade e repetição**. Disponível em:

<http://www.pqv.unifesp.br/ClinicadaAtividadeeRepeticaoYvesClot.pdf>. 2002.

\_\_\_\_\_. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. A psicologia do trabalho na França e a perspectiva da clínica da atividade. Conferência proferida em 18/09/2007 e posteriormente publicada. Em **Fractal: Revista de Psicologia**. V. 22, n. 1, p. 207-234, Jan/Abr. 2010a.

\_\_\_\_\_. **Trabalho e poder de agir**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010b.

CORPO, ARTE E CLÍNICA. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/corpoarteclinica/>> Acesso em 26 jun. 2011.

CORTES, Sérgio Tadeu Vargas. **Certidão de nascimento: instrumento indispensável para o resgate à identidade e à cidadania dos usuários do Hospital Psiquiátrico São Pedro**. Texto não publicado. 2002

DELEUZE, Gilles. **A Imagem-movimento: Cinema 1**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. Que és un dispositivo? In: **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990.

\_\_\_\_\_. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_. **Crítica e Clínica**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

\_\_\_\_\_. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

\_\_\_\_\_. Método da dramatização. In: **A ilha deserta - e outros textos**. São Paulo: Iluminuras, 2010.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs 1**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs 3**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs 4**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997a.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs 5**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997b.

DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Uma poética da pesquisa. In: **Mnemosine**, vol. 3, n. 2, p. 121-136, 2007.

EXPOSIÇÃO: **Eu sou Você**. Disponível em: <<http://www.eusouvoce.com.br/>> Acesso em 26 jun. 2011.

EXPOSIÇÃO: **Tapete Voa-dor**. Coordenado por Bárbara Neubarth. Vídeo anexo a tese da mesma, e também na Biblioteca Digital da UFRGS. Catálogo UFRGS - Acesso Externo

EXPOSIÇÃO: **Três Mundos**. Curadoria de Sérgio Dório. Disponível em: <http://guiabuena.com.br/noticias/oficina-de-criatividade-do-hpsp-abre-exposio-nesta-quarta-feira>, Acesso em 25 jun. 2011. 2010.

FONSECA, Tania Mara Galli; KIRST, Patrícia Gomes; OLIVEIRA, Andréia Machado; D'AVILA, Maria Fátima; MARSILAC, Ana Lúcia Mandelli. Pesquisa e acontecimento: o toque no impensado. **Psicol. estud.** vol.11 no.3. Maringá, Sept./Dec. 2006.

FONSECA, Tania Mara Galli. Vidas do fora e a escrita de um mundo incontável. In: Luciano Bedin da Costa; Tania Mara Galli Fonseca (Orgs). **Vidas do Fora**: habitantes do silêncio. Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS, 2010.

FONSECA, Tania Mara Galli & KIRST, Patrícia Gomes. O desejo de mundo: um olhar sobre a clínica. In: **Psicol. Soc.** vol.16 no. 3. Porto Alegre, Sept./Dec. 2004.

FOUCAULT, Michel. **O que é a crítica?** Crítica e *Aufklärung*. Tradução por Gabriela Lafeté Borges, de "Qu'est-ce que la critique? Critique et *Aufklärung*". Bulletin de la Société Française de Philosophie, Vol. 82, nº 2, pp. 35 - 63, avr/juin 1990. Disponível em: <http://filoesco.unb.br/foucault/biblio.html>>. Acesso em: 30 jun. 2011.

\_\_\_\_\_. An Interview with Stephen Riggins. In: **Dits et Écrits Vol. IV**, pp. 525-538. Tradução por Wanderson Flor do Nascimento. Paris: Gallimard, 1994.

\_\_\_\_\_. A vida dos homens infames. In: Manoel Barros da Motta (Org.). **Ditos e Escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FRANCISCONI, Lydia. **O sol que gira**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

FUNDAÇÃO BIENAL DO MERCOSUL - 3ª Mostra. Acesso em 26 jun. 2011. [http://www.bienalmercosul.art.br/novo/index.php?option=com\\_bienal\\_anterior&task=detalhe&id=21&Itemid=1300&id\\_bienal=-1&menu\\_image=-1](http://www.bienalmercosul.art.br/novo/index.php?option=com_bienal_anterior&task=detalhe&id=21&Itemid=1300&id_bienal=-1&menu_image=-1)>

FURTADO, Sylvia Beatriz Bezerra. Imagem-intensidade em Sokurov. In: **Nietzsche/Deleuze**: imagem, literatura, educação: Simpósio Internacional de Filosofia. Daniel Lins(Org.). Fortaleza, 2005.

GARAVELO, Leonardo Martins Costa. Fotografias. Em 07 mar. de 2012.

GUILLIER, Danielle. Comentando as noções de "implicação e transdução" de René Lourau. **Revista do Departamento de Psicologia- UFF, V.16** – Nº2, p.11-16, jul/dez, 2004.

HARTMANN, Sara. Correspondências pessoais. In: **Arquivo pessoal**. Não publicado. 2012.

\_\_\_\_\_. Armarinho e bordaduras. In: **Vidas do Fora**: habitantes do silêncio. Luciano Bedin da Costa; Tania Mara Galli Fonseca (Org.). Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS, 2010.

\_\_\_\_\_. **Vida por um fio de escrita**. Dissertação (Mestrado). Orient. Tania Mara Galli Fonseca. Programa de Pós-Graduação de Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

HOSPITAL PSIQUIATRICO SAO PEDRO, Comitê de Ética em Pesquisa. Parecer referente ao projeto de pesquisa intitulado “Trabalho em saúde mental: pesquisa-clínica-da-atividade com coletivo de trabalhadores da Oficina de Criatividade do Núcleo de Atividades Expressivas Nise da Silveira do Hospital Psiquiátrico São Pedro”, nº 11029, 2011.

HOSPITAL PSIQUIATRICO SAO PEDRO. Diários de trabalho de enfermeiras. Em: Arquivos do Memorial da Loucura do HPSP, 1970.

INACIO-SOUZA, Vera Lúcia; HARTMANN, Sara; BRITES, Blanca. Rizomas da Loucura: o Acervo da Oficina de Criatividade do HPSP (2ª edição). In: **Anais do IX Salão de Extensão da UFRGS**. IX Salão de Extensão da UFRGS. Porto Alegre, 2008.

INACIO-SOUZA, Vera Lúcia et al. **Projeto Catalogar para não Esquecer**: o acervo da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Porto Alegre, 2008.

KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo**: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LAZZAROTTO, Gislei Domingas. Parecer sobre proposta de dissertação de Vera Lúcia Inácio de Souza, intitulada “Entre intensidades do trabalhar: pesquisa-clínica-da-atividade com coletivos de trabalhadores da Oficina de criatividade e Ateliê de Artes do Hospital Psiquiátrico São Pedro”. In: **Arquivos do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional**, 2011.

MACHADO, Roberto. Deleuze sem hermetismos. In: **Cadernos de Subjetividade, número especial**. São Paulo, jun. 1996, pp. 239-243.

\_\_\_\_\_. **Deleuze, a arte a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

MAIRESSE, Denise; FONSECA, Tania Mara Galli. Dizer, escutar, escrever: redes de tradução impressas na arte de cartografar. In: **Psicol. Estud., Maringá, v.7**, n. 2, Dec., 2002.

MAURENTE, Vanessa Soares; MARASCHIN, Cleci; BIAZUS, Maria Cristina Villanova. Modulações de acoplamento tecnológico como estratégia de pesquisa e intervenção. In: **Educação & realidade, Vol. 34**, n. 1 (jan./abr. 2009), p. 103-121 : il.

METAL TCHÊ: Disponível em: <<http://smsbes-sls.blogspot.com/p/datas-da-saude-janeiro-02.html>> Acesso em 25 jun 2011

MINISTÉRIO DA SAÚDE DO BRASIL, 2004. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Residências terapêuticas**: o que são, para que servem. Brasília: Ministério da Saúde. Disponível em: <

<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/120.pdf> >. Acesso em 26 jun. 2011.

\_\_\_\_\_. **O SUS de A a Z** – Garantindo Saúde nos Municípios. Brasília, 2009.

Disponível em: [http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/sus\\_3edicao\\_completo.pdf](http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/sus_3edicao_completo.pdf)

Acesso em: 29 fev. 2012.

MUSEU DA LOUCURA DO HOSPITAL PSIQUIÁTRICO SÃO PEDRO. Disponível em: <<http://1regiao.wordpress.com/xi-mostra-conjunta-de-museus/corredor-2/>> Acesso em 27 jun. 2011.

NEUBARTH, Barbara Elisabeth. **No fim da linha do bonde, um tapete voa-dor:** a Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro (1990-2008): inventário de uma práxis. Tese (Doutorado). Orient. Maria Nestrovsky Folberg. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

\_\_\_\_\_. Vassouras e pincéis: fundando novos lugares. In: **Vidas do Fora:** habitantes do silêncio. Luciano Bedin da Costa; Tania Mara Galli Fonseca. (Org.). Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS, 2010.

NEGRI, Toni. **Exílio - seguido de Valor e Afeto.** São Paulo: Iluminuras, 2001.

OSÓRIO, Cláudia. Experimentando a fotografia como ferramenta de análise da atividade de trabalho. In: **Informática na Educação - teoria e prática, Vol. 13,** n. 1, pág. 41-49. Porto Alegre, jan/jun. 2010.

PALOMBINI, Analice de Lima; BARBOZA, Rita Pereira; FICK, Tanise Kettermann; BINKOWSKI, Gabriel Inticher. A escrita como cuidado de si : um oficina com trabalhadores de saúde mental. In: *Psicanálise e intervenções sociais.* Porto Alegre: APPOA, p.184-198, 2011.

PALUDO, Ticiano. **Ninfas da Loucura,** - Instalação Sonora – 3ª Bienal do MERCOSUL.. Disponível em: <<http://www.pontowav.com.br/hotsite/TicianoPaludo.php> > Acesso em 26 jun. 2011

PASSOS, Eduardo & BENEVIDES, Regina. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: Eduardo Passos; Virgínia Kastrup; Liliana Escossia (Org.). **Pistas do Método da Cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

PELBART, Peter Pál. **O tempo não-reconciliado:** imagens de tempo em Deleuze. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1998.

PIANTINO, Oberdan Porto Leal. **Porões da Mente:** encontro de olhares e relatos nos locais de memória do Hospital Psiquiátrico São Pedro. (Monografia). Centro de Artes/Departamento de Design da Universidade Estadual de Santa Catarina. Florianópolis, 2008. Disponível em: <http://www.pergamum.udesc.br/dados->

[bu/000000/000000000009/000009F1.pdf](http://www.intermidias.com/txt/ed8/De.pdf) >. Acesso em 26 jun. 2011.

RANCIÈRE, Jacques. De uma imagem à outra? Deleuze e as eras do cinema. Tradução por Luiz Felipe G. Soares. In: \_\_\_\_\_. **La fable cinématographique**. Paris: Le Seuil, 2001. Disponível em: <<http://www.intermidias.com/txt/ed8/De.pdf>>.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

\_\_\_\_\_. Palestra proferida no concurso para o cargo de Professor Titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, realizado em 23 jun 1993. **Cadernos de Subjetividade, v.1 n.2**: 241-251. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduated de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993.

\_\_\_\_\_. Despedir-se do absoluto. In: **Cadernos de Subjetividade, número especial**. São Paulo, jun 1996. pp. 244-256.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Fugir do próprio rosto. In: Margareth Rago; Alfredo Veiga-Neto (Org.). **Figuras de Foucault v. 1**, p. 87-96. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SCHWARTZ, Yves. A comunidade científica ampliada e o regime de produção de saberes. In: **Trabalho & Educação, nº 7**. Belo Horizonte: jul/dez, 2000a.

\_\_\_\_\_. Trabalho e uso de si. In: **Pro-posições, vol. 1**, n. 5(32), julho, 2000b.

\_\_\_\_\_. Trabalho e saber. In: **Revista do NETE, vol.13**, n.1, jan/jun, 2003.

SHENGELAYA, Eldar. **Montanhas Azuis ou uma História Inacreditável**. (filme). Geórgia: 1983.

SILVA, Rosane Azevedo Neves da. Parecer sobre proposta de dissertação de Vera Lúcia Inácio de Souza, intitulada “Entre intensidades do trabalhar: pesquisa-clínica-da-atividade com coletivos de trabalhadores da Oficina de criatividade e Ateliê de Artes do Hospital Psiquiátrico São Pedro”. In: **Arquivos do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional**, 2011.

TEIXEIRA, Danielle Vasconcelos; BARROS, Maria Elizabeth de Barros. Clínica da atividade e cartografia: construindo metodologias de análise do trabalho. In: **Psicol. Soc. vol. 21** no.1. Florianópolis: jan./abr. 2009.

THOMAZONI, Andresa. **Vida e obra em imagem-tempo**. Dissertação (Mestrado). Orient. Tania Mara Galli Fonseca. Programa de Pós-Graduação de Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2010.

ULPIANO, Claudio. **Aula de 18/07/1995 - A filosofia e o cinema**: para uma nova imagem do pensamento. Disponível em: <<http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridserver.com/?p=114>>.

Acesso em 20 fev. 2010.

VASCONCELLOS, Jorge. A Pedagogia da Imagem: Deleuze, Godard – ou como produzir um pensamento do cinema. In: **Educação & Realidade**, 33(1):155-168, jan/jun 2008.

VÍDEO: **Os Alienados**. Roteiro de Grace Luzzi e direção de Marta Biavaschi, no programa Histórias Extraordinárias da RBSTV. Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp?source=DYNAMIC,blog.BlogDataServer.getBlog&uf=1&local=1&template=3948.dwt&section=Blogs&post=234626&blog=140&coldir=1&topo=4286.dwt> Acesso em 26 jun. 2011.

WADI, Yonissa Marmitt. **Palácio para guardar doidos**: uma história das lutas pela construção do hospital de alienados e da psiquiatria no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

ZAMBENEDETTI, Gustavo & SILVA, Rosane Azevedo Neves da. A noção de rede nas reformas sanitária e psiquiátrica no Brasil. In: **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 14, n.1, p. 131-150, jun.2008.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Tradução André Telles. Digitalização e disponibilização da versão eletrônica: Centro Interdisciplinar de Estudo em Novas Tecnologias e Informação. Rio de Janeiro, 2004.







Foto de Garavelo, 07 março de 2012. 2